

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO**

**BIOGRAFIA E HISTÓRIA NOS ESCRITOS DE  
JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA (1780-1846)**

**YAÍSA DE ARRUDA MARTINS**

**2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**BIOGRAFIA E HISTÓRIA NOS ESCRITOS DE JANUÁRIO DA CUNHA  
BARBOSA (1780-1846)**

**YAÍSA DE ARRUDA MARTINS**

*Sob a orientação da Professora  
Maria da Glória de Oliveira*

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ  
Julho de 2015

920.71

M386b Martins, Yaísa de Arruda, 1989-

T Biografia e história nos escritos de Januário da Cunha Barbosa (1780-1846) / Yaísa de Arruda Martins - 2015.

135 f.

Orientador: Maria da Glória de Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História.

Bibliografia: f. 111-121.

1. Barbosa, Januário da Cunha, 1780-1846 - Teses. 2. Historiadores - Brasil - Biografia - Teses. 3. Brasil - História - Teses. 4. Biografia - Teses. I. Oliveira, Maria da Glória de, 1961-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em História. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – Mestrado e  
DOUTORADO

*“Biografia e história nos escritos de Januário da Cunha Barbosa (1780-1846)”*

YAÍSA DE ARRUDA MARTINS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 06/07/2015

Banca Examinadora:

Professor(a) Doutor(a) MARIA DA GLÓRIA DE OLIVEIRA  
Orientador(a) e Presidente da Banca, UFRRJ

  
Professor(a) Doutor(a) ADRIANA BARRETO DE SOUZA - UFRRJ  
Professor(a) Doutor(a) FRANCISCO GOUVEA DE SOUSA - UERJ

*À três grandes mulheres:  
Ana (minha mãe), Magaly e Violantina*

## AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de começar os meus agradecimentos sem colocar em evidência o nome da minha orientadora Maria da Glória de Oliveira, uma pessoa ímpar, que me auxiliou desde o meu terceiro período de graduação, a amadurecer e crescer intelectualmente e também como pessoa.

Gostaria de agradecer também ao cônego Januário da Cunha Barbosa que foi o grande idealizador de tudo aquilo que pretendo analisar e mostrar a vocês! Ao longo desses anos nos tornamos amigos, é verdade que as vezes eu tinha vontade de não falar mais com ele, mas por fim nos tornamos íntimos.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Rural que me garantiu espaço privilegiado dentro da academia para desenvolver meus estudos sobre a intelectualidade brasileira do século XIX. Aos professores Márcia Gonçalves, Adriana Barreto e Francisco Gouvêa, que gentilmente aceitaram o convite para participar das avaliações do meu mestrado.

O passar dos anos deixam nossos rostos mais amenos, mas os corações ainda pulsam como os da juventude. Durante esses dois anos, pude vivenciar um pouco mais daquilo que sempre quis para minha vida, uma juventude inquieta com as mazelas do mundo. Queria agradecer aqueles que comigo buscaram, pelo menos nas discussões, os caminhos da história e da sociedade, esses são sem sombra de dúvida: Livia, Rafael, Grazi e Renilson. Gostaria de citar mais uma vez o casal de amigos, Livia e Rafael, para agradecer a amizade, a confiança e todo o amor que vocês dispõem a mim, saibam que é totalmente recíproco, tenho certeza de que nossa amizade será para sempre!

Vale também agradecer aqueles que em nenhum momento me deram energia positiva e uma palavra de carinho no momento da seleção do mestrado, vocês de certa forma também me deram força para chegar onde estou.

Durante meu período ruralino tive o prazer de conhecer pessoas que mudaram minha história de vida. Ao F1-17, por estar sempre presente em minha trajetória, ressaltando aqui os nomes de Daniele, Suelen e Iasca, tenho certeza de que nossos futuros ainda se entrelaçaram por muito tempo. Aos amigos que vieram da graduação gostaria de prestar especial agradecimento a Lorhany que me incentivou a fazer a seleção, sem sua força eu provavelmente não teria entrado no mestrado em 2013. Após ter finalmente entrado na Pós, outra fase começou,

e nela seguimos lado a lado, juntamente, agora com Bárbara Winther, em nossa querida República das Letras!!!

Gostaria também de agradecer aos funcionários da Rural que se dedicam a tornarem nossas vidas mais fáceis, dentre eles cito dois em especial, Cheila Chaves secretária da graduação que nos auxiliou no tão confuso “período 2012.3”, e em segundo, gostaria de lembrar do amigo “tio” Zé que muito cedo nos deixou, mas onde quer que esteja, tenho certeza de que está cuidando das meninas do F1!! Meu trabalho também foi realizado pra você, tio!

À minha família, fonte de inspiração, de carinho e de amor. Local onde aprendi que devo ter meu próprio pensamento, e também a respeitar o pensamento do próximo. Local onde descobri que força e superação andam lado a lado com o amor, e que desistir não é coisa que fazemos. Por fim, aos motivos da minha existência, Ana, Elimário e Raisal, minha vida não teria sentido, não seria organizada, não teria rumo, sem vocês. Só mais um adendo, muito obrigada pelo Bolsa Família desses dois anos!

E por fim, gostaria de agradecer a Deus por me fazer superar todas as dificuldades e adversidades que surgiram ao longo desses dois anos, pois sem a paciência que ele me fez cultivar, jamais teria acreditado que dois anos sem uma fonte de renda fixa fosse possível de ser logrado.

## **BIOGRAFIA E HISTÓRIA NOS ESCRITOS DE JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA (1780-1846)**

Resumo: Esta dissertação tem como objetivo analisar as biografias elaboradas por Januário da Cunha Barbosa, dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no período de 1839 a 1846, momento em que desempenhou o cargo de primeiro secretário perpétuo. O trabalho também pretende preencher uma lacuna dentro da historiografia, na qual a imagem de Cunha Barbosa está atrelada principalmente à atuação política no momento de Independência do Brasil. O foco da investigação está nos escritos biográficos de autoria de Cunha Barbosa, como parte relevante não somente da sua produção letrada individual, mas também do projeto historiográfico do IHGB, ao qual essa produção manteve-se vinculada. Também proponho como objetivos identificar as categorias de *grande homem*, *gênio* e de *providencialismo histórico* que estão imbricadas nesses relatos biográficos, além de evidenciar o caráter pedagógico e a função moralizante dessas biografias, cuja escrita está afinada com a concepção exemplar de história, bem como a preocupação de seu autor em fazer desta modalidade de escrita uma forma privilegiada de acesso ao passado da nação.

Palavras-chave: IHGB, Januário da Cunha Barbosa, Biografias.

Abstract: This thesis aims to analyze the biographies written by Januário da Cunha Barbosa, within the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB) in the period from 1839 to 1846, when he served as the first perpetual secretary. The work also aims to fill a gap in the historiography, in which Cunha Barbosa image is linked mainly to political activity at the period of Independence of Brazil. The focus of research is on biographical writings of Cunha Barbosa as an important part not only of their individual literate production but also the historiographical project of IHGB to which this production has remained linked. I propose also aims to identify the categories of *great man*, *genius* and *historical providentialism* that are embedded in these biographical accounts, besides highlighting the pedagogical and moralizing function of these biographies, whose writing is in tune with the exemplary conception of history as well as the concern of its author to do this writing mode of a privileged form of access to the past of the nation.

Keywords: IHGB, Januário da Cunha Barbosa, Biographies.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1: UM BRASILEIRO ILUSTRE: CONSTRUÇÕES DA MEMÓRIA DE JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA NO IHGB.....</b>	<b>24</b>
1.1 As virtudes de um cônego .....	24
1.2 Lembrado ou esquecido?.....	39
1.3 O que os contemporâneos dizem?.....	54
<b>CAPÍTULO 2: A ANTOLOGIA POÉTICA E BIOGRÁFICA DE JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA .....</b>	<b>58</b>
2.1 Dizem por aí.....	58
2.2 Antologias Poéticas .....	63
2.3 O Pioneiro .....	65
2.4 A Biografia em dois momentos: análise das biografias dentro do Parnaso .....	71
2.5 Biografia como escrita da história.....	73
<b>CAPÍTULO 3: VIDAS EXEMPLARES E CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA NACIONAL .....</b>	<b>78</b>
3.1 O panteon de Cunha Barbosa .....	78
3.1.1 Letras e Armas .....	90
3.1.2 As exceções.....	93
3.2 Muito além do que os olhos podem ver: uma análise das categorias de providencialismo, gênio e grande homem. ....	96
3.3 Grandes homens e o destino nacional .....	99
3.4 O gênio nacional .....	102
<b>Considerações finais .....</b>	<b>108</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>111</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO - Perfil dos biografados de Januário da Cunha Barbosa na seção da Revista do IHGB.....</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

### I

Em minha monografia de graduação, analisei a relação entre memória e história nas biografias publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de autoria de Januário da Cunha Barbosa (1780-1846).<sup>1</sup> Baseando-me nas proposições de Armelle Enders, pude observar como as notícias biográficas, incluídas na seção *Brasileiros ilustres por letras, armas e virtudes*, sinalizam características e valores da sociedade política sob o reinado de D. Pedro II, constituindo-se em uma “galeria nacional” que espelhava o perfil sócio-político dos sócios da agremiação, composta por “servidores e dignitários do Império”, provenientes em sua grande maioria das províncias do Sudeste.<sup>2</sup> Nesta nova pesquisa, aprofundarei a análise dos escritos biográficos de Cunha Barbosa, levando em consideração as categorias de *grande homem*, de *gênio* e de *providencialismo histórico*.

As narrativas acerca da trajetória de Januário da Cunha Barbosa, principalmente os discursos memorialísticos produzidos logo após sua morte, destacam, em geral, o momento em que foi nomeado cônego e orador sacro da Capela Real em 1808 e os fragmentos de sua vida anteriores a essa data resumem-se a relatos de sua orfandade ainda na tenra idade.<sup>3</sup> Nesse mesmo ano, Cunha Barbosa foi admitido, inicialmente como substituto, e depois em 1814 elevado a titular, para a cadeira de Filosofia Racional e Moral, na qual se dedicava às aulas régias de retórica, habilitando-se também para um cargo no desembargo do Paço Imperial.<sup>4</sup>

Recentemente, Lúcia Maria Paschoal Guimarães, no verbete escrito para o *Dicionário do Brasil Imperial*, dá maior ênfase à sua atuação nos anos anteriores à fundação do IHGB, com destaque para as atividades do cônego ligadas ao jornalismo durante o processo de

---

<sup>1</sup> MARTINS, Yaísa de Arruda. *Biografia, Memória e História nos Escritos de Januário da Cunha Barbosa*. Seropédica: UFRRJ/ICHS, 2013. Monografia de graduação.

<sup>2</sup> ENDERS, Armelle. O Plutarco Brasileiro. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000, pp. 41-61.

<sup>3</sup> Entre os textos memorialísticos dedicados ao cônego no século XIX, podemos destacar: SIGAUD, José Francisco Xavier. Elogio Histórico do Secretario Perpetuo Conego Januario da Cunha Barboza. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, pp. 185-190 e SISSON, Sébastien Auguste. *Galeria dos brasileiros illustres* (os contemporaneos), retratos dos homens mais illutres do Brasil, na politica, sciencias e letras, desde a guerra da independencia até os nossos dias, copiados por S. A. Sisson, acompanhados das suas respectivas biographias. Publicado sob a protecção de S. M. o Imperador. RJ, Lithographia de A. S. Sisson, 1859-1861, Vol I.

<sup>4</sup> SISSON, Sébastien Auguste. *Galeria dos brasileiros illustres* (os contemporaneos), retratos dos homens mais illutres do Brasil. op. cit., p. 111.

emancipação.<sup>5</sup> Nesse contexto, é importante esclarecer que a imprensa periódica era um espaço privilegiado para os debates políticos.<sup>6</sup> Lúcia Guimarães destaca a atuação de Cunha Barbosa nos acontecimentos que antecederam a Independência, período em que, ao lado de Joaquim Gonçalves Ledo, fundou, em 15 de setembro de 1821, o periódico semanal nomeado *Revérbero Constitucional Fluminense* (1821-1822), porta-voz dos ideais liberais e constitucionalistas.<sup>7</sup> Além disso, também é conhecida a participação do cônego em episódios importantes desse contexto, como o dia do Fico e a legislatura na Assembleia Geral, decisiva para o rompimento com a metrópole.<sup>8</sup>

Com os desdobramentos do processo de separação entre Brasil e Portugal, Cunha Barbosa foi mantido preso na Fortaleza de Santa Cruz, sendo deportado para a cidade portuária do Havre, na França, juntamente com José Clemente Pereira e Gonçalves Ledo, por ordem do ministro José Bonifácio.<sup>9</sup> Seu exílio do país deveu-se à acusação de “republicanismo”, no contexto da querela política entre os grupos de Gonçalves Ledo e dos Andradas.<sup>10</sup> Cunha Barbosa era membro da Loja Maçônica *Grande Oriente*, integrando o “grupo de Ledo” que, no contexto de efervescência constitucionalista da década de 1820, defendia como ideal político “um governo baseado na soberania popular, tendo D. Pedro como chefe escolhido pelo povo e subordinado a seus representantes”.<sup>11</sup> Já o “grupo do Bonifácio”, prezava uma constituição que

---

<sup>5</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Januário da Cunha Barbosa. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002, p. 394.

<sup>6</sup> Lustosa salienta que o período entre os anos de 1821 e 1823 foi de intensa disputa de projetos políticos antagônicos nas páginas dos periódicos, para mais detalhes ver: LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, Censura e Propaganda no Contexto da Independência do Brasil. Estudos: Revista de Investigações Literária y Culturales*. Julho-Dezembro, 2010, pp. 370-393. Disponível em: <http://www.revistaestudios.com.ve>. Acesso em fevereiro de 2013.

<sup>7</sup> No segundo capítulo da presente dissertação será realizada uma discussão sobre os diversos trabalhos referentes ao *Revérbero Constitucional Fluminense*, entre esses estudos está a pesquisa de: SILVA, Virginia Rodrigues da. O *Revérbero Constitucional Fluminense*, Constitucionalismo e Debate Político na Imprensa à Época da Independência. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho de 2011, pp. 1-16.

<sup>8</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Januário da Cunha Barbosa, op. cit., p. 394.

<sup>9</sup> Andréa Slemian demonstra que o processo que culminou com a quebra do exclusivo colonial, começou em 1815 quando, mesmo depois da Restauração na Europa, o rei D. João VI, decidiu permanecer no Brasil, elevando a colônia à condição de Reino. A insatisfação permaneceu até que no ano de 1820 eclodiu um movimento na cidade do Porto, no qual a população pedia o regresso do rei a Portugal. SLEMIAN, Andréa. *A Agitação política no Rio de Janeiro após a Revolução do Porto*. In: *Vida Política em Tempo de Crise: Rio de Janeiro (1808-1824)*. Aderaldo & Rothschild Editores, São Paulo, 2006, p.114.

<sup>10</sup> *Dicionário Bibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros* (1839/1860). Vol. 6. Rio de Janeiro: IHGB, 1998, p.28.

<sup>11</sup> NEVES, Lúcia M. Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais: cultura política da independência (1820-1830)*. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2003, p. 376. Como observa a autora, o *Revérbero Constitucional Fluminense* defendia a monarquia representativa constitucional como a melhor forma de governo, apoiando a figura de D. Pedro I, desde que o monarca se mantivesse subordinado às decisões da Assembleia Geral Constituinte e Legislativa. A noção de “soberania popular”, neste caso, envolve a participação dos “homens bons” que integrassem as Câmaras provinciais e o Senado.

limitasse os poderes da Assembleia Legislativa, garantindo ao soberano a autoridade suprema, baseada no direito legitimado pela dinastia.<sup>12</sup> A importância da maçonaria é tão expressiva nesse momento que Maria Renata da Cruz Duran afirma que, no caso de Cunha Barbosa, “sua atividade política parece confundir-se com sua qualidade de maçom”.<sup>13</sup>

O cônego só retornou ao Brasil com a saída dos Andradas do governo em 1823, um ano após ser expatriado. Em seu regresso, obteve do imperador D. Pedro I o grau de Oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro, mercê que se juntou às da Ordem de Cristo, da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa<sup>14</sup>, de Portugal, e a de Francisco, de Nápoles, e no ano de 1824, reassumiu a função de Cônego da Capela Imperial. Por seu trabalho em prol do Império, foi eleito, em 1826, para o cargo de deputado da Assembleia Geral, pela província do Rio de Janeiro.<sup>15</sup> Nesse período, como apontou Manoel Luiz Salgado Guimarães, o cônego “(...) inconformado com a acusação de ser muito radical e a fim de rebatê-la, (...) fortaleceu ainda mais suas convicções monarquistas (...)”.<sup>16</sup>

Como não se reelegeu para um segundo mandato na Assembleia Constituinte, fato que só voltou a ocorrer em 1845, começou a atuar em outras funções dentro do Estado. Assumiu cargos na Tipografia Nacional, no *Diário Fluminense*, na Biblioteca Nacional, além de exercer a função de examinador sinodal e cronista do Império.<sup>17</sup>

Como parte da produção letrada de Cunha Barbosa, além dos textos publicados na Revista do IHGB, destacam-se a narrativa épica *Nitheroy*<sup>18</sup>, os escritos que marcaram a sua

<sup>12</sup> Nessa disputa, o grupo de José Bonifácio garantirá espaço no início do governo de D. Pedro I. BARATA, Alexandre Mansur. Constitucionalismo e sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro (1822-1823): a Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz e o projeto de Constituição para o Império do Brasil. In: *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*. (Org.) José Murilo de Carvalho. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007, p. 356.

<sup>13</sup> DURAN, Maria Renata da Cruz. *Ecos do Púlpito: Oratória Sagrada no tempo de D. João VI*. São Paulo, Ed. Unesp, 2010, p. 117.

<sup>14</sup> Coleção Instituto Histórico. Carta Régia da Rainha de Portugal, nomeando o cônego Januário da Cunha Barbosa comendador Honorário da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Paço de Cintra, 23 de Julho de 1842. Lata 137, pasta 27.

<sup>15</sup> Os trabalhos de Bianca Martins de Queiroz e Juscelino Pereira Neto, trazem a informação de que o cônego foi deputado por Minas Gerais, porém o relato biográfico publicado por Sisson demonstra que ele foi convidado tanto pela província de Minas Gerais quanto pela do Rio de Janeiro, porém como era natural da região fluminense, assumiu o cargo por este local. SISSON, Sébastien Auguste. *Galeria dos brasileiros illustres* (os contemporâneos), retratos dos homens mais illustres do Brasil, na politica, sciencias e letras, desde a guerra da independencia até os nossos dias. op. cit., p. 112.

<sup>16</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, Edições Anpuh. p.72.

<sup>17</sup> DURAN, Maria Renata da Cruz. *Ecos do Púlpito: Oratória Sagrada no tempo de D. João VI*. op. cit., pp. 116-120.

<sup>18</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Nicteroy: Metamorphose do Rio de Janeiro*. Londres, Impresso por Greenlaw, 1822.

colaboração no periódico *A Mutuca Picante*<sup>19</sup>, e a edição da antologia *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, Tanto Ineditas, como ja Impressas*<sup>20</sup>.

No ano de 1838, quando fazia parte dos quadros da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), juntamente com o marechal Raimundo da Cunha Matos, Cunha Barbosa foi autor da proposta de fundação de uma nova agremiação - o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.<sup>21</sup> Werneck da Silva salienta em sua dissertação que, na formação inicial dos sócios do IHGB, a maioria dos sócios era proveniente do quadro de membros da SAIN.<sup>22</sup> Esse fato demonstra a forte ligação entre as duas agremiações nos momentos iniciais de institucionalização do IHGB. Porém, para Werneck, o Instituto, denominado em 1838 de “filial” da Sociedade Auxiliadora, pouco se preocupou com as vicissitudes da sua “matriz”, exceção feita para os trâmites da própria fundação.<sup>23</sup>

Dentro do IHGB, o cônego ocupou o cargo de primeiro secretário perpétuo, tornando-se figura fundamental para o desenvolvimento da instituição até a sua morte em 22 de fevereiro de 1846. A antropóloga Lilia Moritz Schwarcz destaca que o cônego Barbosa

foi o grande responsável pelos primeiros seis anos de vida da instituição. Poeta, orador sacro e biografista, fundou e dirigiu a *Revista do Instituto*, organizou o primeiro regimento do IHGB, assim como procurou tornar o grêmio carioca conhecido entre os centros históricos europeus, veiculando fora do país a revista e as pesquisas patrocinadas pelo instituto.<sup>24</sup>

Para registrar e divulgar os estudos produzidos pelos sócios, foi criada a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a *RIHGB*, com publicação trimestral. Idealizada no

<sup>19</sup> *A Mutuca Picante*. Rio de Janeiro, 1834-1835. Officina de Thomaz B. Hunt & C.

<sup>20</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1829-1832.

<sup>21</sup> Breve notícia sobre a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *RIHGB*, Tomo I, 1839, pp. 5-8. Sobre a SAIN ver também: BARRETO, Patricia R. Correa. Sociedade Auxiliadora da I. Nacional: uma oficina de ideias. *Anais do XIII Encontro Regional ANPUH-Rio*, 2008. Disponível: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212685654\\_ARQUIVO\\_ARTIGOREVISADO.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212685654_ARQUIVO_ARTIGOREVISADO.pdf).

<sup>22</sup> SILVA, José Luiz Werneck. Isto é o que me parece: A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1827-1904) na Formação Social Brasileira. A Conjuntura de 1871 até 1877. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1979. Vol I, p.91.

<sup>23</sup> SILVA, José Luiz Werneck. Isto é o que me parece: A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1827-1904) na Formação Social Brasileira. A Conjuntura de 1871 até 1877. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1979. Vol II, p.10.

<sup>24</sup> SCHWARCZ Lilia Moritz. Os Institutos Históricos e Geográficos: Guardiões da história oficial. In: *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.106.

mesmo ano de fundação da agremiação, o periódico teve como marco inicial de circulação o ano de 1839.<sup>25</sup>

O material impresso na Revista constituir-se-á como fonte primária para esta pesquisa, em especial as biografias produzidas no primeiro decênio de constituição do Instituto, publicadas na seção intitulada “*Biografias de Brasileiros Distintos por Letras, Armas e Virtudes*”.<sup>26</sup> O recorte temporal foi delineado a partir do período de atuação de Januário da Cunha Barbosa no IHGB, desde a fundação em 1839 até 1846, ano de seu falecimento, coincidindo com a publicação de seus escritos biográficos na Revista.

Dentro do Instituto, Januário da Cunha Barbosa produziu diversos tipos de escritos, dentre eles estão o “Relatório sobre a Inscrição da Gavia”<sup>27</sup>; o “Programma – Se a introdução dos escravos Africanos no Brazil embarça a civilização dos nossos indigenas, &c.”<sup>28</sup>; o “Programma. – Qual seria hoje o melhor systema de colonizar os Indios entranhados em nossos sertões &c.”<sup>29</sup> além de relatórios anuais apresentados como parte de sua função como primeiro secretário perpétuo da agremiação.

Entre os seus textos mais célebres e citados entre os historiadores que estudam o século XIX, está o famoso *Discurso* proferido no ato de fundação do IHGB, no qual, ao esboçar os parâmetros sobre como deveria ser escrita a história do Brasil, exalta a importância da produção de biografias e da sua publicação nas páginas da Revista do IHGB. Segundo ele, o registro das vidas de brasileiros ilustres serviriam para “arrancar do esquecimento” e fixar a memória dos grandes homens que construíram a nação. Em suas palavras,

Uma biographia dos mais preclaros Brasileiros é tarefa, de certo, mui superior às forças de um só homem, attentas as nossas circumstancias; mas a gloria que deve resultar de uma tal empresa accende o zelo dos que a teem encetado em comunhão de trabalho, e reflectirá tambem sobre o nosso Instituto, porque são do seu gremio os emprehendedores da desejada biographia brasileira; e se a sua modéstia me previa de lhes dar os devidos louvores por uma obra de honra

<sup>25</sup> No extrato dos estatutos do Instituto o relato de institucionalização da revista adverte que esta se “publicará de tres em tres mezes um folheto, (...) Nesta revista se publicarão, além das actas e trabalhos do Instituto, as memorias de seus membros que forem interessantes á historia e geographia do Brazil (...)”. Extracto dos Estatutos do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, 1839, *Revista do IHGB*, p. 18.

<sup>26</sup> Para um levantamento das biografias publicadas na seção da Revista do IHGB, ao longo do século XIX, ver: OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009, pp. 207-217. Tese de Doutorado.

<sup>27</sup> PORTO ALEGRE, Manoel d’Araújo; BARBOSA, Januario da Cunha. Relatório sobre a Inscrição da Gavia, mandada examinar pelo Instituto. *RIHGB*, 1838, p. 77.

<sup>28</sup> BARBOSA, Januario da Cunha. Programma – Se a introdução dos escravos Africanos no Brazil embarça a civilização dos nossos indigenas, &c. *RIHGB*, 1839, Tomo I, p. 123.

<sup>29</sup> BARBOSA, Januario da Cunha. Programma. – Qual seria hoje o melhor systema de colonizar os Indios entranhados em nossos sertões &. *RIHGB*, 1840, Tomo II, p.3.

nacional, a justiça não sofre que eu deixe de publicar os seus nomes em credito dos membros fundadores deste Instituto.<sup>30</sup>

Todas as realizações de Cunha Barbosa, principalmente as de cunho intelectual, foram efetuadas a partir de uma vasta rede de sociabilidade, criada a partir de suas atuações como padre, membro da maçonaria e letrado que circulava pela sociedade imperial oitocentista. Dentro dessa chave de pensamento, Ana Rosa Coclet da Silva chama a atenção sobre o campo de atuação dos clérigos brasileiros no século XIX, em um contexto marcado pela simbiose entre a “mentalidade cristã” e o “racionalismo secular” o que, segundo a pesquisadora, surge com a consolidação dos Estados Nacionais modernos.<sup>31</sup> Ainda segundo Coclet,

as relações entre *poder temporal e espiritual* nem sempre foram congruentes e harmoniosas. Tampouco limitaram-se ao âmbito institucional. Muitos clérigos aliaram de modo peculiar a *atividade pastoral e intelectual à atuação política*, buscando usufruir de suas redes de sociabilidade, do séquito de fiéis envolvidos pela aura mística do poder sacerdotal, em proveito de interesses próprios, resistindo às normatizações encaminhadas pelos Estados em construção.<sup>32</sup>

Nesse contexto, podemos perceber na figura de Cunha Barbosa, um desses padres que conciliaram a vida eclesiástica com a atuação na cena política do Brasil oitocentista. Ao longo da dissertação, e principalmente a partir do momento em que os escritos do cônego começarem a ser analisados, serão perceptíveis a conjunção dessas atuações e sua inserção no espaço de sociabilidades da Corte que, de forma direta, irá influenciar sua forma de pensar a história e de escrever biografias.

---

<sup>30</sup>BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso. *RIHGB*, Tomo I, 1839, p.14. Nas citações dos textos da Revista do IHGB, manterei a grafia e a pontuação originais.

<sup>31</sup>SILVA, Ana Rosa Coclet da. Padres Políticos e suas redes de solidariedade: uma análise da atuação sacerdotal no sertão de Minas Gerais (1822 e 1831). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, 2012, pp. 119-120.

<sup>32</sup>Idem, 121.

## II

O Oitocentos foi o momento em que a história se constituiu como ciência e disciplina autônoma.<sup>33</sup> Dentro dessa nova concepção, uma das principais características foi o esvaziamento do sentido da história revelada pelo sagrado.<sup>34</sup> Vale ressaltar que, a partir desse período, nação, civilização e revolução serão categorias centrais para a historiografia. A institucionalização do fazer história assumirá um papel ímpar na construção dos Estados nacionais, pois garantir um passado para a nação significava inseri-la no conjunto dos países civilizados.<sup>35</sup>

No Brasil, a criação do IHGB e a institucionalização da pesquisa e da escrita históricas, sob os auspícios do Imperador, articulou-se ao processo de centralização política do Estado monárquico, na primeira metade do século XIX. Esse caráter político está relacionado à estratégia de fundação da agremiação na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império, para onde deveria convergir a soma dos conhecimentos acumulados sobre a nação.<sup>36</sup>

Para Valdei Lopes de Araújo, a importância da história nesse momento, não está atrelada somente ao conhecimento do passado. Havia também a necessidade de possibilitar novas formas de compreender o próprio presente, pois “o destino da nação, sua identidade e legitimidade, a vida política, o lugar individual, todas essas questões pareciam exigir respostas históricas.”<sup>37</sup> A delimitação das bases de identificação da nação tornará possível elevar o Brasil ao *status* de nação civilizada, de acordo com os padrões europeus.<sup>38</sup> Em sua tese, Manoel Luiz Salgado Guimarães, ressalta que

(...) para os intelectuais do século XIX, a escrita da história tinha relação intrínseca com a questão nacional. Naquele contexto, a historiografia atendia a determinados objetivos políticos e ideológicos. Seu sentido só pode ser compreendido ao se levar em conta a questão fundamental de sua época.<sup>39</sup>

<sup>33</sup> Ver, entre outros: DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. *Lições de história*. O caminho da ciência ao longo do século XIX. Rio de Janeiro: FGV/ PUC-RS, 2010, pp. 15-31.

<sup>34</sup> BENATTI, Antonio Paulo. História, Ciência, Escritura e Política. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloízio de Oliveira (orgs.). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000 (Coleção Idéias), pp. 66-71.

<sup>35</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP/ Edusc, 2007, pp.57-58.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *História*. São Paulo, v.26, n.1, 2007, p. 159.

<sup>37</sup> ARAÚJO, Valdei Lopes de. A Experiência do Tempo na Formação do Império do Brasil: Autoconsciência Moderna e Historização. *Revista de História*, nº159, 2008, p. 130.

<sup>38</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil: 1838-1857*, op. cit., p.50.

<sup>39</sup> Idem, p. 55.

Dentro dessa perspectiva, vale ressaltar que o contexto em que Januário da Cunha Barbosa publica grande parte de seus escritos é marcado por quatro momentos importantes da política nacional: a Independência; o primeiro Reinado; a Regência e o início do segundo Reinado. Nesse período, não havia uma compreensão consensual do que seriam a pátria, o país e a nação, pois estas palavras não possuíam os significados que hoje lhes atribuímos. Também é certo afirmar que, tampouco no início das Cortes Gerais em Portugal, havia a intenção explícita de separação entre a colônia e a metrópole.<sup>40</sup> É nesse contexto de crise política que Cunha Barbosa atuou e desenvolveu seus escritos, em um dado momento mais combativo com as palavras, defendendo suas ideias políticas nas páginas do *Reverbero Constitucional Fluminense*, e em outro, elaborando biografias de figuras ilustres do passado colonial, com forte acento moral e pedagógico, para servirem de exemplos para os cidadãos da recém-emancipada nação brasileira.

Em grande parte dos trabalhos de pesquisa de história da historiografia e da história intelectual do Brasil, a figura de Januário da Cunha Barbosa é recorrentemente mencionada por sua atuação como fundador e primeiro secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.<sup>41</sup> Apesar de ser considerado um personagem memorável e ilustre no contexto político do Brasil Imperial, existem poucos estudos que se debruçam efetivamente sobre os seus escritos.

Entre as referências às obras do cônego, destaco o breve texto de apresentação de Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira, sobre a antologia poética por ele organizada entre os anos 1829-1832, intitulada *Parnaso Brasileiro, ou Colleção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, Tanto Inéditas, como já Impressas*, incluindo a obra entre os textos fundadores da história da literatura brasileira.<sup>42</sup> Dois estudos mais recentes, ainda em

---

<sup>40</sup> JANCÓS, István e PIMENTA, João Paulo Garrido. “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)”. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta. Formação história. A experiência brasileira*. São Paulo: Editora SENAC, 2000, pp. 129-132.

<sup>41</sup> Entre esses trabalhos, destacamos: CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história. *Historiografia e nação no Brasil do século XIX. Diálogos*, Maringá/Paraná, v. 8, 2004, pp. 11-29 e ARAUJO, Valdeci Lopes de. *A Experiência do Tempo – Conceitos e Narrativas na Formação Nacional Brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2008, pp. 107-188. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos: caminhos da historiografia*. Rio de Janeiro, n.1, 1988. e GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *RIHGB*, Rio de Janeiro, a. 156, n. 388, jul./set., 1995.

<sup>42</sup> MOREIRA, Maria Eunice; Zilberman, Regina. Januário da Cunha Barbosa: Parnaso brasileiro. In: *O Berço Cãnone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, pp.75-89.

andamento, têm por objeto a trajetória de Cunha Barbosa. O primeiro deles, o de Bianca Martins de Queiroz, pretende elaborar uma biografia intelectual do cônego, tendo por foco não apenas o alcance do projeto historiográfico do IHGB de fornecer um passado adequado às pretensões da monarquia, mas apresentar “um panorama mais completo das principais referências ideológicas” presentes no cenário político brasileiro do século XIX.<sup>43</sup>

O outro trabalho, de Juscelino Pereira Neto, também tem por foco a trajetória política do cônego com a preocupação específica de cotejar as informações contidas nas biografias de Cunha Barbosa, cruzando-as com os discursos daqueles que seriam os seus adversários políticos. Dessa forma, pretende "sustentar como a inter-relação de categorias como o tempo e passado - e, por conseguinte, a História - era dimensionada pelos elementos clássicos de *exemplo e imitação*".<sup>44</sup>

Diferentemente da proposta de Queiroz e de Neto, que propõem estudos centrados na trajetória política do cônego, pretendo focar a investigação nos escritos biográficos de autoria de Cunha Barbosa, como parte relevante não somente da sua produção letrada individual, mas também do projeto historiográfico do IHGB, ao qual essa produção manteve-se vinculada. Evidentemente que, para investigar os escritos biográficos de Cunha Barbosa, será necessário considerar a sua inserção nos quadros da elite letrada do Brasil imperial, entre os atores da construção do Estado-nação, a partir de 1822.

Neste sentido, tomamos por referência a distinção proposta por Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves ao tratar da história política do Império no século XIX, entre dois grandes grupos de figuras públicas e letradas: uma *elite coimbrã* e uma *elite brasiliense*.<sup>45</sup> Na primeira, concentravam-se indivíduos que, por conta da ascendência social e familiar privilegiada, concluíam sua formação na Universidade de Coimbra, tendo a magistratura como carreira dominante, destacando-se entre seus integrantes os irmãos Andradas, José Bonifácio, Antônio Carlos e Martim Francisco. Já a *elite brasiliense*, era constituída por sujeitos oriundos de

---

<sup>43</sup> QUEIROZ, Bianca Martins de. Januário da Cunha Barbosa (1780-1846): A Trajetória de um dos Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, julho de 2011. p. 1.

<sup>44</sup> NETO, Juscelino Pereira. O Cônego Januário da Cunha Barbosa: Uma Trajetória Política na Corte Imperial (1821-1846). *Anais Volume 1: V Seminário de Pesquisa Programa de Pós-Graduação em História Social* Universidade Estadual de Londrina 18 a 20 de outubro de 2011, p. 138.

<sup>45</sup> Vale ressaltar que Neves privilegiou, dentre outros sujeitos, os autores de veículos de transmissão da cultura, como os folhetos e os periódicos da época, o que os transformava em produtores de bens simbólicos. NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e Constitucionais a cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan, FAPERJ, 2003.

famílias sem grande poder aquisitivo, nascidos e formados no Brasil e que, majoritariamente, voltavam-se para a carreira eclesiástica.<sup>46</sup>

Como já foi destacado, a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro esteve diretamente ligada ao processo de consolidação do Estado Nacional, havendo, portanto, uma direta vinculação da agremiação com o projeto político da nação recém emancipada.<sup>47</sup> Nesse contexto, o IHGB ficou com a responsabilidade de construir uma historiografia que fornecesse uma identidade própria e diferenciada do Brasil diante das demais nações.<sup>48</sup>

Ao abordar as diretrizes que orientaram os trabalhos dos sócios da agremiação, Manoel Salgado Guimarães recorre ao célebre discurso de Cunha Barbosa, no qual o cômego afirma que a busca, o arquivamento e a publicação de trabalhos e fontes referentes à história do país seriam as tarefas centrais dos seus consócios.<sup>49</sup> Uma das formas escolhidas para a constituição da história nacional foi a construção de uma galeria de heróis nacionais, capaz de fornecer exemplos para as próximas gerações.<sup>50</sup>

Em sua tese, Lúcia Guimarães apresenta uma análise de dados que possibilita uma melhor compreensão do perfil dos sócios e da dinâmica das relações existentes no IHGB, nos anos iniciais de sua institucionalização.<sup>51</sup> Ao tratar da composição inicial da agremiação, a autora percebe que grande parte dos sócios fundadores estiveram presentes em momentos importantes da trajetória do Estado Imperial. Abordando o perfil de formação, ocupação e origem social desses primeiros sócios, a historiadora utiliza como referência a hipótese de José Murilo de Carvalho<sup>52</sup>, de que a homogeneidade ideológica do grupo foi propiciada principalmente pela “socialização dos seus integrantes”.<sup>53</sup> Carvalho entende que a educação e a ocupação de cargos na carreira política forneceram as bases para a coesão das elites letradas no Brasil imperial.<sup>54</sup>

---

<sup>46</sup> Idem, pp. 86-87.

<sup>47</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos: caminhos da historiografia*. op.cit.

<sup>48</sup> Idem, pp. 5-6.

<sup>49</sup> Idem, p. 4.

<sup>50</sup> Idem, p.15.

<sup>51</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. RIHGB, Rio de Janeiro, a. 156, n. 388, jul./set., 1995.

<sup>52</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem. Teatro das sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 13-47.

<sup>53</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. op. cit., p. 475.

<sup>54</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 21.

Nos anos 2000, com a ampliação dos estudos sobre o IHGB, o exame do material publicado na Revista conquistou mais espaço nas pesquisas acadêmicas. Entre esses estudos, está a tese de Temístocles Cezar, defendida na França, em 2002, sob a orientação de François Hartog.<sup>55</sup> Um dos pontos observados pelo autor ao analisar as relações entre a escrita da história e a construção de uma “retórica da nacionalidade” no Brasil do século XIX, foi a centralidade do gênero biográfico. Em suas palavras,

as biografias fazem parte, (...), do mesmo regime de historicidade que orienta os demais planos historiográficos do IHGB e de parte considerável da elite intelectual brasileira ao longo do século XIX: a *historia magistra vitae* (a história mestra da vida) promotora de exempla (de modelos) a serem seguidos (...).<sup>56</sup>

Outra historiadora, já citada anteriormente, que aborda a questão biográfica e a construção dos vultos nacionais no século XIX brasileiro é Armelle Enders. Na visão da autora francesa, o processo de panteonização dos grandes homens no Brasil pode ser entendido como “um amplo empreendimento de reconciliação das elites”. E, nesse sentido, considera que o IHGB, através das páginas de sua revista, foi um dos depositários do dever de criar esse “*panteon* de papel” brasileiro. Para Enders, os sujeitos biografados que constituem esse *panteon* “(...) recolhem apenas as migalhas do culto dinástico do reinado de dom Pedro II (...)”, esse sim o grande homem da nação, enquanto esses ilustres são merecedores de “(...) demonstrações cívicas (...)”.<sup>57</sup>

De acordo com Maria da Glória de Oliveira, as biografias publicadas na Revista do IHGB tinham como propósito mais imediato a preservação da memória de personagens ilustres que, de alguma forma, contribuíram para a construção da nação.<sup>58</sup> Desse modo, no Brasil, ao longo do século XIX, “historiografia e biografia compartilharam não apenas os propósitos de fixação dos fatos e nomes memoráveis, de modo a que eles espelhassem os valores políticos e morais da nação, mas também as ambições de verdade e fidedignidade na representação do seu

<sup>55</sup> CEZAR, Temístocles. *L'écriture de l'histoire au Brésil au XIXe siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité*. Le cas Varnhagen. Paris: EHESS, 2002. Tese de Doutorado.

<sup>56</sup> CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história & cultura*, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, p. 74.

<sup>57</sup> ENDERS, Armelle. O Plutarco Brasileiro. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000, p. 59.

<sup>58</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. Tese de Doutorado.

passado”, o que conferiria um caráter historiográfico aos textos biográficos.<sup>59</sup> Podemos perceber que esse *panteon* não se reduzia exclusivamente a servir de espelho à nação, pois também representava uma relação de dívida e herança do Império para com o seu passado colonial.<sup>60</sup> Sendo assim, essas vidas também devem ser compreendidas como parte da lembrança do passado, mas somente de um passado digno dos registros da memória, ou que, na visão desses letrados, possuísse mérito de ser resgatado.

Ao fazer uma análise da composição de biografias em finais do século XVIII e início do XIX, a historiadora Márcia Gonçalves de Almeida percebe que estas se articulam com base na tríade biografia/história/nação.<sup>61</sup> Ao destacar o conjunto de produções biográficas brasileiras, a autora entende que, nessas galerias, foram eleitas vidas de brasileiros que se cruzavam com os acontecimentos da nação, pois

a tônica era contribuir para a elaboração e circulação de autorreferências que fizessem significar o império do Brasil como nome próprio, singular, específico, alteridade que se firmava como independente do império ultramarino do reino de Portugal.<sup>62</sup>

Outro ponto destacado pela historiadora é que, nesse momento, serão exaltadas as características de “gênio” e “herói” dos indivíduos biografados.<sup>63</sup> O “gênio”, na concepção dos autores românticos, seria o intérprete perfeito de si e do mundo, ou seja, sua percepção daquilo que o rodeava era mais aguçada do que a dos outros seres humanos, expressando essa compreensão a partir de obras únicas e originais. Todos os indivíduos possuiriam a potencialidade de ser um gênio, mas poucos, de fato, o seriam, daí o caráter “individualizador e diferenciador da genialidade”. Já na categoria de “herói”, a ênfase estaria nas especificidades de cada sujeito, servindo para a “construção de modelos de ação virtuosa”, passíveis de serem seguidos e imitados.<sup>64</sup>

---

<sup>59</sup> Idem, p. 190.

<sup>60</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista, op.cit., p. 156. A palavra francesa *panteon* (em português, panteão) designa o monumento erigido para receber os restos mortais dos homens ilustres. No caso das biografias produzidas pelos sócios do IHGB, o “monumento” seria as páginas da *RIHGB*.

<sup>61</sup> GONÇALVES, Márcia. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial – 1831-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009. Vol. II., p. 431.

<sup>62</sup> Idem, p. 440.

<sup>63</sup> Idem, pág. 454.

<sup>64</sup> Idem, pp. 456-457.

A partir das referências mencionadas, meu trabalho pretende dialogar com estudos sobre as relações entre biografia e história, contribuindo para uma análise focada na escrita biográfica de Cunha Barbosa. Assim, buscarei compreender as vinculações do seu projeto biográfico às tarefas da pesquisa e escrita da história nacional no IHGB, missão orientada pelo princípio da fórmula clássica da *historia magistra vitae*, segundo a qual a história serve “como coleção de exemplos – *plena exemplorum est historia* [a história é cheia de exemplos] – a fim de que seja possível instruir por meio dela”.<sup>65</sup>

Também proponho como objetivos identificar as categorias de grande homem e de providencialismo histórico que estão imbricadas nesses relatos biográficos, além de evidenciar o caráter pedagógico e a função moralizante dessas biografias, cuja escrita está afinada com a concepção exemplar de história, bem como a preocupação de seu autor em fazer desta modalidade de escrita uma forma privilegiada de acesso ao passado da nação.

Sobre a temática do “grande homem”, será necessário considerar que a figura do herói, no século XVIII, passou por um momento de crise, sendo contestado o seu caráter “semidivino” em nome da razão iluminista, assim como os valores guerreiros e militares que esse herói representava tornaram-se ultrapassados.<sup>66</sup> Nessa nova condição, o mérito pessoal passou a ser medido pelas contribuições de certos indivíduos em prol da humanidade e para a edificação de um patrimônio cultural universal.<sup>67</sup> Assim, segundo François Dosse, “o século XIX, com o progresso dos valores liberais e democráticos, além do aprofundamento da questão social, agravou a crise do herói, opondo-lhe uma estratégia de suspeita a fim de fazer valer outras lógicas mais coletivas, sociais”.<sup>68</sup> No contexto de formação dos estados nacionais, a noção de “grande homem” adquire a conotação de “patriota exemplar”, ou seja, como aquele que desempenhou, em sua vida, atos em favor da construção da nação.

Quanto à análise da categoria de “providencialismo histórico” nas biografias elaboradas por Cunha Barbosa, podemos ressaltar como um dado importante para o entendimento dessa relação a própria formação religiosa do cônego, além da atuação de destaque no mundo eclesiástico na função de orador sacro do Estado imperial. O trabalho de Giorgio de Lacerda Rosa salienta que a linguagem do providencialismo foi correntemente

---

<sup>65</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006, p. 43.

<sup>66</sup> DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*: Escrever uma Vida. São Paulo, Edusp, 2009, p.166.

<sup>67</sup> Idem, pp. 166-167.

<sup>68</sup> Idem.

utilizada no Oitocentos brasileiro, podendo ser considerada um dos “elementos estruturantes” da escrita histórica nesse contexto. Segundo o autor, o providencialismo permitia “(...) aos sujeitos do processo constituir um quadro de referências capaz de organizar, mesmo que provisoriamente, uma realidade em crise.”<sup>69</sup>

Como pressuposto da pesquisa, as biografias escritas por Cunha Barbosa serão analisadas como parte integrante do projeto historiográfico desenvolvido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.<sup>70</sup> Neste caso, o gênero biográfico será compreendido como uma forma de escrita da história no século XIX.<sup>71</sup>

Além das biografias, outras fontes também serão analisadas para a melhor compreensão do projeto biográfico de Januário da Cunha Barbosa. Dentre elas, estão as biografias incluídas no *Parnaso Brasileiro*. Também privilegiarei, dentro das publicações da Revista do IHGB, alguns textos como o célebre *Discurso*, proferido pelo cônego no ato de fundação da agremiação, além de relatórios de Cunha Barbosa como primeiro secretário perpétuo do Instituto.

Como tarefa inicial para o estudo da produção biográfica do cônego, no primeiro capítulo da dissertação, investigarei como ele próprio tornou-se um “brasileiro ilustre” e objeto de inúmeros discursos de cunho biográfico, através dos quais foi construída a memória em torno de seu nome. O objetivo não será o de traçar uma biografia de Cunha Barbosa, mas o de demonstrar como as formas de lembrar e retratar a sua figura sofreram variações através de diversas narrativas que, em diferentes contextos, ora exaltavam, ora silenciavam aspectos da sua trajetória de vida e da sua produção letrada.

Já no segundo capítulo, tentarei compreender como se deu a aproximação do cônego com a escrita biográfica, remontando aos seus escritos anteriores à criação do IHGB e, em especial, aos breves textos biográficos publicados na antologia poética *Parnaso Brasileiro*, por ele organizada, entre 1829 e 1831<sup>72</sup>. O objetivo será o de identificar a constituição do projeto

---

<sup>69</sup> Nesse momento, a crise se revela na ruptura com o pacto colonial. ROSA, Giorgio de Lacerda. *A Suprema Causa Motora: O Providencialismo a Escrita da História no Brasil (1808-1825)*. Mariana, 2011, p. 15. Dissertação de Mestrado.

<sup>70</sup> CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. Méis: história & cultura, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, pp.73-94. OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. Tese de Doutorado.

<sup>71</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. op., cit.

<sup>72</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Quadro resumido da vida de Grégorio de Matos Guerra. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno nº5, p.47-

biográfico idealizado pelo primeiro secretário perpétuo, que tomará forma nas páginas do periódico do IHGB a partir de 1838, e a idealização de um *panteon de papel* como tarefa constituinte da escrita da história que começou a ser pensada dentro dessa instituição.

E, por fim, no terceiro capítulo, a análise das biografias de autoria de Cunha Barbosa, incluídas na seção de brasileiros ilustres da Revista do IHGB, terá por base as noções de *grande homem*, *gênio* e *providencialismo histórico*, categorias identificadas recorrentemente nos escritos do cônego. Também procurarei identificar o perfil dos “brasileiros ilustres” eleitos pelo cônego, as formas e estruturas narrativas com que suas biografias foram elaboradas, buscando investigar como o elogio das vidas exemplares do passado colonial articulava-se à construção da história nacional.

---

53. 1830; BARBOSA, Januario da Cunha. Breve notícia sobre a vida de Doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno nº6, p.28-32. 1830; BARBOSA, Januario da Cunha. Breve notícia sobre a vida de Domingos Caldas Barbosa. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno nº8, p.17-19. 1832.

CAPÍTULO 1:  
**UM BRASILEIRO ILUSTRE: CONSTRUÇÕES DA MEMÓRIA DE JANUÁRIO DA  
 CUNHA BARBOSA NO IHGB**

### 1.1 As virtudes de um cônego

O padre Januario da Cunha Barbosa (1780-1846) não é tão notavel como Caneca e Natividade Saldanha; mas é uma figura de valor. Orador e poeta, politico e litterato, foi um homem activo, uma mediocridade cheia. Como orador não tinha ousadias; como poeta repetia a centesima edição do classicismo inerte. Na politica trabalhou para a nossa emancipação; na litteratura biographou alguns escriptores patrios; estes ultimos são os seus melhores titulos.<sup>73</sup>

Na citação acima, Silvio Romero, em 1888, lança duras críticas ao cônego Januário da Cunha Barbosa. Seu principal intuito, assim como muitos de sua geração, era contestar o lugar de produção historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que, desde a sua fundação, estivera atrelado ao Estado monárquico, por isso o alvo em um dos capítulos de sua *História da Literatura Brasileira* foi o primeiro secretário perpétuo.<sup>74</sup> Diferentemente da visão de Romero, grande parte dos elogios biográficos dirigidos à figura do cônego, realizados em sua grande maioria por sócios do IHGB, não serão marcados pelas críticas, mas sim pela exaltação de sua obra e de sua vida.

Apesar da criticidade, Romero revela dois pontos que fariam de Cunha Barbosa uma “figura de valor”, o primeiro seria a atuação no movimento de emancipação do país, e o segundo, a produção de biografias, as quais ele frisa serem seus melhores projetos. Mas será que a figura de Januário da Cunha Barbosa poderia ser reduzida a “uma mediocridade cheia”, como o define Romero? Ou será que essa imagem do cônego era compartilhada por todos os letrados do século XIX?

---

<sup>73</sup> ROMERO, Sylvio. Oradores Sagrados - Poesia Religiosa e Patriótica. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Primeiro (1500-1830), 1888, Rua do Ouvidor, 71, B.L. Garnier – Livreiro Editor, pp.335-339.

<sup>74</sup> Sobre a “geração de 1870”, da qual Romero é um dos nomes mais destacados, Ângela Alonso salienta que, embora abarcasse um grupo de intelectuais de origem social heterogênea, compartilharam a experiência de “marginalização política” naquele contexto, daí a postura de contestação e crítica ao *status quo* imperial. ALONSO, Ângela. Crítica e Contestação: o movimento reformista da geração de 1870. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 15, nº44, Outubro de 2000, pp. 35-36.

Para averiguar melhor essa suposição, analisaremos diversos trabalhos nos momentos distintos em que o cónego foi rememorado, tanto no século XIX, quanto no XX. Vale atentar para o fato de que as diferenças sobre a forma de retratar a figura do primeiro secretário perpassam principalmente o lugar e o tempo de fala de cada autor.

Dentro do IHGB, a sessão de 8 de março de 1846 foi convocada de maneira extraordinária, sendo dedicada à escolha do sócio que tomaria assento na posição de 1º secretário perpétuo do Instituto, já que o então secretário Cunha Barbosa havia falecido no dia 22 de fevereiro do mesmo ano. É importante ressaltar que, na ata desta reunião consta que, no ano de 1846, ainda não havia sido realizada nenhuma reunião dos sócios da agremiação, devido à enfermidade do cónego. A partir desse ato, podemos analisar a perceptível necessidade da presença de Cunha Barbosa para a execução das disposições da instituição. Na mesma ocasião, foi proferida a transcrição do elogio fúnebre, realizado por Manoel de Araújo Porto Alegre, na hora de “baixar o corpo á sepultura”.<sup>75</sup> Nesse discurso, o então presidente e orador do IHGB tenta demonstrar as duas faces que julgava mais importantes do cónego, afirmando que “sua vida se dividiu entre o altar e a pátria”.<sup>76</sup>

O vocabulário no período da independência foi marcado pela diferença dos significados dos vocábulos pátria, país e nação.<sup>77</sup> É provável que no momento em que o Araújo Porto Alegre enuncia as qualidades do cónego e ressalta que sua vida havia sido voltada para pátria, uma recente formulação e o crescente sentimento de pertença da nova configuração política tenha sido evocada.

Em sua argumentação, o orador enfatiza o lado patriótico de Januário da Cunha Barbosa, e evidencia que, ao fazer associações com instituições e academias do exterior, ele havia divulgado o nome do Brasil por todo o mundo. Também chama a atenção para o fato de que, desde os primeiros movimentos para a separação dos laços que uniam Brasil e Portugal, o cónego havia sido um dos maiores defensores da implantação de um modelo de governo monárquico, silenciando de certa forma os motivos de seu exílio, ou seja, a acusação de republicanismo. Desse modo, Araújo Porto Alegre entrelaçava a vida do cónego com a do

---

<sup>75</sup> Ata da 145ª sessão em 8 de março de 1846. *RIHGB*, Tomo VIII, 1846, pp. 144-152. O sócio eleito para ocupar o cargo antes desempenhado por Januário da Cunha Barbosa, foi Manoel Ferreira Lagos.

<sup>76</sup> *Idem*, p. 146.

<sup>77</sup> JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: *Viagem Incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000)*. MOTA, Carlos Guilherme (Org.). 2ª edição, Editora SENAC, São Paulo, 2000, p. 130.

Império, ressaltando que o padre foi um dos maiores defensores da Independência, que “(...) erguia a sua voz impavida para anathematizar uma politica oppressôra.”<sup>78</sup>

Ao mudar seu foco para a vida religiosa de Cunha Barbosa, o presidente do Instituto ressaltava, principalmente, seu grande poder de eloquência: “O pomo espinhoso e ressequido pelo sol ardente nos seus labios fluia mel; e a estrada escabrosa da virtude evangelica parecia-se com as planicies do Edem quando era apontada pelo seu dedo de orador”.<sup>79</sup>

No decorrer de seu discurso, Araújo Porto Alegre elencava uma série de instituições que lamentavam a morte do literato, dentre elas, a Assembleia de Cônegos, “um dos seus mais bellos ornatos”; o Parlamento, que se privava de um grande produtor de documentos; a Sociedade Auxiliadora que perdia o seu maior agente “permutador das riquezas naturaes”, fato que, segundo Porto Alegre, podia ser comprovado nas páginas de *O Auxiliador da Indústria Nacional*<sup>80</sup>. Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Cunha Barbosa havia sido “o seu maior apoio, a columna monumental de sua fundação: elle era o piloto que dirigia do fundo do gabinete essas viagens scientificas, o depositario que recolhia e espelhava os thesouros occultos de nossos annaes, o mais zeloso conservador de sua gloria e de sua existencia.”; e, por último, a Igreja também sofria a perda um de seus grandes oradores, um sacerdote ilustre, que era generoso sem possuir bens.<sup>81</sup>

Assim como em grande parte dos elogios biográficos publicados nas páginas da *Revista do IHGB*, Porto Alegre relatava que o cônego passara por diversas provações durante a vida, entre elas estaria o período de exílio, assunto sempre controverso da vida do cônego. Nos textos memorialísticos dos literatos do século XIX, ficam muito vagos os motivos da sua expulsão do país, embora todos afirmem que Cunha Barbosa sofreu retaliações injustamente, destacando que ele era inocente das acusações recebidas, como aponta Manuel de Araújo Porto Alegre no trecho a seguir:

---

<sup>78</sup> Ata da 145ª sessão em 8 de março de 1846, op. cit., p. 145.

<sup>79</sup> Idem, p. 146.

<sup>80</sup> O jornal *O Auxiliador da Indústria Nacional (AIN)*, do qual Januário da Cunha Barbosa era um dos responsáveis pela redação, foi o meio de divulgação dos trabalhos desenvolvidos pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), local onde o IHGB foi pensado e criado sob seus auspícios, e teve como período de circulação de janeiro de 1833 a dezembro de 1892, sendo publicado mensalmente. MURASSE, Celina Midiore. O Jornal *O Auxiliador da Indústria Nacional* e a Campanha pela Fundação de Instituições Educativas: 1833 a 1850. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/39.pdf>., acessado em 12 de Abril de 2014.

<sup>81</sup> Ata da 145ª sessão em 8 de março de 1846, op. cit., p. 149.

colocado nas fileiras dos independentes, nunca poupou as fadigas do espírito e do corpo: depois de uma ardua e perigosa viagem a Minas, veio repousar cansado no fundo de um ergastulo, e sofreu o supplicio da deportação; lutou na terra estranha com o abutre da miseria, e, regressando, innocente como era, aos patrios lares (oh! decretos de Deus, peripecia das grandezas da terra!) encontrou no meio do Oceano aquelle mesmo que havia referendado o seu exilio, igualmente banido, e igualmente innocente.<sup>82</sup>

De acordo com a fala do orador, Cunha Barbosa passou por momentos de miséria, - esse fato é incorporado à sua narrativa para corroborar a ideia de que o cônego foi um grande homem que venceu os percalços da vida – retornando ao país, inocentado das acusações recebidas e colocado na posição de "(...) um dos creadores d'esta patria que possuímos, um dos constituidores d'esta nova monarchia, e um constante sustentaculo da liberdade."<sup>83</sup> Neste mesmo trecho, o Araújo Porto Alegre faz alusão à deportação dos Andradas do país e, mais especificamente, a José Bonifácio, afirmando que o cônego havia encontrado "(...) no meio do Oceano aquelle mesmo que havia referendado o seu exilio (...)".<sup>84</sup> Nesse momento, o autor não assume uma posição com relação à querela entre os grupos formados na época da Independência, apenas relatando que ambos os lados eram innocentes. Neste caso, é perceptível a premissa de que abordar assuntos sobre o passado recente do país era algo a ser evitado entre os sócios do Instituto.<sup>85</sup> No final de sua locução, Manuel de Araújo Porto Alegre propõe que sejam erguidos bustos dos fundadores do Instituto,

Silencioso e com profunda dôr ouviu o Instituto a leitura do discurso supra, e votou unanimemente, e sem discussão, por proposta do Sr. Porto Alegre, que se mandasse fazer o busto do fallecido 1.º secretario, afim de ser inaugurado em sessão solemne juntamente com o do finado marechal Raymundo José da Cunha Mattos, como os dois fundadores d'esta associação.<sup>86</sup>

---

<sup>82</sup> Idem, pp.150-151.

<sup>83</sup> Idem, p. 151.

<sup>84</sup> José Bonifácio foi deportado para a França, após a dissolução da Assembleia Constituinte, em novembro de 1823. Neste mesmo ano, absolvido das acusações de "republicanismo", Cunha Barbosa retornava ao Brasil, após o exílio, decretado por Bonifácio, então ministro, logo após a aclamação do imperador. Ver: NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. José Bonifácio. In: VAINFAS, R. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial*, op. cit., pp. 424-425.

<sup>85</sup> Sobre o veto à história do presente no IHGB, ver: OLIVEIRA, Maria da Glória de. Brasileiros Ilustres no Tribunal da Posteridade. In: *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 26, nº43: jan/jun, 2010, pp. 283-298.

<sup>86</sup> Idem, p. 151. A proposta de Araújo Porto Alegre consta nos arquivos do IHGB nos seguintes termos: "Proponho que o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil mande fazer o busto do conego Januario da Cunha Barboza (...) que façam huma Sessão d'inauguração d'sua memória, assim como ao do outro fundador o general Cunha Mattos. Segunda sessão de março de 1846. Manuel de Araújo Porto Alegre, passim." Coleção Instituto Histórico, Lata 188, Doc. 23.

Nos anos que se seguem até a inauguração dos monumentos, muito pouco foi comentado sobre a figura de Cunha Barbosa nas páginas da Revista do Instituto. Ainda no ano de 1846, alguns sócios correspondentes remeteram cartas à sede do IHGB, relatando seus pêsames quanto à morte do primeiro secretário perpétuo. Exemplo disso é a carta do sócio Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, da Bahia, que escreveu “participando o doloroso sentimento que lhe causara a morte do nosso secretario perpetuo (...)”.<sup>87</sup> Outro sócio a transmitir os pêsames, citado na mesma ata, foi o baiano Francisco Ezequiel Meira.<sup>88</sup> Entre os sócios correspondentes, o membro honorário da Argentina, Pedro de Angelis, também lamentou a perda do cônego.<sup>89</sup>

Todas essas correspondências, principalmente as que versam na continuidade ao auxílio às pesquisas do Instituto, trazem à tona a importância da figura de Cunha Barbosa, pois na fala desses sócios é perceptível que o principal vínculo com o IHGB até aquele momento era por via de correspondência com o cônego, tendo que, depois de sua morte, reafirmar seu elo com os demais sócios da agremiação.

Ainda como desdobramento de seu discurso no velório de Cunha Barbosa, na sessão do dia 17 de junho de 1847 é proposta por Manoel de Araújo Porto Alegre, juntamente com Manoel Ferreira Lagos e Francisco Manoel Raposo de Almeida, uma sessão extraordinária para “comemorar a saudade” dos membros falecidos do Instituto e também do príncipe Imperial Dom Affonso.<sup>90</sup> Na sessão do dia 28 de outubro, ficaria decidida a data desse evento para relembrar os falecidos e inaugurar os bustos dos sócios fundadores: dia 22 de fevereiro de 1848.<sup>91</sup> Nesse ano, ficou acordado que uma edição extra da *Revista* trimestral seria colocada em circulação, contendo novos elogios e discursos em homenagem aos fundadores, Januário da Cunha Barbosa e a Raymundo José da Cunha Mattos.

O décimo primeiro tomo da Revista é totalmente dedicado à publicação de discursos declamados na sessão de homenagens a Dom Affonso e aos membros falecidos do Instituto.<sup>92</sup> Os discursos e oblações iniciais são dedicados ao príncipe morto e a seus pais. É importante

<sup>87</sup> Ata da sessão 148ª do dia 30 de abril de 1846. *RIHGB*, 1846, Tomo VIII, p. 289.

<sup>88</sup> Ata da sessão 149ª do dia 14 de maio de 1846. *RIHGB*, 1846, Tomo VIII, p. 293.

<sup>89</sup> Ata da sessão 152ª do dia 6 de agosto de 1846. *RIHGB*, 1846, Tomo VIII, p. 417. Dentro das atas do ano de 1846, diversos são os sócios que mandam suas condolências, mas já no ano de 1847 elas começam a escassear e chega um momento em que não são mais perceptíveis nas páginas da Revista.

<sup>90</sup> Ata da sessão 169ª do dia 17 de junho de 1847. *RIHGB*, 1847, Tomo IX, 1847, p. 289.

<sup>91</sup> Ata da sessão 181ª do dia 28 de outubro de 1847. *RIHGB*, Tomo IX, 1847, pp. 564-565. A data ainda sofreu alterações e a cerimônia, de fato, ocorreu no dia 6 de abril de 1848.

<sup>92</sup> Segundo os elogios proferidos nessa festividade, D. Afonso foi o primogênito de D. Pedro II, que havia falecido ainda criança.

frisar que D. Pedro II estava presente na sessão, sendo esta a oportunidade que muitos literatos tinham de arrecadar graças do Imperador, tanto para si, quanto para o Instituto.

Em seu discurso, o Presidente da agremiação, Candido José de Araújo Vianna, ao citar que, no período anterior, muitos consócios haviam falecido, dispõe atenção especial ao cônego, enunciando que: “entre elles [os sócios falecidos] deparareis com aquelle illustre Brasileiro que concebêra a idéa da criação d’esta sociedade, que mais serviços lhe prestára, e cujo nome andará sempre a par da recordação dos que promoveram a independência do Brazil (...)”.<sup>93</sup>

Já no início de sua arguição, no “Elogio Historico Geral dos Membros Falecidos”, Manoel de Araujo Porto Alegre defende o trabalho de rememoração do passado, entendendo como primordial a lembrança dos membros fundadores já falecidos, pois “a vida do Instituto está[va] intimamente ligada com a vida dos mortos”.<sup>94</sup> Esses monumentos erigidos dentro do Instituto, os bustos dos sócios fundadores, servirão não só como rito de homenagem aos mortos, mas também farão parte do processo de criação de uma memória afetiva, a ser partilhada pelos sócios presentes e futuros da agremiação. Como salienta Fernando Catroga,

e se todo o monumento é *traço* do passado, consciente ou involuntariamente deixado, a sua leitura só será *re-suscitadora* de memórias se não se limitar à perspectiva gnosiológica e fria (típica da leitura patrimonial e museológica), e se for mediada pela afectividade e pela partilha comunitária com outros.<sup>95</sup>

O primeiro homenageado nessa alocução do orador foi Cunha Barbosa. É interessante observar que, dois anos após o seu primeiro discurso sobre o cônego, Araújo Porto Alegre o descreveria sob outra ótica. Em suas palavras, o primeiro secretário deveria ser lembrado como “ilustre brasileiro”, “litterato, orador e philosopho”, cuja atuação podia ser resumida em duas palavras: a independência e o IHGB.<sup>96</sup>

Se, no momento da sua morte, o cônego era visto como um homem cuja imagem se associava à pátria e ao púlpito, nesse segundo momento, a sua memória será ampliada para outros campos de atuação e a figura do religioso perderá espaço para a de fundador do IHGB, contribuindo para destacar a importância histórica da própria agremiação. O orador não se

<sup>93</sup> VIANNA, Candido José de Araújo. Discurso do Presidente. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 88.

<sup>94</sup> PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. Elogio Historico Geral dos Membros Falecidos. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 150.

<sup>95</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 25.

<sup>96</sup> PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. Elogio Historico Geral dos Membros Falecidos. op. cit., p. 151.

alongou em seu discurso, pois outros sócios ainda iriam prestar homenagens a Cunha Barbosa, concluindo:

é ocioso proseguir no elogio d'este Brasileiro encansavel na sua missão de idealista, e no desempenho de uma vida cheia de contraste, que oscilou entre a gloria e o exílio, entre a abundancia e a miseria; é ocioso mostrar- o como uma pendula sagrada movida pelo amor da pátria, e impellida a cadenciar entre a modéstia e o gênio.<sup>97</sup>

A descrição das vicissitudes e contrastes da vida do cônego não se relaciona somente à fixação da memória de um brasileiro ilustre, mas remete aos usos da categoria de *gênio*, noção também presente nos textos biográficos compostos por ele. Assim, quando Araújo Porto Alegre afirma que Cunha Barbosa oscilava entre “a modéstia e o gênio”, está tornando mais complexa a sua imagem, retratando-o como indivíduo dotado de qualidades excepcionais, daí o atributo de *gênio*, mas que, ao mesmo tempo, portava-se com a virtude da humildade. Por fim, completa que

seria ocioso proseguir n'esta tarefa, quando o programma d'esta solemnidade vos faz aguardar um elogio do nosso finado irmão, traçado pela erudição de um varão consummado nas sciencias, nas lettras e nas artes, e dictado pela mais estreita e desinteressada amizade.<sup>98</sup>

Outra memória construída da vida do cônego, também proferida na mesma cerimônia foi o “Elogio Historico”, escrito por J. F. Sigaud. Neste discurso, o sócio do IHGB privilegia aspectos semelhantes aos que, mais tarde, serão destacados por Silvio Romero, conforme mencionei no início deste capítulo, exaltando outras facetas da vida do cônego. Nas palavras de Sigaud, Cunha Barbosa teria sido “poeta épico e satyrico, orador sagrado, escriptor politico, professor de philosophia, jornalista” e, além disso, possuía “a eminente faculdade de brilhar, não com esse fulgor duvidoso, mas com essa luz viva e duradoura, em cada um d'esses ramos litterarios.”<sup>99</sup>

O consócio do Instituto exalta Cunha Barbosa como um homem dedicado a cinco atividades distintas: ao sacerdócio, à política, à história, à filosofia e ao jornalismo. Ao falar de sua vida eclesiástica, salienta que, desde muito cedo, o cônego já sabia de seu futuro na Igreja,

---

<sup>97</sup> Idem, p. 152.

<sup>98</sup> Idem, p. 152.

<sup>99</sup> SIGAUD, J.F. Elogio Historico do Secretario Perpetuo Conego Januario da Cunha Barboza. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 190.

pois, logo que teve idade suficiente, entrou para o corpo secular da instituição. Outra área de atuação destacada no “Elogio Histórico” é o jornalismo, com a referência da contribuição de Cunha Barbosa no *Revérbero Constitucional Fluminense*, empreendimento desenvolvido juntamente com Gonçalves Ledo.

A narrativa de Sigaud apresenta-se de forma linear, começando com o nascimento e passando rapidamente para o período em que Cunha Barbosa tomou parte do corpo eclesiástico da igreja, no qual produziu diversos “(...) sermões e orações de graças altamente atestam a tendencia se suas ideias progressivas, e reflectem a época social e politica em que foram pronunciadas.”<sup>100</sup> Dessa forma, Sigaud sustenta que, mesmo sendo padre, o primeiro secretário nunca esteve desvinculado das causas sociais e políticas.

Depois dessa introdução, Sigaud menciona o período em que Cunha Barbosa esteve no exílio e, por último, destaca o momento em que o cônego atuou nos quadros da SAIN (Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional). Ao relatar mais demoradamente sua atuação como letrado, o autor incluiu a fundação do Instituto entre os grandes feitos de Cunha Barbosa, descrevendo-o como um dos pilares dessa agremiação. Referindo-se à sua participação na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, a qual o IHGB esteve atrelado em seus anos iniciais, ressaltava que essas instituições forneciam “a imagem reveladora das idéias e das oscilações da época actual”, formulando mais uma vez, a imagem de um homem que cuja trajetória sintetizava uma multiplicidade de eventos.<sup>101</sup>

Ao relacionar o texto de Sigaud com o de Romero, podemos perceber um aspecto já salientado anteriormente. Romero situa-se em um momento em que a posição do IHGB, como instituição vinculada à ordem monárquica imperial, será alvo da crítica da “nova geração” de 1870, enquanto Sigaud elabora o seu discurso em um contexto anterior e, na condição de membro daquela agremiação, faz a exaltação de um consócio que também não deixa de ser um elogio dirigido à própria instituição.

Ainda no tomo de 1848, a *Revista* publicou os discursos proferidos na cerimônia de inauguração dos bustos dos fundadores do Instituto. Na ocasião, o então presidente, Candido José de Araújo Vianna, enfatizava que os fundadores também deveriam ser lembrados por seus escritos e por suas “vidas illustres” e, por isso serviriam de exemplo para os cidadãos brasileiros. Em suas palavras, o objetivo da homenagem era “patentear nos vultos d’esses

---

<sup>100</sup> Idem, p. 191.

<sup>101</sup> Idem, p. 187.

varões respeitáveis, nas suas feições amenas e expressivas, [...] a generosidade, o patriotismo, a humanidade, e mais virtudes que os ornaram (...).<sup>102</sup>

O discurso de Araujo Vianna ressalta o quão breve foi a vida dos fundadores do IHGB, posto que o Marechal Cunha Mattos falecera três meses após a sua fundação e Januário da Cunha Barbosa apenas sete anos depois. Para aproximar afetivamente o público com os homenageados, afirmava que não estes não seriam lembrados apenas pelos monumentos de metal e pedra, mas sim por seus escritos e pelo exemplo de suas vidas “illustres”. E, para isso, certificava ser necessário

patentear nos vultos d’esses varões respeitáveis, nas suas feições amenas e expressivas, que soube conservar habil artista, a generosidade, o patriotismo, a humanidade, e mais virtudes que os ornaram(...)<sup>103</sup>

Outro discurso incluído nessa cerimônia foi o de Manuel de Araújo Porto Alegre, o sócio que mais escreveu e se manifestou sobre a vida do cônego nesse momento *post mortem*. Mais uma vez, o orador do Instituto exaltava as qualidades de Cunha Barbosa, referindo-se aos três campos em que sua atuação havia sido mais profícua, o púlpito, a literatura, e a ciência, acrescentando que

a fecundidade da sua musa, quer implorando a graça do Espírito Santo, quer invocando o gênio da poesia, no púlpito e nas palestras litterarias e scientificas, sempre se reproduziu com uma elegância e pureza de língua digna de ser invejada.<sup>104</sup>

Nessa fala podemos perceber que Porto Alegre dá maior ênfase às facetas religiosa, de homem de letras e de poeta, associadas à vida de Cunha Barbosa. Quanto a isso, também é possível salientar que no momento em que o orador se refere à *musa* que supostamente inspirara o cônego, reforça a imagem de um grande homem com atuação multifacetada que combinou as atividades religiosas, literárias e científicas.

Assim como Araújo Porto Alegre, grande parte de seus biógrafos destacam três virtudes que retrariam a sua vida: a bondade, a generosidade e o amor à pátria. Este último

---

<sup>102</sup> VIANNA, Candido José de Araújo. Discurso do Presidente. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 218.

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> PORTO ALEGRE, Manoel de Araújo. Discurso do Orador. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 229.

atributo é o mais enfatizado pelo orador do Instituto, ao salientar que a maior qualidade do cônego foi a de ser inimigo de todos os antagonistas da pátria.<sup>105</sup>

Ao abordar a produção de Januário da Cunha Barbosa, o orador agrega que este deixou grande acervo de escritos, por isso percebe que três instâncias lastimam perdas com sua morte, o clero, do qual era um brilhante “florão”, as letras, campo no qual desempenhou um apostolado incansável e a pátria da qual era um útil servidor. Por esses atos, Porto Alegre afirmava que a glória do povo brasileiro repousava em seu túmulo, inserindo o primeiro secretário no *hall* de brasileiros ilustres, que serviam de exemplo para as gerações presentes e vindouras.<sup>106</sup>

Outro elogio biográfico inserido nessa celebração é de autoria do segundo secretário do Instituto. Francisco de Paula Menezes observava que para falar de um homem ilustre como o primeiro secretário, era preciso discorrer sobre um período inteiro de ilustração.<sup>107</sup> Menezes alegava assim que Cunha Barbosa foi um homem ativo, e sempre se dedicou principalmente às áreas que estavam ligadas ao desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

O discurso de Francisco de Paula possui uma estrutura narrativa diferente dos outros elogios biográficos proferidos nessa cerimônia.<sup>108</sup> Seu texto se inicia de forma a recordar a vida do cônego, tocando principalmente em pontos relativos à sua atuação como primeiro secretário do Instituto. Inicialmente, levanta a grandiosidade de Januário da Cunha Barbosa, como pode ser exemplificado na passagem abaixo:

e tu, ô meu illustre e saudoso mestre, gloria das lettras e da patria, dá que eu me inspire na contemplação da tua memoria respeitavel, das sublimes inspirações de teu genio, para que possa fallar de ti, retratar-te tão digno como fôras por tuas qualidades e virtudes, tão sublime como o eras em teus momentos de gloria! Anima-me, oh verdadeiro genio! para que menos temeroso eu vá caminho de tantos obstaculos.<sup>109</sup>

No trecho acima, percebemos dois recursos retóricos muito utilizados em discursos de memória e elogios biográficos, também presentes nos demais textos sobre a vida do cônego. O

---

<sup>105</sup> Idem, p. 230.

<sup>106</sup> Idem, pp. 230-231.

<sup>107</sup> MENEZES, Francisco de Paula. Elogio Historico do conego Januario da Cunha Barboza. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 241.

<sup>108</sup> É importante lembrar que grande parte desses discursos são lidos e apresentados inicialmente de forma oral, nas sessões comemorativas, para somente depois serem transcritos e impressos nas páginas da Revista do IHGB. SOUSA, Francisco Gouvea de. Proclamação e revolta: recepções da República pelos sócios do IHGB e a vida da cidade (1880-1900). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2012, PUC-Rio. p. 21.

<sup>109</sup> Idem, p. 242.

primeiro é que, ao iniciar sua fala, o segundo secretário do Instituto usa o vocativo (“ô meu illustre e saudoso mestre”), referindo-se ao cônego como se ele estivesse fisicamente presente no auditório. Já o segundo, é a utilização da categoria de *gênio* para designar o conjunto de virtudes e qualidades que o distinguiam como homem ilustre. Segundo Márcia Gonçalves, a partir do momento em que as vidas e feitos dos biografados nas galerias de brasileiros ilustres do século XIX, confundem-se com os acontecimentos da nação, é perceptível que esses indivíduos são designados pelas categorias de *gênio* e de *herói* sobretudo pela acepção moderna da primeira. Como vimos acima, nos elogios biográficos sobre Cunha Barbosa, os autores exaltavam as suas qualidades e virtudes excepcionais como homem de letras, bem como o caráter “heroico” de sua trajetória política.<sup>110</sup> Para Gonçalves, os conceitos de *gênio* e *herói*, presentes nas narrativas biográficas do Oitocentos, são usados como “sínteses de valores e ideias da ação dos homens no mundo”, demarcando a sua condição de “seres no e do tempo” cuja percepção acompanhou a experiência da modernidade. Assim, além de exaltar as qualidades daqueles que não podiam ser esquecidos, os elogios biográficos também serviam para demarcar como e por que eles deveriam ser lembrados, contribuindo para tornar as histórias de vida de alguns indivíduos eleitos em elementos essenciais da construção da própria memória nacional.<sup>111</sup>

Em seu elogio histórico, Francisco de Paula descreve os momentos iniciais da vida do cônego, reforçando a ideia de que o biografado desde jovem manifestava talentos que se realizariam em momentos posteriores de sua vida, um pressuposto comum na composição de biografias no Oitocentos, como na seguinte passagem: "Foi d'este homem superior [Manoel Ignacio de Alvarenga] que bebeu o jovem alumno as fecundas lições da arte dos Ciceros, em que mostrava não vulgar aptidão."<sup>112</sup> Ao assinalar a vocação que o cônego possuía para as letras, Paula Menezes destaca a importância da retórica na formação de Cunha Barbosa e o seu excepcional talento para a arte oratória, na qual teve grande proeminência nas décadas de 1810 e 1820. Como um de seus principais mentores, Ignacio de Alvarenga, seria biografado pelo próprio Januário para o *panteon* do IHGB.<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> GONÇALVES, Márcia. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial – 1831-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009. vol. II, pp. 454-455.

<sup>111</sup> Idem.

<sup>112</sup> MENEZES, Francisco de Paula. Elogio Historico do conego Januario da Cunha Barboza. op. cit., p. 243.

<sup>113</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brazileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga. *RIHGB*. Tomo III, 1841, pp.338-346.

Ao longo de todos os discursos proferidos na inauguração dos bustos dos fundadores do Instituto, percebe-se uma exaltação à monarquia o que pode ser atribuído, em grande parte, à presença de D. Pedro II na audiência da festividade. A vinda dos Bragança para o Brasil em 1808 era considerada pelos letrados oitocentistas como um divisor de águas, pois, como afirmava Paula Menezes, “alimentando o fervor das artes e das sciencias, acoroçoando a indústria pela abertura de nossos portos ao commercio estrangeiro, apressara nossa civilização, e os talentos como desassombrados já começavam de mostra-se em todos os generos.”<sup>114</sup>

Outro aspecto interessante no elogio de Francisco de Paula é a presença de breves trechos dedicados à história recente do Brasil, à qual Cunha Barbosa esteve diretamente ligado, seja por sua atuação política, seja por sua função de orador sacro, ou por suas atividades no mundo das letras. Como na passagem a baixo, na qual relata o momento da Independência:

Distincta foi a figura do illustre conego Januario da Cunha Barboza em todas as scenas d’este grande drama. É elle e seus amigos que auxiliam o augusto principe a proclamar nos campos do Ypiranga nossa independencia: é elle que vôa a Minas Geraes para levantar os obstaculos que oppunham á realização do grande plano de um imperio.<sup>115</sup>

No final de seu discurso, Francisco de Paula relata que, da mesma forma com que viveu, o cônego morreu pobre e respeitado, pois sua vida foi um aglomerado de grandes feitos. Reserva os momentos conclusivos de sua fala para fazer um agradecimento ao Imperador, como já dito anteriormente presente na festividade, por este ser um mentor para as letras no Brasil, o que proporcionou Januário da Cunha Barbosa e outros letrados desenvolverem seus trabalhos.<sup>116</sup>

Fora das páginas da Revista do IHGB, a figura do cônego também será lembrada por outros letrados. Um dos principais textos sobre a vida de Januário da Cunha Barbosa seria incluído na *Galeria dos Brasileiros Illustres*, de Auguste Sisson.<sup>117</sup> O texto publicado pelo litógrafo francês é, na verdade, um dos discursos compostos para as festividades de inauguração dos bustos dos fundadores. Esse fato corrobora algumas considerações feitas por Temístocles

<sup>114</sup> MENEZES, Francisco de Paula. Elogio Historico do conego Januario da Cunha Barboza. op. cit., p. 249.

<sup>115</sup> Idem, p. 251.

<sup>116</sup> Idem, p. 258.

<sup>117</sup> SISSON, Sébastien Auguste. *Galeria dos brasileiros illustres* (os contemporaneos), retratos dos homens mais illutres do Brasil, na politica, sciencias e letras, desde a guerra da independencia até os nossos dias, copiados por S. A. Sisson, acompanhados das suas respectivas biographias. Publicado sob a protecção de S. M. o Imperador. Rio de Janeiro: Lithographia de A. S. Sisson, 1859-1861, pp. 109-112. Vol. I.

Cezar sobre a obra de Sisson, sendo uma delas a afirmação de que os textos biográficos que compõem a *Galeria* foram redigidos por vários autores, e que somente as litografias dos biografados seriam de sua autoria.<sup>118</sup> Embora não possua a assinatura de um autor, é possível identificar que o texto biográfico dedicado a Cunha Barbosa, incluído na *Galeria*, e o *Elogio* de Sigaud são idênticos. Para demonstrar, transcrevemos os parágrafos iniciais de ambos, nos quais se percebe que a redação é a mesma, com pequenas alterações na grafia:

Januario da Cunha Barboza nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 10 de Julho de 1780. Foram seus pais Leonardo José da Cunha Barboza e Bernarda Maria de Jesus, aquelle natural de Lisboa, esta do Rio de Janeiro. Perdendo sua mãe quando apenas contava nove annos, e pouco depois seu pai, ficou a sua educação, assim como a de seus irmãos ainda mais moços do que elle, a cargo de um tio paterno, que o sustentou nos estudos preparatorios ao estado ecclesiastico, que elle abraçára no anno de 1801 pela ordem de subdiacono, entrando no sacerdocio em 1803 logo que completou a idade requerida.<sup>119</sup>

Januario da Cunha Barbosa nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 10 de Julho de 1780. Forão seus pais Leonardo José da Cunha Barbosa e Bernarda Maria de Jesus, aquelle natural de Lisboa, esta do Rio de Janeiro. Perdendo sua mãe quando apenas contava nove annos, e pouco tempo depois seu pai, ficou a sua educação, assim como a de seus irmãos ainda moços do que elle, a cargo de um tio paterno, que o sustentou nos estudos preparatorios ao estado ecclesiastico, que elle abraçára no anno de 1801 pela ordem de subdiacono, entrando no sacerdocio em 1803 logo que completou a idade requerida.<sup>120</sup>

Outro esboço biográfico realizado ainda no século XIX, está no terceiro volume do *Anno Biographico*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado no ano de 1876. Com estrutura narrativa similar à dos outros elogios ressaltados anteriormente, a nota biográfica de Macedo perpassa os pontos mais conhecidos da vida do cônego, sempre de forma cronológica. Esse texto é claramente inspirado no elogio de João Francisco Sigaud, de 1848. Porém, traz alguns dados antes não mencionados, um deles é o motivo da viagem do cônego a Minas Gerais, que acabou culminando no seu exílio. Para Macedo, esse deslocamento ocorreu em virtude da anunciação da Independência, “afim de cooperar para a imediata aclamação do imperador D.

<sup>118</sup> CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história & cultura*, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, pp. 84-85.

<sup>119</sup> SIGAUD, J.F. Elogio Historico do Secretario Perpetuo Conego Januario da Cunha Barboza. op. cit., pp. 186-187.

<sup>120</sup> SISSON, Sébastien Auguste. *Galeria dos brasileiros illustres* (os contemporaneos). op. cit., p. 111.

Pedro I que poderia achar obstaculo no governador, que era o fidalgo portuguez D. Manoel da Camara (...)”.<sup>121</sup>

Outro ponto interessante a ser ressaltado, é a ênfase que Macedo dá à troca de lado político do cônego, afirmando que “aplaudido liberal em 1821 e em 1822; de 1828 em diante incorreu no desagrado e nas desconfianças dos liberaes, principalmente depois que se encarregou do *Diario do Governo*.”<sup>122</sup> Essa mudança ideológica também será abordada por Feijó Bittencourt, em 1946, na biografia que será analisada no próximo subcapítulo.<sup>123</sup>

Já quase no século XX, outro elogio será composto, fora das páginas da *RIHGB*. Sacramento Blake em seu “Diccionario Bibliographico Brasileiro”, de 1895, afirma que o cônego “(...) foi um dos primeiros e mais esforçados obreiros de nossa Independencia”. O verbete biográfico de Blake é claramente embasado nos discursos memorialísticos desenvolvidos no IHGB, tanto que, no final de seu texto, cita um trecho do elogio de Manuel de Araújo Porto Alegre, recitado no velório do cônego, em 1846.<sup>124</sup>

Retornando ao Instituto, uma das últimas citações encontradas nas atas da Revista do IHGB, referente à vida do cônego, está na sessão do dia 24 de outubro de 1867, quando uma carta do procurador geral José Luiz Alves ao presidente do IHGB, Visconde de Sapucaý, foi exposta, tendo por conteúdo a pesquisa sobre os túmulos dos fundadores da Instituição. Alves relata que, entre as urnas fúnebres das catacumbas da igreja da Venerável Ordem 3<sup>a</sup> dos Mínimos de São Francisco de Paula, haviam sido encontrados os restos mortais do marechal Raymundo José da Cunha Mattos. Já os restos de Cunha Barbosa não foram encontrados e, segundo o procurador, teriam se perdido pelo descuido e indiferença de seus parentes.<sup>125</sup> No século XX, novos bustos serão construídos para serem instalados nos túmulos dos fundadores. Nesse momento, pouca importância será dada ao trabalho de José Luiz Alves que acusara o desaparecimento dos restos mortais de Cunha Barbosa, assunto ao qual retornaremos adiante.

É interessante perceber que, no momento em que as comemorações do cinquentenário de criação do IHGB foram realizadas, o cônego não é mencionado nas poucas citações sobre a

<sup>121</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Anno biographico brasileiro*. Typographia e litographia do imperial instituto artístico, Rio de Janeiro, vol. 3, 1876. p. 562.

<sup>122</sup> Idem, p. 563.

<sup>123</sup> Ao longo desse primeiro capítulo poderemos perceber a importância dos eventos ocorridos entre 1821 e 1822 na vida de Cunha Barbosa. Em função de seu engajamento político e posterior exílio, o ano de 1822 será tomado como um marco ao longo do capítulo e do trabalho.

<sup>124</sup> Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, 6 vol. p. 294.

<sup>125</sup> Ata da 12<sup>a</sup> Sessão de 24 de outubro de 1867. Tomo 30, parte 2, v.35, *RIHGB*, pp. 465-466.

festividade que foram documentadas. Esse silenciamento dentro do IHGB, talvez se devesse principalmente ao fato de que os sócios tinham expectativas sobre a formação de um terceiro reinado, mesmo que a República já despontasse como uma sombra no horizonte. Para o IHGB, a mudança política, de imediato, representava uma perda, por conta do seu forte vínculo com o projeto político imperial.<sup>126</sup>

Vale ressaltar também que, dentro dessas comemorações, o ato de fundação do Instituto não era o principal momento exaltado. Ao analisar um dos comentadores do cinquentenário, Francisco Gouvêa de Sousa, percebe que, “Cunha Mattos e Januário da Cunha Barbosa haviam iniciado o movimento, mas a força não era suficiente, (...), pois foi apenas com a participação de D. Pedro II na sessão de 15 de dezembro de 1849 que o Instituto se firmaria”.<sup>127</sup>

Todo movimento realizado nesta primeira parte do capítulo demonstrou que as formas com que a memória em torno da figura de Cunha Barbosa foi esboçada no século XIX, retratam a imagem de um padre com atuação diversificada no mundo político e letrado. Segundo a historiadora Ana Rosa Coclet da Silva, esse não seria um caso único, pois outros clérigos brasileiros conciliaram suas atividades como sacerdotes e como políticos no século XIX.<sup>128</sup> Outro ponto importante ressaltado pela autora, é o fato de que o clero participante do movimento da independência, e aqui podemos destacar a figura de Cunha Barbosa, foi formado no contexto da política do “regalismo católico pombalino” que visava colocar a Igreja sob a tutela do Estado, caracterizando-se por estimular a união da prática sacerdotal com as funções públicas.<sup>129</sup>

A base dessa política pode ser observada em uma concessão dada pelos papas aos reis de Portugal e Espanha, ainda no momento do expansionismo marítimo, para melhor propagarem a fé cristã, que ficaria conhecida como “Padroado”<sup>130</sup>. Nesse modelo, os

---

<sup>126</sup> SOUSA, Francisco Gouvea de. Proclamação e revolta: recepções da República pelos sócios do IHGB e a vida da cidade (1880-1900). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2012, PUC-Rio. pp. 24-25.

<sup>127</sup> Idem, p. 42.

<sup>128</sup> SILVA, Ana Rosa Coclet da. Padres Políticos e suas redes de solidariedade: uma análise da atuação sacerdotal no sertão de Minas Gerais (1822 e 1831). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, 2012, p. 119.

<sup>129</sup> Sobre o “regalismo católico pombalino”, Coclet entende que “essa articulação entre prática religiosa e política ganhou formato específico durante a atuação do marquês de Pombal como primeiro ministro do rei d. José I (1750-1777). Historicamente associado ao reformismo ilustrado português, o governo de Sebastião José de Carvalho e Melo inaugurou uma política conhecida como *regalismo*, visando colocar a Igreja sob a tutela do Estado, nacionalizando-a e tornando seus membros verdadeiros ‘servidores públicos’. Idem, pp. 122- 123.

<sup>130</sup> Em espanhol *Patronato*.

governantes civis possuíam direitos na “administração dos negócios eclesiásticos, com vistas a ‘dilatara fé e o império’”.<sup>131</sup>

Por fim, vale ressaltar que o “regalismo católico pombalino” e os ideais do reformismo ilustrado português não se vincularam exclusivamente à Universidade de Coimbra, pois também circularam entre clérigos dos Seminários do novo mundo. Dessa forma, os integrantes do corpo clerical brasileiro, mesmo aqueles não formados em Coimbra, caso de Cunha Barbosa, igualmente sofreram influência desses ideais.<sup>132</sup>

Até o momento, podemos observar que os discursos memorialísticos elaborados no século XIX, dentro do IHGB, construíram a imagem do cônego como defensor da pátria. A seguir, tentaremos demonstrar que, no século XX, a forma e a intensidade com que Cunha Barbosa foi rememorado se modificaram e, raramente, seu nome será lembrado pelos intelectuais, mesmo por aqueles que frequentavam o Instituto. Nesse novo contexto, sua imagem será desvinculada da monarquia e vinculada à da república. Essa mudança na construção da sua memória pode ser observada não somente pela passagem e distância no tempo, mas também pelas transformações profundas nos quadros políticos e sociais da nação.

## 1.2 Lembrado ou esquecido?

é cair num outro tipo de ingenuidade epistemológica pensar que a dialéctica entre a memória e o esquecimento é um pecado exclusivo da anamnese. Também a historiografia, apesar de falar em nome da razão, se edifica, voluntária ou involuntariamente, sobre silêncios e recalcamientos, como a história da história tem sobejamente demonstrado.<sup>133</sup>

Com a citação de Fernando Catroga, pretendo destacar a concepção de que história e memória possuem traços em comum, e que também a história é calcada em cima de esquecimentos. Na primeira parte do capítulo, foi possível perceber que os sócios do Instituto e letrados oitocentistas tentavam construir a imagem de Cunha Barbosa como ardoroso pregador, e letrado empenhado com a causa nacional. Nesse segundo contexto, o século XX,

<sup>131</sup> SILVA, Ana Rosa Coclet da. *Padres Políticos e suas redes de solidariedade: uma análise da atuação sacerdotal no sertão de Minas Gerais (1822 e 1831)*. op. cit., p. 123.

<sup>132</sup> Como referência de um trabalho clássico que se debruça no estudo da Ilustração no Brasil, podemos citar a pesquisa de Maria Odila da Silva Dias, de 1968, publicada na *Revista do IHGB*. DIAS, Maria Odila da Silva. *Aspectos da Ilustração no Brasil*. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, v. 278, janeiro-março, 1968, pp. 105-170.

<sup>133</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*, op. cit., p. 45.

pretendo demonstrar algumas transformações nas formas com que Januário foi lembrado, que acentuaram aspectos de sua trajetória e silenciaram outros.

Como visto anteriormente, o cinquentenário do IHGB, foi comemorado em um momento de instabilidade política, já que seus sócios estavam entre a surpresa e a não aceitação da República. Em 1902, ano de publicação de um “esboço biobibliográfico”, de autoria de Antonio da Cunha Barboza, a República já era vista como inevitável, e, portanto, necessária para a nação. O exemplo mais conhecido das distintas formas de recepção do regime republicano pode ser identificado nos escritos de Joaquim Nabuco. Segundo Bárbara Winther da Silva, o primeiro momento de recepção

pode ser percebido em seu texto *O dever dos monarquistas* de 1895, na qual o distanciamento é encarado como uma forma de ação e, a República não é exaltada, mas sim "esquecida". Já o segundo momento é marcado pelo texto *A república é incontestável*, trabalho de 1902, apresentando uma postura de afirmar a República como uma sucessão natural do Império e consequentemente exaltando a sua proclamação em 1889.<sup>134</sup>

Em seu esboço biobibliográfico, o sócio do IHGB, Antonio da Cunha Barboza, elaborou uma extensa narrativa da vida do tio como forma de exaltar suas iniciativas enquanto homem público. O texto começa com a seguinte frase, atribuída ao próprio cônego: "Não pôde o silencio da morte suffocar as vozes da justiça e da gratidão, quando a memoria dos que ella arranca de entre os vivos, desperta a lembrança de acções grandes, que devem chegar á mais remota posteridade". Com essas palavras extraídas de um sermão de Cunha Barbosa, seu sobrinho busca convencer os leitores de que a figura do primeiro secretário do Instituto não podia ser esquecida devido às suas grandes ações.<sup>135</sup>

Diferente das outras memórias biográficas sobre o cônego, que começam com apontamentos sobre sua infância e juventude, relatando sua vida de forma linear, Antonio da Cunha Barboza dedica-se, de imediato, a enumerar as qualidades intelectuais de seu tio:

quando a vida litteraria nascia no Brazil, encontrou no Conego Januario um dos seus mais dedicados apostolos. No jornal - batalhando pela emancipação

<sup>134</sup> Além do exemplo citado, Bárbara trabalha com outros letrados que tratam a República como uma evolução histórica e inevitável, entre eles, Tristão de Alencar Araripe, que defende que na Revolução de 1817 já existia o cerne do movimento republicano. Texto cedido pela autora. Ver também: SOUSA, Francisco Gouvea de. Proclamação e revolta: recepções da República pelos sócios do IHGB e a vida da cidade (1880-1900). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2012, PUC-Rio.

<sup>135</sup> BARBOZA, Antonio da Cunha. Conego Januario da Cunha Barboza: Esboço biobibliographico. *RIHGB*, 1902, Tomo LXV, parte II, p. 197.

política da sua terra natal; na tribuna sagrada - pregando a doutrina religiosa do christianismo.<sup>136</sup>

Dessa forma, demonstra que Cunha Barbosa pode ser considerado um grande homem, e por isso "todos nós brasileiros, lhe somos devedores dos mais sinceros reconhecimentos e homenagens".<sup>137</sup>

Antonio Cunha Barboza define o tio como um “redivivo”, ou seja, como figura que permanecia viva através de suas obras, sendo assim o biografista apresenta detalhes de sua trajetória a partir de seu nascimento. É bem provável que esta inversão de narrativa tenha sido utilizada para reforçar a ideia de predestinação e fazer com que o leitor vislumbrasse os traços de sua vida futura ainda na tenra juventude.

Outro ponto salientado por Antonio da Cunha Barboza é o reconhecimento da importância do clero na sociedade do século XIX, pois neste "estava concentrado todo o poder da época". Assim, optando pela vida eclesiástica, seu tio “entraria pela porta mais fácil e azada para quem queria seguir os caminhos que guia[va]m á grandeza humana (...)”.<sup>138</sup> Em 1808, com a criação da Capela Real no Rio de Janeiro, por D. João VI, o jovem Januário foi nomeado como um dos seus pregadores régios. Sobre esse assunto, Renata Maria da Cruz Duran afirma que a sermonística, desenvolvida pelos membros do clero, foi um ramo das belas-letas que contribuiu para a “invenção da *identidade nacional*”, pois criou uma vida social e uma uniformização da língua. A autora ainda argumenta que

esse “povo de oradores” tinha na figura do sermonista um modelo a ser seguido e um tema a ser debatido, pois sua presença e sua fala serviram como mote para as primeiras discussões acerca dos acontecimentos que afligiam a população.<sup>139</sup>

Na narrativa da vida de seu tio, Antonio Cunha Barboza distingue duas fases, a de político e a de literato. Relatando em primeiro lugar a vida do cônego como político, tenta demonstrar que ele não foi um “desertor de seu partido”, trazendo à pauta o período em que este esteve à frente do *Diario Fluminense*, quando se aliou a Evaristo Ferreira da Veiga, e no qual fazia críticas ao governo de D. Pedro I, ressaltando que essas avaliações não se estendiam

---

<sup>136</sup> Idem, p. 197.

<sup>137</sup> Idem, p. 198.

<sup>138</sup> Idem, p.199.

<sup>139</sup> DURAN, Maria Renata da Cruz. *Ecoss do Púlpito: Oratória Sagrada no tempo de D. João VI*. São Paulo, Ed. Unesp, 2010, p. 73.

à forma da Monarquia Constitucional. Diferentemente das outras narrativas, somente após apresentar essa querela é que seu sobrinho trata do período em que o cônego esteve à frente do periódico *Reverbero Constitucional Fluminense*, entre os anos de 1821 e 1822. Sobre esse jornal ressalta que,

relevantísimos serviços prestou á causa de nossa emancipação politica. Foi, especialmente, dirigido pela habil penna do Conego Januario que, soube sabiamente encaminhar o espirito publico, influenciando-o ás novas idéas, manejando a linguagem das circunstancias.<sup>140</sup>

É importante destacar que Antônio Cunha Barboza define o tio e Gonçalves Ledo como “precursores do 7 de setembro” por suas atividades no *Revérbero*, juntamente com Hypólito José da Costa, editor do *Correio Braziliense*, primeiro periódico brasileiro, e José Clemente Pereira, como figura de atuação decisiva no célebre dia do Fico.

Ao relatar as preferências políticas do editor do *Reverbero*, salienta que este sempre se posicionou por uma Monarquia Constitucional Representativa, que tivesse como líder, defensor e protetor o príncipe D. Pedro. Esta posição seria um dos motivos de seu exílio, e que durante o século XIX, podemos observar, foi aspecto silenciado pelos monarquistas do IHGB.<sup>141</sup> Contudo, no início do século XX, ainda em período de consolidação da primeira República, Cunha Barbosa poderia ser exaltado como um letrado à frente de seu tempo por defender uma forma representativa de governo.

Ao contrário do que os esboços biográficos do século XIX apresentam, ou muitas vezes não enunciam, Antonio da Cunha Barboza, além de mencionar o evento, ainda traz um trecho de uma carta do cônego ao Marquez de Barbacena, na qual expressa, em 1 de abril de 1830, a sua predileção pelo constitucionalismo, declarando que, “sou e serei sempre o que fui, amei e amo o Soberano D. Pedro e a monarchia *constitucional*, unica fórma de governo que pôde servir ao Brazil.”<sup>142</sup> Sobre esse posicionamento político, vale lembrar que Cunha Barbosa, assim como outros membros da chamada *elite brasiliense*, defendia a emancipação do Brasil dentro de uma monarquia representativa constitucional, baseada no equilíbrio dos poderes, o

---

<sup>140</sup> BARBOZA, Antonio da Cunha. Conego Januario da Cunha Barboza. op. cit., p. 200.

<sup>141</sup> Idem, p. 201.

<sup>142</sup> Grande parte dos escritos do século XIX não mencionam a verdadeira acusação pela qual Januário foi exilado, já alguns historiadores apontam o “republicanismo” como uma das causas. O fato é que sua forma de propor a participação da população no processo político foi o aspecto que mais incomodou José Bonifácio, e também o que levou a pedir o exílio do cônego. Idem, p. 205.

que o tornou alvo das acusações de “republicanismo” no momento imediato à proclamação da independência.<sup>143</sup>

Antonio da Cunha Barboza enfatiza que, apesar do cômico sempre estar alinhado à permanência de D. Pedro I como Imperador do Brasil, continuava rejeitando a monarquia que não fosse constitucional. E mesmo mantendo um bom relacionamento com o imperador, isso não o deteve de expressar seu descontentamento com alguns atos do soberano:

escreveu, é verdade, após os sucessos de Sete de Abril, na *Mutuca Picante*, ter sido alguns actos do governo do ex-1º Imperador, *despóticos e tyrannos*. Mas, ao mesmo tempo, que assim se expressava, expunha abertamente o seu espirito monarchista constitucional representativo, forma política essa sempre do seu ideal.<sup>144</sup>

O biógrafo se utiliza de dois adjetivos para descrever o trabalho de Cunha Barbosa no *Diário do Governo*, patriotismo e saber, compondo a imagem do cômico como jornalista dedicado principalmente às causas da pátria. Como sua narrativa não se desenvolve totalmente de forma linear, volta uma década antes da participação do primeiro secretário como redator no *Diário do Governo*, para terminar a primeira parte de sua arguição com o período em que seu tio esteve no exílio. Destacando esse como um momento de percalços na trajetória do cômico, Antonio Barbosa o define como um *grande homem* por ter vencido essas atribulações por amor à pátria, sua principal qualidade, e a mais exaltada pelo autor. Em suas palavras,

As intrigas o conduziram ao desterro, mas os tormentos que ahí soffreu teceram-lhe uma coroa de gloria, porque os espinhos do martyrio immortalisam uma fronte quando a aureola a innocencia: são como a opala, quer se antepor ao sol mas só consegue irrisar-lhe os raios.<sup>145</sup>

Na segunda parte de sua exposição, Antonio da Cunha Barboza deu maior ênfase ao que definiu como “o serviço às letras” do cômico, o que, segundo o autor, deu-lhe uma “aureola de grandeza”, comprovando o seu empenho patriótico, pois

desgostoso por impertinentes injustiças (que sofreu no período que esteve no exílio), o batalhador, o generoso adversario, o satyrico não buscou descansar das fadigas, dos combates, no remanso solitario; ao contrario, activissimo, no

---

<sup>143</sup> NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Emancipação política. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002, p. 227.

<sup>144</sup> Idem, p. 220.

<sup>145</sup> Idem, p. 223.

fevor do patriotismo, applicou a sua culta intelligencia a serviços de outra ordem: - ás letras.<sup>146</sup>

É importante ressaltar, mais uma vez, que essa biobibliografia, é composta por Antonio da Cunha Barboza, parente próximo do cônego, o que de certa forma pode determinar diretamente as escolhas daquilo que será lembrado e do que será esquecido acerca do cônego.

Ao analisar as outras atuações do cônego, até mesmo as que desenvolveu como político, e comparar aos seus atos como literato, o autor afirma que Januário da Cunha Barbosa possuía "natural pendor" para as letras. Ao rebater as acusações de Silvio Romero de que Januário havia sido um simples "coleccionador", Antonio Barboza afirma que, apesar de o *Parnaso* ser uma obra de compilação de poesias de diversos autores, revela-se ímpar por ser o pioneiro desse tipo de empreendimento no Brasil. O sobrinho do cônego apoia-se nas observações do austríaco Ferdinand Wolf, em *O Brasil literário* (1863), de que Januário foi o primeiro a elaborar "uma antologia bem ordenada, acompanhada de introduções biográficas e críticas das principais produções biográficas do Brasil".<sup>147</sup> Ainda citando o trabalho de um dos principais escritores da geração de 1870, Antonio Barboza dá especial atenção à avaliação realizada sobre a contribuição literária do cônego, parte essa que contém um elogio, como no trecho citado no início deste capítulo, afirmando a importância da sua produção biográfica:

nas suas varias biographias, genero literario, em que como confessa o Sr. Sylvio Romero, fôra Januario sensato e simples, deixando-se ler com agrado, especialmente quando trata de Claudio Manoel da Costa, o inconfidente mineiro, é verdadeiramente original.<sup>148</sup>

Na sequência, Antônio Barboza ainda destaca que, a despeito do risco de parcialidade na avaliação da obra de seu tio, os sermões, os discursos maçônicos e os artigos políticos de Januário dariam "testemunho de seu trabalho próprio", respondendo às objeções de Romero que se referiu à "mediocridade" da sua obra.<sup>149</sup> Ressaltava ainda que não pretendia simplesmente "enaltecer os méritos literários" do tio, mas "collocal-o em seu verdadeiro lugar",

---

<sup>146</sup> Idem, p. 245.

<sup>147</sup> WOLF apud BARBOSA, Antonio C., op. cit., p. 246. A obra de Ferdinand Wolf aparece na cronologia de "textos fundadores da história da literatura brasileira" do século XIX, elaborada por ZILBERMAN, Regina e MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 15.

<sup>148</sup> BARBOZA, Antonio da Cunha. *Conego Januario da Cunha Barboza*. op. cit., p. 246.

<sup>149</sup> Idem, pp. 246-247.

ou seja, como “um dos mais laboriosos literatos de seu tempo” que cultivou variados gêneros da literatura nacional.<sup>150</sup>

Nessa segunda parte do texto, ao descrever o cônio ressalta que

na poesia: foi epico e satyrico. Na oratoria: oradaor sacro, maçonico, literario e politico. Na historia escreveu varias biographias e monographias. Na prosa: artigos literarios e políticos , apparecidos em quasi toodos os jornaes do seu tempo e memorias publicas nas revistas do Instituto Historico e do *Auxiliador*. No teatro: dedicou-se á comedia. Philologo, publicista, pedagogo, philosopho e politico, o Conego Januario foi sem duvida um dos mais eruditos e laboriosos escriptores.<sup>151</sup>

Outro ponto interessante no esboço biobliográfico é o fato do autor apontar outros empreendimentos de que Januário da Cunha Barbosa participou, não se prendendo a cotejar somente os trabalhos que ganharam maior destaque e que foram mais vezes mencionados nos elogios e biografias do século XIX. Ao citar um dos artigos do cônio, publicado na Revista do IHGB, afirma que Cunha Barbosa era um "espírito progressista e civilizador, mostra-se adverso á escravidão, á introdução de escravos africanos no Brazil", demonstrando que a memória criada em torno da vida do cônio deveria se adequar às características da nova sociedade, baseada no trabalho livre e no modelo político republicano.<sup>152</sup> É interessante perceber que a principal preocupação do sobrinho não era somente apresentar um tio zeloso pelos interesses da pátria e defensor da monarquia. O mais importante, nesse momento, era atualizar a lembrança de um indivíduo do passado, a partir das novas diretrizes e demandas políticas do Brasil no início do século XX, por isso a atuação combativa de Januário no processo que culminou com a independência torna-se o fato mais exaltado nesse discurso. Era significativo, portanto, recompor o retrato do cônio sob a perspectiva da nova configuração política e social que começava a se delinear com a República.<sup>153</sup> Com esse intuito, Antonio Barbosa afirmava que "a carreira do Conego Januario ficará, sem dúvida, como um exemplo a seguir, e as honras que lhe foram tributadas, como um alvo a conquistar."<sup>154</sup>

---

<sup>150</sup> Idem, p. 248.

<sup>151</sup> Idem, p. 248.

<sup>152</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Programma – Se a introdução dos escravos Africanos no Brazil embarça a civilização dos nossos indigenas, &c., desenvolvido na sessão de 16 de Fevereiro. *RIHGB*. Tomo I, 1839. pp. 123-129.

<sup>153</sup> BARBOZA, Antonio da Cunha. Conego Januario da Cunha Barboza. op. cit., pp. 269-270.

<sup>154</sup> Idem, p. 279.

Perante essa seleção realizada por Antonio da Cunha Barboza, as qualidades destacadas pelos biografistas do século XIX ficam em segundo plano em sua narrativa, mas não deixam de ganhar espaço ao longo do texto. Contudo, o amor à pátria, que antes era demonstrado a partir dos atos combativos do cônego e a resistência heroica no período do exílio, agora serão evidenciados de forma afetiva como meio de fazer com que o leitor se identificasse de maneira sentimental com a vida do primeiro secretário: "o patriotismo fôra sempre a paixão dominante, que accupou o seu coração, que o encheu e o abraçou, não o arrefecendo a adversidade, as ingratições e a velhice".<sup>155</sup>

Antonio Barbosa conclui o seu esboço biobibliográfico com as palavras de Francisco de Paula Menezes, propondo que a trajetória do cônego deveria ser digna de exemplaridade, pois

sua vida foi um composto de grandes feitos e de pequenas imperfeições. Viveu como morreu, - *talis vita, finis ita*, - pobre e respeitado. Sua morte foi placida e tranquilla, como a dos homens probos, grandiosa e sublime como a dos sabios. A hora tinha soado nos campanarios da eternidade, era a hora do horrivel passamento, ainda em bem que ella solemn.<sup>156</sup>

Outro texto que rememora momentos da vida do cônego, também publicado na Revista do IHGB, foi elaborado por Roquete Pinto e tem como título "Os jornalistas da independência", de 1917. Nele, é relatada a participação de diversos jornalistas nesse momento político brasileiro e, entre eles, Gonçalves Ledo e Januarino da Cunha Barboza aparecem em lugar de proeminência.<sup>157</sup>

Outro ponto importante, e que raramente é citado entre os textos biográficos sobre Cunha Barboza, é sua participação na maçonaria. Fato que pode ser elucidado na observação de que, já no Oitocentos, essa instituição era lugar de circulação e debate de ideias e importante espaço articulador de redes de sociabilidades políticas.<sup>158</sup> No século XX, depois de perder posição como espaço de sociabilidade, a maçonaria será vista por grande parte da população com uma conotação negativa. Roquete Pinto cita a filiação dos jornalistas à maçonaria, dizendo

---

<sup>155</sup> Idem, p. 282.

<sup>156</sup> MENEZES apud BARBOSA, Antonio da Cunha, op. cit., p. 284.

<sup>157</sup> PINTO, Roquete. Os jornalistas da independência. *RIHGB*, T.82, v.136, 1917, pp. 780-789.

<sup>158</sup> SLEMIAN, Andréa. A vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808-1824). São Paulo: Hucitec, 2006. pp. 179-181. BARATA, Alexandre Mansur. Constitucionalismo e sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro (1822-1823): a Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz e o projeto de Constituição para o Império do Brasil. In: *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*. (Org.) José Murilo de Carvalho. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

que este era o melhor espaço para se trabalhar para a liberdade da nação brasileira. E por isso, em 1822, fundaram a loja do Grande Oriente do Brasil, a qual segundo ele "veiu a constituir-se o mais pujante fóco de irradiação e a mais vigilante atalaia dos ideaes da independencia."<sup>159</sup>

Em seu texto, Roquete Pinto também destaca que as páginas do *Reverbero* orientaram os brasileiros a combaterem a partida do príncipe, o que culminou com o dia do "Fico". Com isso, podemos perceber que a sua narrativa, pelo menos nas passagens iniciais, concentra-se na participação de Ledo e Cunha Barbosa na política pré-independência.<sup>160</sup>

Sobre o exílio do cônego, Roquete Pinto não se detém nos motivos da expulsão, porém traz detalhes sobre a viagem até Minas Gerais, que antecedeu a expatriação do Brasil. Segundo ele,

(...) ficou deliberado que os maçons mais influentes partissem para todas as provincias, afim de promoverem a adhesão delles á emancipação definitiva do paiz, sob o sceptro de d. Pedro. Januario, que era o grande orador do Grande Oriente, offereceu-se para ir a Minas, o que fez á custa propria e com o mais brilhante e seguro exito.<sup>161</sup>

Com um olhar mais atento a este trabalho, podemos perceber que o autor dá grande destaque à vida do cônego, mesmo trabalhando com as trajetórias dos dois jornalistas e, isso se deve, principalmente, ao fato de Cunha Barbosa ter sido fundador da agremiação a qual Roquete Pinto estava vinculado. Por fim, para encerrar sua arguição sobre o *Revérbero*, faz uma aproximação, não só intelectual, mas também afetiva de Gonçalves Ledo e do cônego. Exemplo disso é que, para o autor, os letrados poderiam ser lembrados como,

dous estrenuos campeões da nossa emancipação política falleceram com a mesma idade, Januario em 1846 e Lêdo em 1847, tendo aquelle continuado a pôr de manifesto uma admiravel capacidade de trabalho, que ainda no jornalismo, quer no tracto das Musas, quer - e é esse um dos mais indeleveis estemmas de sua coroa civica - , na criação deste antigo e benemerito gremio, dentre cujos fundadores foi *magna pars* o cantor de *Niteroi*, de quem disse acertadamente Silvio Romero: - "E por seu patriotismo, seus serviços á independencia, seu entusiasmo pelos progressos intellectuais do Brasil, que Januario da Cunha Barbosa será sempre lembrado."<sup>162</sup>

No ano de comemoração do centenário do Instituto Histórico e Geográfico, diversos eventos foram promovidos pela própria instituição para celebrar a sua história. Dentre eles,

---

<sup>159</sup> Idem, p.780.

<sup>160</sup> Idem, p.781.

<sup>161</sup> Idem, p.784.

<sup>162</sup> Idem, p. 784.

estava a já citada inauguração dos novos bustos dos fundadores. A cerimônia ocorreu no dia 24 de outubro de 1938, quando estátuas em bronze foram alocadas nos respectivos túmulos do cemitério da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula. Os restos mortais de Raymundo José da Cunha Mattos ficaram na base do pedestal do busto, já o busto do cônego Januário da Cunha Barbosa foi colocado em cima do jazigo da sua família.<sup>163</sup>

Ainda no ano das festividades do centenário do Instituto, o discurso de Manuel Peregrino teve por finalidade apresentar alguns aspectos da vida e memória do Instituto. Fato importante que o presidente destaca é a constituição do Instituto em 1838, o qual estaria alinhado com a ideia de centralizar documentos espalhados pelas províncias, que colaborassem para a construção de uma história nacional. Porém, a parte de seu texto que mais se dedica aos fundadores é a que relembra dos eventos festivos que o Instituto promoveu em lembrança a estes dois homens. Ressalta, inicialmente, a sessão pública do dia 6 de abril de 1848, na qual os bustos foram inaugurados e diversos elogios e cantos foram realizados em honra a Mattos e a Barbosa.<sup>164</sup>

Peregrino também cita brevemente a comemoração dos 50 anos, em 1888, e afirma, a partir das palavras de Porto Alegre, que Cunha Barbosa foi “(...) um dos constituidores da nova monarquia e constante sustentáculo da ordem e da liberdade.”<sup>165</sup> Ao tratar mais detidamente da vida do cônego, afirma que ele foi “brasileiro dos mais notáveis, espírito dos mais lúcidos do seu tempo, eloqüente orador sacro a quem Mont'Alverne considerava como um dos gigantes da oratória, (...) que á causa da Independência prestou os mais relevantes serviços, bem merece a consagração da posteridade.”<sup>166</sup> Ao se utilizar de uma fala de Monte Alverne, considerado um dos principais oradores sacros do Brasil, na qual este tece elogios ao cônego, insere uma percepção de credibilidade na figura de Cunha Barbosa, já que nesse momento, a palavra do grande orador possuía poder de legitimação.

Por fim, Peregrino afirma também que, no momento de sua morte, Januário despediu-se do mundo com a frase: “Meu amado Brasil, meu querido Instituto, adeus!...”

Ainda no ano do centenário do IHGB, foi publicada uma das narrativas mais completas sobre a vida do cônego no capítulo a ele dedicado no livro *Os Fundadores*, do sócio Feijó Bittencourt, texto que se tornará referência para estudos posteriores. Bittencourt narra a

---

<sup>163</sup> Coleção do IHGB, Lata 344, Pasta 22.

<sup>164</sup> *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Volume 182, p. 137.

<sup>165</sup> Idem, p. 138

<sup>166</sup> Idem, p.139.

trajetória do cônego de modo a privilegiar os fatos de sua vida em ordem cronológica e sequenciada. Para tanto, o autor divide seu texto em treze partes temáticas: Sacerdote, Oratória Sacra, No seio da política, Procuradores das províncias, Defensor perpétuo, Convocação de Assembleia Geral, Prisão, O exílio, Repatriado, Em oposição a Evaristo, De novo homem de partido, Januário e Bernardo Vasconcelos, e por último, No Instituto Histórico.<sup>167</sup>

Ao realizar um olhar geral em sua narrativa, podemos perceber que, apesar de seu local de fala ser o de um sócio do IHGB, Bittencourt não exalta a criação do Instituto como sendo o ato mais memorável de Cunha Barbosa, nem mesmo elogia o seu “amor a patria” como fez Manoel de Araujo Porto Alegre, no século XIX, mas se preocupa em descrever os diversos acontecimentos da vida do cônego, situando-os historicamente. Já ao examinar mais incisivamente o texto, identificamos que no primeiro subcapítulo, Bittencourt tece considerações sobre a fase inicial da vida do cônego, desde a sua educação no Seminário São José até a ordenação como sacerdote, em 1801, aos vinte e três anos de idade, ressaltando que,

pela grandeza que tem a Igreja, em contraposição à simplicidade da vida de outrora, no Brasil, o cerimonial da sagração tinha, aos olhos do povo, expressão extraordinária, e assistia a essas festas solenes muita gente cheia de respeito, e, ainda mais, de interesse motivado pela significação que encontrava na vida do sacerdote, por vezes de grande projeção social.<sup>168</sup>

Naquele período, segundo Feijó Bittencourt, a carreira eclesiástica era considerada como meio de ascensão social e, por isso, o tio de Cunha Barbosa logo o encaminhou para a Igreja. O jovem Januário tornou-se pregador régio da Capela Real com a chegada da Corte ao Rio de Janeiro, em um contexto no qual a oratória sagrada encontrava-se em grande fase no Brasil. Sobre a proeminência dos religiosos e oradores sacros na sociedade imperial, Feijó salienta que “junto ao povo, a palavra do pregador era a explicação do evangelho e da moral cristã; junto aos reis, uma página de psicologia, para analisar o mérito dos cristãos e esclarecer o que tivesse sido em vida a personalidade dos príncipes e monarcas”.<sup>169</sup>

Como salientado na parte inicial do capítulo, na primeira metade do século XIX, a posição de um membro da Igreja Católica, enquanto parte proeminente da sociedade, não podia ser questionada. Já que a educação e o local de sociabilidade dos brasileiros perpassavam a instância da Igreja, Maria Renata da Cruz Duran ressalta que, em um mundo de fiéis que viam

---

<sup>167</sup> BITTENCOURT, Feijó. *Os Fundadores*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

<sup>168</sup> Idem, p. 171.

<sup>169</sup> Idem, pp. 172-173.

na imagem do padre um exemplo a ser seguido, a sermonística foi “um gênero cujas temáticas e representantes fizeram parte de um movimento comum de formação da *identidade brasileira*”.<sup>170</sup>

Nos anos iniciais do século XIX, quando Cunha Barbosa começou a exercer o sacerdócio no país, e se tornou pregador, diversos padres destacavam-se como oradores, projetando-se na esfera social. Nesse momento, outros três oradores – frei Francisco de São Carlos, frei Sampaio e frei Monte Alverne – também ganharam destaque nos púlpitos do Rio de Janeiro e, alguns anos mais tarde, despontariam na galeria dos biografados ilustres do IHGB.<sup>171</sup> O trabalho de Maria Renata da Cruz Duran se destaca por analisar justamente a projeção desses oradores oitocentistas, no momento em que a igreja se constituía em importante espaço de sociabilidades e de contato da população local com a Corte.<sup>172</sup>

Assim que a família real aportou no Brasil, Cunha Barbosa foi nomeado pregador da Capela Real e, para o autor de *Os fundadores*, esse período se delineia como o primeiro grande momento de sua vida. Segundo o testemunho de Paulo de Menezes, citado por Bittencourt, Cunha Barbosa pronunciou mais de quatrocentos sermões e mesmo não rivalizando com os outros oradores, pois o cônego não era ambicioso, recebeu elogios de Monte Alverne, que o chamou de um “gigante da oratória”.<sup>173</sup>

Sua carreira de orador atingiu cedo o apogeu e, para Feijó Bittencourt, isso ocorreu principalmente pelo fato de Januário logo se envolver nos acontecimentos políticos de sua época.

Quando destaca a atuação do cônego como jornalista e maçom, o autor enfatiza que as duas instâncias estavam interligadas, afirmando que “a maçonaria, sem ter cor política definida, não passava da organização para todos fazerem política naquela ocasião, conspirando”.<sup>174</sup> Com

---

<sup>170</sup> DURAN, Maria Renata da Cruz. *Ecoss do Púlpito: Oratória Sagrada no tempo de D. João VI*. op. cit., p. 85.

<sup>171</sup> PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de Monte Alverne*. *RIHGB*. Tomo XXXIII, 1870. pp. 143-156; ARAÚJO, José Tito Nabuco de. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de Santa Theresa Sampaio*. *RIHGB*. Tomo XXXVII, 1874. pp. 191-208; Do *Ostensor Brasileiro*. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio*. Tomo VII, 1845. Pp. 248-250; SILVA, J. M. Pereira da. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de São Carlos*. *RIHGB*. Tomo X, 1848. Pp. 524-542; Araújo, José Tito Nabuco de. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de S. Carlos*. *RIHGB*. Tomo XXXVI, 1873. Pp. 517-542.

<sup>172</sup> Idem, p.72.

<sup>173</sup> BITTENCOURT, Feijó. *Os Fundadores*, op. cit., p. 174.

<sup>174</sup> Idem, p. 176.

posição de destaque entre os maçons, Cunha Barbosa logo esteve à frente de vários acontecimentos políticos daquele contexto.

Ao citar o periódico *Reverbero Constitucional Fluminense*, Bittencourt salienta que os redatores possuíam posturas diferentes, Gonçalves Ledo era um “agitador” e Barbosa era um “cortesão leal”. Nesse momento, o autor aponta fato interessante sobre as disputas que envolveram a emancipação do Brasil em relação a qual o que estava em jogo inicialmente não era a separação de Portugal, assim como demonstra o trecho a seguir:

(...) vinha Januario da Cunha Barbosa, exaltar ainda mais o ânimo de d. Pedro, concitando-o a que mais fizesse, a que fosse fundador de um império! Mas império não quer dizer independência; comenta o historiador; império já se dizia do Brasil ainda unido a Portugal; império significava tão somente um todo.<sup>175</sup>

No subtópico intitulado “Prisão”, Bittencourt afirma que “a atuação de Januário na política do Rio de Janeiro fora sempre a de um conciliador de mérito intelectual; dera expressão conveniente às ideias políticas”, porém também salienta que era o momento pré-independência era extremamente delicado. Isso se evidenciava no embate entre as lojas maçônicas do Grande Oriente, frequentada por Cunha Barbosa, e a do Apostolado, dominada pelos irmãos Andrada. Com o desenrolar do movimento de Independência, que por fim se configurou como um ato de ruptura com Portugal, Feijó Bittencourt aborda a sempre controversa situação do exílio do cônego. Nesse momento, afirma que “proclamada a Independencia, os maçons enviam emissários a Minas Gerais, a fim “de promover a aclamação dos poderes soberanos de d. Pedro.”, sendo Cunha Barbosa um desses emissários.<sup>176</sup> No período que em que esteve nessa província, afirma que José Bonifácio estava convencido de que o Rio de Janeiro conspirava contra d. Pedro I, e por isso acusou José Clemente Pereira e seus partidários, dentre eles Cunha Barbosa, de formarem uma *facção oculta e tenebrosa de furiosos demagogos e anarquistas*.<sup>177</sup>

---

<sup>175</sup> Idem, p. 177.

<sup>176</sup> O passaporte expedido pelo ministério da Guerra e assinado pelo ministro Luís Pereira da Nóbrega de Souza Coutinho, permitindo ao padre Januário da Cunha Barbosa livre passagem até a província de Minas Gerais, também traz nomes pertencentes a sua comitiva, dentre eles estavam Joaquim Teixeira de Oliveira e Manoel Ferreri de Souza. Coleção do Instituto Histórico, Lata 13, Pasta 36.

<sup>177</sup> Idem, p. 182. No arquivo do Instituto Histórico e Geográfico é possível encontrar o passaporte utilizado por Cunha Barbosa para deixar o país, nele consta a data de 12 de Dezembro de 1822, “primeiro da Independência e do Império”, fato bastante curioso é que o próprio José Bonifácio assina o documento e na datação do officio escreve “da Nação Brasileira”. Coleção do Instituto Histórico, Lata 674, Pasta 86.

Ao refazer os passos do cônego ao ser exilado, Bittencourt relata que Januário passou um tempo na França, e outro em Londres, local onde imprimiu a epopeia *Nicteroy*, na qual faz um elogio engrandecedor do Imperador brasileiro e de sua família.<sup>178</sup> Bittencourt não relata que a principal acusação que pesava sobre o cônego era a de *republicanismo*, fato que ameaçaria a posição de d. Pedro I, por isso o futuro primeiro secretário perpétuo do Instituto faz um elogio ao Imperador, tentando rebater as críticas sofridas em 1822.

Já no tópico “Em oposição a Evaristo”, Feijó Bittencourt relata que Cunha Barbosa só permaneceu em uma legislatura, na Assembleia Geral e, posteriormente, trabalhou na Tipografia Nacional e editou o jornal *Diário Fluminense*. Nesse momento, tornou-se o *escritor oficial* do governo, já que começou a defender os atos da administração. Com o regresso de d. Pedro I a Portugal, o cônego que detinha sua proteção, é dispensado do cargo de redator do *Diário Fluminense*, porém foi readmitido e nele permaneceu até 1837.<sup>179</sup> No subcapítulo intitulado “De novo homem de partido”, Bittencourt também destaca que, nesse momento, Cunha Barbosa voltou a se aliar a uma corrente de pensamento político, seguindo o partido de Evaristo Ferreira da Veiga.

Quando aborda a passagem de Cunha Barbosa pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Bittencourt ressalta que, no ano de 1837, o cônego deixou o cargo de diretor da Tipografia Nacional “cuja administração lhe tinha valido o Hábito de Christo”, passando a viver um momento politicamente desfavorável, com a ascensão de seus adversários políticos na conjuntura do ministério de Bernardo Pereira de Vasconcelos e do chamado “regresso conservador”.<sup>180</sup> Bittencourt considera que a criação do IHGB, “à sombra do Paço”, resultou da iniciativa de “um grupo arredo e vencido”, disposto a velar pela história e a ciência no país. Neste caso, é importante observar que, diferentemente das visões que enfatizavam a dimensão heroica e patriótica da fundação do Instituto e das trajetórias dos seus idealizadores, a narrativa de Bittencourt será uma das primeiras a abordar o surgimento da agremiação como um ato eminentemente político, a partir do qual “ia se escrever a História do Brasil, que passava a ter vida própria”.<sup>181</sup>

---

<sup>178</sup> Idem, p. 185.

<sup>179</sup> Idem, pp. 186-188.

<sup>180</sup> ENGEL, Magali Gouvea. Bernardo Pereira de Vasconcelos. In: VAINFAS, R. (dir.). Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889), Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, pp. 91-92.

<sup>181</sup> BITTENCOURT, Feijó. *Os Fundadores*, op. cit., p. 197.

Em 1946, na ata da sessão comemorativa do centenário da morte do cônego, pouco se fala sobre a sua vida.<sup>182</sup>

No mesmo ano, nas páginas da Revista do IHGB, desta vez no “Noticiário”, lê-se a seguinte menção: “a 20 de maio, celebrando o Centenário do falecimento de Januário da Cunha Barbosa, 1º secretário do Instituto e do poeta Dutra e Melo (...)”.<sup>183</sup> Essa pequena passagem juntamente demonstra, assim como a anterior, que apesar do nome de Cunha Barbosa ser lembrado, pelo menos em datas comemorativas, pouco se fala ou se pesquisa sobre sua vida em meados do século XX.

No ano de 1980, mais uma vez a figura de Januário é relembrada, quando o Instituto celebra o bicentenário de seu nascimento. Na ocasião, o então primeiro secretário do Instituto leu os principais pontos da biografia do cônego relativos a sua formação e vida eclesiástica. Seu texto é embasado no ensaio biográfico elaborado pelo sobrinho de Cunha Barbosa, o também sócio Antonio da Cunha Barboza, no ano de 1902, anteriormente citado.

Ao ler a biografia do sócio Antônio da Cunha Barboza, o então primeiro secretário em 1980, Manuel Xavier de Vasconcellos Pedrosa, ressalta o caráter “científico” dos escritos de Cunha Barbosa, de modo a fixar a sua imagem de “pioneiro” da produção letrada nacional.

No ano de 1988, na comemoração dos 150 anos da instituição, o sócio Antônio Luiz Porto e Albuquerque relata o mérito da criação do Instituto, ressaltando seu valor em um momento político específico, afirmando “(...) a importância das letras versando sobre a história e geografia do Brasil com o fito de auxiliar a administração pública e esclarecer os cidadãos”.<sup>184</sup> Trazia para o próprio presente do Instituto a tarefa de auxiliar o novo momento político do país que acabava de sair de vinte anos de uma ditadura civil-militar. Já o discurso do presidente, Américo Jacobina Lacombe, trata principalmente dos primeiros anos do IHGB, afirmando ser este um empreendimento coletivo, pois

há 150 anos um grupo de brasileiros, que acabavam de viver a era de consolidação da independência, reuniram-se para coletivamente trabalhar e lutar para que se completasse a vitória política com a estabilidade econômica.<sup>185</sup>

<sup>182</sup> Ata da sessão comemorativa do centenário da morte de Januário da Cunha Barbosa e Antonio Francisco Dutra e Melo. 20 de maio de 1946, sessão de número 1.747. v.193, pp. 168-169.

<sup>183</sup> Noticiário. *RIHGB*, v.191, p. 374, 1946.

<sup>184</sup> ALBUQUERQUE, Antônio Luiz Porto e. A Marinha, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Almirante Firmino Chaves (1938-1988). *RIHGB*, nº 149, Rio de Janeiro, out./dez., 1988, p. 546.

<sup>185</sup> LACOMBE, Américo Jacobina. Discurso do Presidente. *Revista do IHGB*, nº 149, Rio de Janeiro, out./dez. 1988. p. 580.

Na mesma alocução, dá maior ênfase ao trabalho desenvolvido pelos fundadores do IHGB:

o cônego foi o grande trabalhador dos alicerces desta instituição: secretário, redator da Revista, orador; o brigadeiro, alta expressão do pensamento liberal, faleceu, infelizmente, nos primeiros tempos do Instituto.<sup>186</sup>

Ao situar a fala desses dois sócios no momento histórico de 1988, podemos observar a importância dos acontecimentos políticos da história do país, no momento de redemocratização, presente em seus discursos. Antonio Luiz Porto e Albuquerque destaca a produção intelectual como meio de suporte para o governo político, já Américo Jacobina aposta na união para alcançar vitórias políticas e econômicas.

Podemos observar que a figura do cônego nesse segundo momento de investigação, assume uma imagem em que se acentuam as suas contribuições aos mundos letrado e político. Porém, esses discursos já não são construídos de forma a exaltá-lo com categorias heroicas, criando o vulto de um homem ilustre devotado à pátria. Esse fato se liga às considerações realizadas no início do capítulo, onde as reatualizações da memória sempre acompanham as preocupações do presente a partir do qual se formulam. Por isso existia a necessidade de definir Cunha Barbosa, como um “grande trabalhador”, salientando que ele participou de um esforço político coletivo que consolidou a Independência, assim como deveria ser vista a proclamação da República.<sup>187</sup>

### **1.3 O que os contemporâneos dizem?**

Dentro do IHGB, nos últimos vinte anos, poucos estudos foram dedicados à vida e aos escritos de Cunha Barbosa. O trabalho que mais se destaca dentro do Instituto é o artigo publicado na Revista do IHGB em 1997, de Cybelle Ipanema, elaborado em ocasião da celebração do sesquicentenário de falecimento do cônego.

O número 394 da Revista do IHGB, contém as descrições das celebrações do sesquicentenário de falecimento de Januário da Cunha Barbosa, cujas solenidades ocorreram

---

<sup>186</sup> Idem, p. 580.

<sup>187</sup> CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 48.

no dia 10 de julho de 1996. Antes do artigo de Ipanema, a Revista traz uma descrição da missa realizada em homenagem ao cônego, na qual o Monsenhor Guilherme Schubert faz um discurso atribuindo grande importância à vida eclesiástica do primeiro secretário, apesar de citar as demais áreas em que ele atuou. Schubert, ao fazer ressalvas sobre Cunha Barbosa, afirma que ele era "considerado figura polêmica, é justiça esclarecer que isso não se refere a ele como eclesiástico".<sup>188</sup> Acrescenta ainda que,

num julgamento geral, realmente pode ser considerado um lutador violento nas lides políticas. Mas ele lutou pelo Brasil, por sua independência política e sua independência interna, pela moralidade da vida pública. Seus motivos são nobres, patrióticos.<sup>189</sup>

Logo após a fala do Monsenhor, o texto da sócia Cybelle Ipanema começa com o título "Januário da Cunha Barbosa: Para não esquecer", observando que o primeiro secretário não era uma figura tão lembrada quanto antes dentro do espaço do Instituto. Ao justificar seu trabalho, a autora ressalta que "lembrá-lo é justificar o porquê nos reunimos e nos associamos para o objetivo comum de cumprir o que ficou estatuído como ideia-mãe: preservar a cultura do país."<sup>190</sup> Com essa fala introdutória, podemos perceber que essa tentativa de reviver a imagem do cônego dentro do Instituto, acaba sendo um pouco mais do que foi construído no século XIX, uma forma de continuidade. Seu texto não traz novas questões, pelo contrário reproduz os elogios e vicissitudes já glorificadas no Oitocentos.

A historiadora realiza seu pronunciamento enquanto primeira secretária do Instituto e afirma ser uma ousadia tentar preencher o lugar do cônego, já que ele possuía um perfil multiforme como religioso, mestre de Filosofia, pregador sacro, poeta, tradutor, jornalista, historiador, administrador e "entusiasta de ideias generosas".<sup>191</sup>

Cybelle Ipanema chama a atenção pela segunda vez, a primeira foi no título da comunicação, para o baixo número de biógrafos que dedicaram seus trabalhos à vida do cônego, relatando ainda que, em sua grande maioria, foram seus contemporâneos, denotando assim o

---

<sup>188</sup> SCHUBERT, Guilherme. Cônego Januário da Cunha Barbosa. *RIHGB*, Rio de Janeiro, 158 (394), jan./mar. 1997, p. 193.

<sup>189</sup> Idem, p. 194.

<sup>190</sup> IPANEMA, Cybelle. Januário da Cunha Barbosa: Para não esquecer. *RIHGB*, Rio de Janeiro, 158 (394), jan./mar., 1997, p. 195.

<sup>191</sup> É interessante perceber que grande parte dos sócios que se dedicaram a manter a figura do cônego viva dentro do Instituto, ocuparam a mesma cadeira que este inaugurou em 1838, a de primeiro secretário. Nota-se, então, que, pelo menos no diz respeito aos estudos da vida de Cunha Barbosa, que foi papel de seus sucessores retomarem sua figura.

evidente esquecimento da figura de Cunha Barbosa no último século pela academia. Outro ponto importante em sua narrativa é a forma com que organiza o perfil do cônego a partir do local onde mais tempo esteve em sua vida, o Rio de Janeiro, relatando que este poucas vezes se ausentou da cidade. Dessa forma, Cybelle Ipanema afirma que o fato dele ser *fluminense* determinou a forma com que agiu e tomou suas decisões.<sup>192</sup>

Ao descrever as diretrizes e os trabalhos do cônego, a primeira secretária atenta para o fato de que “na cátedra, no púlpito, nas lides jornalísticas, nas letras, em cargos de direção, na condução de trabalhos administrativos, no espírito associativo, constata-se-lhe uma linha de coerência em que a moral e o desejo de servir são vigas mestras de seu pensamento.”<sup>193</sup>

Na última parte de sua arguição, a primeira secretária se dedica a apresentar a atuação de Cunha Barbosa dentro do IHGB e, para isso, comenta as diretrizes do Instituto, citando o texto inaugural da agremiação, o célebre *Discurso*, elaborado pelo cônego. Afirma que nele "o secretário definiu os rumos da instituição, que não devemos perder de vista, adaptados, obviamente, às modificações do país e do mundo, às novas visões da historiografia e aos novos procedimentos metodológicos para servir ao Brasil, através do estudo, principalmente da História e da Geografia."<sup>194</sup>

\*\*\*

Podemos sintetizar alguns aspectos destacados ao longo deste capítulo sobre a construção da memória do cônego Januário da Cunha Barbosa dentro do IHGB. Primeiramente, observamos que o século XIX foi o momento mais fecundo para a exaltação de suas qualidades de letrado e religioso. Sua atuação nos acontecimentos políticos de 1822 também lhe renderam a imagem de um patriota exemplar. Já nos elogios biográficos do início do século XX, verifica-se uma atualização da memória e da imagem do primeiro secretário, a partir dos novos valores relacionados à República recém proclamada. Depois desse primeiro momento, os discursos memorialísticos sobre o cônego serão realizados em eventos comemorativos do Instituto, os quais se preocuparam em ressaltar a sua atuação dentro da agremiação, além de possuírem o intuito de colocar a figura de Cunha Barbosa em evidência, após o relativo esquecimento de seu nome em finais do século XIX.

---

<sup>192</sup> Idem, p. 196.

<sup>193</sup> Idem, p. 195.

<sup>194</sup> Idem, p. 207.

O próximo capítulo estará direcionado à produção letrada do cônego no período anterior a 1838, na qual não apenas se destacam os seus escritos políticos, mas também despontam os seus esboços biográficos e literários. Para isso, examinarei sobretudo a antologia *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, Tanto Ineditas, como ja Impressas*, publicado entre 1829 e 1832, buscando compreender como se delineia a proposta que tomará forma nas páginas da revista do Instituto a partir de 1839, com a seção de “*Biografias de Brasileiros Distintos por Letras, Armas e Virtudes*”.

## CAPÍTULO 2: A ANTOLOGIA POÉTICA E BIOGRÁFICA DE JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA

Com o objetivo de compreender as aproximações de Cunha Barbosa em relação à escrita biográfica, o presente capítulo abordará alguns trabalhos do cônego anteriores à sua atuação no IHGB. Esse movimento torna-se necessário para tentarmos identificar a constituição do projeto biográfico, idealizado pelo primeiro secretário perpétuo, que tomará forma nas páginas do periódico da agremiação.

Grande parte dos estudos que mencionam o *Parnaso Brasileiro* salientam que a antologia tem por mérito ser um projeto pioneiro do gênero. Neste primeiro momento, analisaremos a recepção da obra obtida pelos intelectuais do século XIX e XX, entre eles, Joaquim Norberto de Sousa Silva, Manuel Pereira Rebello, Silvio Romero, José Veríssimo, Antônio Candido e Afrânio Coutinho.

### 2.1 Dizem por aí....

Um dos primeiros, senão o primeiro a falar sobre o *Parnaso* de Cunha Barbosa ou a fazer menção sobre seu trabalho no ramo das belas letras, foi seu contemporâneo Joaquim Norberto de Sousa Silva. Apesar de não abordar diretamente a obra do cônego, Norberto dedica sua obra *Modulações Poéticas* ao “Decano da Litteratura Nacional, a um dos heroes da Independencia do Brasil (...)” *Januário da Cunha Barbosa*.<sup>195</sup> E ressalta ainda que, no Brasil, “ainda não éramos nação e já tínhamos historiadores, que memorassem as glorias da pátria, e poetas que celebrassem as victorias de seus concidadãos (...)”, evidenciando dessa forma a existência de pessoas dedicadas as letras em terras brasileiras, sem a necessidade de uma tutela de sua antiga metrópole.<sup>196</sup>

Outro autor que menciona brevemente a antologia poética do cônego é Manuel Pereira Rebello. Ao iniciar seu estudo sobre a obra de Gregório de Mattos, recorda que foi Cunha

---

<sup>195</sup> SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Modulações Poéticas precedidas de um bosquejo da historia da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1841.

<sup>196</sup> Idem, p. 15.

Barbosa o primeiro a divulgar os seus escritos, incluindo no *Parnaso* “meia duzia de satyras”, precedidas de um resumo da vida do poeta baiano.<sup>197</sup>

Ainda no século XIX, em um momento posterior aos clamores de exaltação do cônego, como já vimos anteriormente, no ano de 1888, no primeiro tomo da *História da Literatura Brasileira*, Sylvio Romero afirmava: “De tudo o que se escreveu, apenas raramente lê-se hoje o *Parnaso Brasileiro*. O *Nictheroy*, os *Garympeiros*, e a *Rusga da Praia Grande*, estão esquecidos, e tudo o mais que escreveu em revistas e jornais.”<sup>198</sup> E para completar sua avaliação sobre a contribuição literária de Cunha Barbosa, salientava que,

si n’uma litteratura há duas classes de obreiros, aquelles que produzem em qualquer esphera, na poesia ou na critica, na historia ou na philosophia, e aquelles que propalam o que os outros fizeram, que reúnem os trabalhos alheios esparsos, que estimulam, que advertem, si n’uma litteratura ha essas duas classes de obreiros, o conego Januario foi um nítido exemplar da segunda espécie.<sup>199</sup>

A partir dessa citação, podemos perceber claramente que Romero se refere ao *Parnaso*, pois se tratava de uma obra de compilação de trabalhos de poetas brasileiros. Em outro momento de seu texto, intitulado “Poetas de transição entre clássicos e românticos”, Romero faz uma crítica tanto ao *Parnaso* de Cunha Barbosa, quanto ao *Florilégio*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, outra antologia poética elaborada no século XIX, salientando que a história da literatura brasileira não deveria ser “um simples amontoado de noticias biographicas e a citação de alguns trechos poeticos”, mas ser composta com a missão de “penetrar no ideal das nações para surpreender-lhes a vida subjectiva.”<sup>200</sup>

Por sua vez, José Veríssimo, em 1916, também cita a obra de Cunha Barbosa, em sua *História da Literatura Brasileira*. Mesmo não sendo tão crítico quanto Romero, Veríssimo também realiza apontamentos contundentes ao *Parnaso*, principalmente em relação à falta de organização do material, porém também demonstra haver pontos positivos na obra do cônego. Para ele, a coleção era

---

<sup>197</sup> Vale ressaltar que ao citar a breve biografia da vida de Gregorio de Mattos, Rebello, acaba destacando a importância dessa modalidade de escrita. REBELLO, Manuel Pereira. Obras poéticas de Gregório de Mattos – precedidas da vida do poeta. 1882, p. V.

<sup>198</sup> ROMERO, Sylvio. Historia da Literatura Brasileira. Tomo Primeiro (1500-1830), 1888. p.335.

<sup>199</sup> Idem, p. 336.

<sup>200</sup> Idem, p. 435.

prestante e estimável como recolha de documentos da poesia brasileira, que sem ele se teriam talvez perdido, tem somenos mérito como informação histórica o Parnaso Brasileiro, do Cônego Januário da Cunha Barbosa.<sup>201</sup>

Ao analisar a imagem que Cunha Barbosa possui dentro do universo literário, Veríssimo inclui o cônego no grupo de literatos “predecessores do Romantismo” no Brasil. Para o autor, esta fase caracteriza-se pelo trabalho de “simples noticiadores” da literatura que,

na vã presunção de lhes emprestarem valor, pois não é crível que efetivamente lho encontrem, sobre nomeá-los adjetivam-nos com qualificativos que a leitura dos seus poemas não só desabona mas prejudica.<sup>202</sup>

Nesse trecho, Veríssimo ressalta que, além do cônego, outros letrados se dedicaram a compilações de produções literárias, mas, em sua visão, tais compilações não possuíam nenhuma qualidade, sendo o trabalho do primeiro secretário o único com relativa importância por ser o pioneiro do gênero. Veríssimo valorizava não propriamente a obra de Cunha Barbosa, mas sim seu trabalho e esforço enquanto divulgador e homem de letras. Ao comparar Januário com outros literatos, diz que

quando todos eles se faziam homens, o cônego Januário da Cunha Barbosa, que com grandes créditos de literato e orador sagrado vinha da geração anterior, zeloso dos interesses mentais da novel pátria, fundou com outros letrados e homens de boa vontade o Instituto histórico, geográfico e etnográfico brasileiro. Com a publicação do Parnaso Brasileiro (1829), foi este o melhor serviço prestado por Januário Barbosa, não só às nossas letras, mas à nossa cultura.<sup>203</sup>

Ainda em sua *História da Literatura Brasileira*, Veríssimo analisa as biografias elaboradas em grande parte para as coleções literárias, lançadas no século XIX, e salienta que esses esboços limitam-se, em sua opinião, a simples elogios laudatórios aos escritores. Para o autor, essa forma de crítica

(...) se traduzia em louvores indiscretos acompanhados de divagações a mais das vezes ociosas e até impertinentes, crítica ainda em suma retórica, surgiu pela mesma época a crítica erudita e mais a história literária, seu natural

---

<sup>201</sup> Veríssimo, José. *Historia da Literatura Brasileira – De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Lisboa: Typ. << Editora L.da >>, 1916, p. 22.

<sup>202</sup> Idem, p. 169.

<sup>203</sup> Idem.

suporte. Desprezadas, como é de razão, umas primeiras malogradas tentativas de Cunha Barbosa, Magalhães, Ferreira da Silva, o criador dessa espécie de crítica aqui, e simultaneamente da história da nossa literatura, foi Varnhagen.<sup>204</sup>

Em 1959, no célebre estudo sobre formação da literatura brasileira, Antônio Candido inclui o nome de Cunha Barbosa em dois momentos distintos; o primeiro, no subcapítulo chamado “Poesia a Reboque”, no qual o cômico é citado entre os publicistas brasileiros do século XIX, que fizeram incursão no mundo literário, por conta do poema *Nictheroy*. Projeto ao qual Candido classifica como “péssimo”, pois a mistura de um patriotismo emergente com a tradição clássica e “tendências indianistas embrionárias”, fazia com que o poema épico se tornasse ao mesmo tempo, “ridículo e comovedor”.<sup>205</sup> O outro momento em que o cômico é destacado diz respeito à coleção de poesias, publicada no final da década de 1830. Antônio Candido refere-se à obra como a primeira tentativa de expor a existência de uma literatura nacional com a necessidade de valorizar a “jovem pátria”. Em suas palavras, o *Parnaso* “estabelece uma ponte entre a filosofia das luzes e o nosso primeiro Romantismo”, isso devido ao seu espírito didático e nacionalista.<sup>206</sup>

A coletânea de Cunha Barbosa sofreu influências de outras obras semelhantes, pois a elaboração de parnasos e antologias poéticas não ocorria somente no Brasil. Para o autor, “parece claro que o exemplo seguido foi o *Parnaso Lusitano*, de Garrett, ou melhor, do editor Aillaud. Era, com efeito, a primeira iniciativa brasileira de apanhar as deixas dos estrangeiros.”<sup>207</sup>

Por fim, Cândido faz uma comparação das principais obras do mesmo gênero, publicadas até a década de 1850, observando que,

(...) nas três obras principais dessa etapa antológica – o *Parnaso* de Januário da Cunha Barbosa (1829-1831), o *Parnaso* de Pereira da Silva (1843-1848), o *Florilégio* de Varnhagen (1850-1853) – verificamos um progresso constante na seleção dos autores, na qualidade e quantidade de amostras escolhidas,

<sup>204</sup> Idem, p. 406.

<sup>205</sup> CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos 1750-1880*. 12ª ed. Comemorativa dos 50 anos de lançamento. São Paulo/Rio de Janeiro, 2009, pp. 282-283.

<sup>206</sup> Idem, p. 315.

<sup>207</sup> Idem. Por outro viés, diferenciando-se da ideia de Candido, recentemente, Janaína Senna percebe que “(...) pensar o *Parnaso Brasileiro* como eventual resposta ao *Parnaso lusitano*, de Almeida Garrett (1826-1827), me parece mais plausível do que a ideia de que este último tenha *inspirado* o primeiro, como propõe Antônio Candido.”. Para a autora, a obra portuguesa, por fim, não aparece como uma eventual inspiração para o trabalho do letrado brasileiro. SENNA, Janaína Guimarães de. *Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. Tese de doutorado. p. 89.

revelando consciência crescentes dos valores e esforço para constituir o elenco básico, o cânon da nossa literatura.”<sup>208</sup>

Outro crítico literário que também se deteve sobre o assunto, Wilson Martins, salienta que o *Parnaso* de Cunha Barbosa surge ao mesmo tempo em que o *Parnaso Lusitano* de Garrett, e aparece como uma resposta ultranacionalista, ainda no contexto da Independência, já que um é português e o outro brasileiro.<sup>209</sup> Ainda para Martins, “(...) o *Parnaso Brasileiro* mostra, ao mesmo tempo que, com base nessa teoria do passado, (...) o Brasil começava a construir com um “sistema” a sua literatura do futuro.”<sup>210</sup>

Na coleção dirigida por Afrânio Coutinho, sobre “A Literatura no Brasil”, no capítulo intitulado “A Crítica Literária Romântica”, a existência do *Parnaso Brasileiro*, de Cunha Barbosa, é ignorada e, em seu lugar, o *Bosquejo*, de Almeida Garrett, é eleito como o principal projeto de compilação poética desse momento.<sup>211</sup> O projeto do cônego aparece citado brevemente, quando o autor discute o debate, comum do século XIX, sobre a necessidade de fixar a nacionalidade dos escritores/poetas. Nesse ponto, Coutinho observa que as antologias produzidas nesse período possuem intenção didática, pois

(...) denotam uma concepção clara quanto à natureza brasileira dos escritores que cultivaram as letras, fosse mesmo no período colonial. Incluíram como representantes da literatura brasileira os escritores anteriores à Independência.<sup>212</sup>

Após essa breve menção na obra de Coutinho, o *Parnaso* de Cunha Barbosa é esquecido pela crítica literária em grande parte do século XX, o que talvez possa ser explicado pelo fato de ser uma obra de difícil acesso, com um único exemplar completo na Biblioteca Nacional. A partir dos anos dois mil, a coletânea de Cunha Barbosa torna-se fonte para trabalhos de historiadores, como Janaína Senna, e de linguistas, como Américo Miranda.

<sup>208</sup> CANDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos 1750-1880. op. cit., p. 663.

<sup>209</sup> MARTINS, Wilson. A Crítica Literária no Brasil. Editora Francisco Alves, 2002. p. 83.

<sup>210</sup> Idem. p. 84.

<sup>211</sup> COUTINHO, Afrânio (dir.) A Literatura no Brasil. 7. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Global, 2004. p. 322.

<sup>212</sup> Idem, p. 335.

## 2.2 Antologias Poéticas

O século XIX brasileiro foi momento crucial para a definição do que era ser brasileiro e para o debate sobre a existência de uma literatura nacional, considerada como expressão e testemunho da própria história pátria.<sup>213</sup>

Por isso, o papel dos parnasos poéticos, não só do Brasil, mas também dos países recém emancipados da América espanhola, era o de buscar um distanciamento das características que os ligavam a suas antigas metrópoles. Nesse processo, buscava-se uma literatura que afirmasse as singularidades das novas unidades nacionais.<sup>214</sup> As antologias e florilégios poéticos funcionaram, naquele momento, como indicadores do “grau de civilização” das nações emancipadas.

Levando em consideração o léxico, a palavra “antologia” só começa a ser utilizada de forma disseminada durante o século XIX. Sobre a origem da palavra, Janaína Senna observa que esta surgiu na Grécia Antiga, com *anthologium* que, no latim tornou-se *Florilegium*, significando “coletânea de flores”. Porém, com o passar do tempo, o vocábulo muda seu sentido, se esvazia e se transforma. Segundo a historiadora, os livros escritos no Brasil do século XIX, já não colhem as características dos antigos, pois, nesse momento, essas coletâneas serão voltadas para o universo pedagógico.<sup>215</sup> Para a historiadora,

pouco importa que o volume traga o título de antologia, crestomatia, florilégio etc., o que conta é especificar que se trata de uma coletânea da poesia de tal ou qual país, da literatura produzida neste ou naquele século, e assim por diante.(...) É curioso observar que os próprios organizadores de coletâneas poucas vezes mencionam essa escolha, reservando as suas explicações para o tipo de texto selecionado, a motivação de seu trabalho ou as expectativas quanto à recepção do mesmo.<sup>216</sup>

Uma característica comum da estrutura desses parnasos é o uso de paratextos - introduções, notas – por seus autores, para explicar os critérios adotados para a confecção da obra.<sup>217</sup>

<sup>213</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. Tese de doutorado. p. 10.

<sup>214</sup> Idem, p. 12.

<sup>215</sup> Idem, p. 29.

<sup>216</sup> Idem, p.37.

<sup>217</sup> SENNA, Janaína. A ponto precário: o parnaso fundacional de Januário da Cunha Barbosa. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). História social da língua nacional. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 44.

Organizadas a partir da seleção e compilação de trechos de obras e autores considerados representativos, a função primordial dessas coleções era fundar uma identidade comum, calcada na preexistência de um patrimônio literário coletivo.<sup>218</sup>

Referindo-se ao papel da literatura como testemunho da singularidade de cada povo, Valdei Lopes de Araújo salienta que “todas as literaturas modernas estariam marcadas por essa luta entre duas forças: a expressão de seu próprio tempo e lugar e um conjunto de obras, referências e procedimentos herdados”.<sup>219</sup> Mesmo após o processo de Independência, desvincular-se da antiga metrópole não foi tarefa fácil, sobretudo porque era necessário, para o novo Império, afirmar seus vínculos com a civilização europeia.<sup>220</sup>

A partir desta perspectiva, podemos pensar que a elaboração das antologias poéticas no século XIX representava um primeiro passo para a construção de uma história da literatura brasileira e da própria compreensão da história nacional.<sup>221</sup> Não por acaso, as compilações poéticas, cujo marco inaugural no Brasil é o *Parnaso* de Cunha Barbosa, publicado entre 1829 e 1932, aparecem no período político imediatamente posterior à Independência, momento decisivo para a criação de um sentimento de pertencimento identitário a ser compartilhado pelos brasileiros.<sup>222</sup> Como bem observou Janaína Senna, as obras antológicas contribuem para a fundação das identidades nacionais, na medida em que afirmam a existência de um patrimônio coletivo, “às vezes preexistente à institucionalização do grupo cultural cuja realidade atesta e ao qual fornece referências comuns”.<sup>223</sup>

Neste sentido, o esforço de Januário da Cunha Barbosa em reunir “as melhores poesias” de poetas nativos era uma forma de dotar o Brasil de um patrimônio literário próprio e, desse modo, tornar conhecida uma coleção de obras exemplares que serviriam de modelo para o futuro da literatura nacional.

---

<sup>218</sup> Idem, p. 40.

<sup>219</sup> Idem, p. 120.

<sup>220</sup> ARAUJO, Valdei Lopes de. *A Experiência do Tempo – Conceitos e Narrativas na Formação Nacional Brasileira (1813-1845)*. op. cit., p. 126.

<sup>221</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. *Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário*. op. cit., p. 11.

<sup>222</sup> Marco A. Pamplona, ao estudar a mudança do vocábulo “Nação” no período de 1750-1850, percebe que “(...) reconhecer-se “brasileiro”, entre 1820 e 1822, não significava necessariamente abrir mão do sentimento de pertencimento político à “grande família lusitana”. PAMPLONA, Marco A. *Nação*. In: *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. João Feres Júnior (org). Editora UFMG, Belo Horizonte, 2009. p. 170.

<sup>223</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. *Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário*. op. cit., p. 40.

Como se salientou até o presente momento, o *Parnaso* de Cunha Barbosa foi um empreendimento pioneiro na literatura nacional. Mas vale apontar que ele não foi o único realizado no século XIX, podemos citar o *Parnaso Brasileiro*, de Pereira da Silva<sup>224</sup>, o *Mosaico poético*, de Noberto e Adêt<sup>225</sup> e o *Florilégio da Poesia Brasileira*, de Francisco Adolfo de Varnhagen.<sup>226</sup> Consideradas em conjunto, essas diversas compilações contribuíram para a configuração da imagem da nação independente, funcionando como obras de fundação daquilo que passou a se constituir como “literatura brasileira”, traçando as diretrizes para a sua história.

227

### 2.3 O Pioneiro

Vista por muitos críticos como louvável por ter sido o primeiro empreendimento a se dedicar à literatura brasileira, a coletânea de Cunha Barbosa é composta por oito pequenos cadernos de 64 páginas, que foram publicados entre os anos de 1829 e 1832. Neste *Parnaso*, segundo o próprio cômego, estariam empreendidas as melhores poesias de todos os poetas brasileiros, para que servissem de inspiração ou modelo a ser seguido pelos demais literatos brasileiros. Além das poesias, o primeiro secretário julgou necessário anexar uma notícia biográfica de cada autor, para "oferecer ao conhecimento do mundo as memórias dos ilustres brasileiros, que fazem honra à literatura nacional".<sup>228</sup> Maria da Glória de Oliveira, ao analisar os nomes que aparecem nas biografias do *Parnaso*, salienta que três desses também estão presentes na seção de biografados do IHGB. Os três nomes que aparecerem nas duas publicações são: Gregório de Matos Guerra, Manuel Inácio da Silva Alvarenga e Domingos Caldas Barbosa. O interessante é perceber que, apesar de publicar dezenas de poesias de autoria de José Basílio da Gama, esse não ganhou uma nota biográfica no *Parnaso*. Porém, a primeira

<sup>224</sup> SILVA, J.M.P. da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843-1848. 2v.

<sup>225</sup> SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÊT, Émile. *Mosaico poetico, poesias brasileiras antigas e modernas, raras e ineditas, acompanhadas de notas, noticias biographicas e criticas, e de uma introdução sobre a litteratura nacional*. Rio de Janeiro: Tipografia de Berthe e Haring, 1844.

<sup>226</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1946. 3v. Os dois primeiros tomos da obra foram impressos em Lisboa, em 1850, e o terceiro, em Madri, no ano de 1853.

<sup>227</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. op. cit., p. 169.

<sup>228</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Ao Publico. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno nº1, 1829.

biografia da seção de brasileiros ilustres do Instituto será justamente de punho de Cunha Barbosa sobre o poeta Arcade.

O principal intuito do *Parnaso* de Cunha Barbosa, era reunir “as melhores poesias” de autores brasileiros, e aqui devemos destacar a ênfase dada pelo primeiro secretário de denominar os “brasileiros”. Pois um dos grandes objetivos do cônego era realizar, nesse momento pós independência, trabalhos que estivessem relacionados a formar um sentimento de nacionalidade, já que menos de duas décadas antes, o Brasil ainda era colônia de Portugal.

Segundo Cunha Barbosa, havia uma urgência na composição desse *Parnaso*, por conta da inexistência de empreendimento semelhante no Brasil.<sup>229</sup> Essa urgência, segundo Janaína Senna, está refletida na necessidade de se realizar uma distinção entre a nova nação, o Brasil, e sua antiga metrópole, Portugal. Pois, através da língua, essa diferenciação não podia ser lograda, já que ambos falavam o português, por isso o ponto de ruptura nesse momento seria a construção de uma literatura própria.<sup>230</sup>

A posição política de Cunha Barbosa dentro das instituições administrativas do país, contribuíram de forma direta para a realização do *Parnaso*. Ele que já havia sido deputado na Assembleia Geral, em 1829, ano de lançamento do primeiro tomo da obra, ocupava o cargo de diretor da Tipografia Nacional. No último caderno da coletânea, publicado em 1832, o cônego sugere no texto de “Advertencia” que o trabalho teria continuação, porém, com sua saída da Imprensa e da Tipografia Nacionais, o projeto não seguiu adiante.<sup>231</sup>

Sobre a autenticidade dos textos reunidos na obra, Cunha Barbosa afirma que, para chegar às “poesias originais”, fez a análise de manuscritos, fornecidos por amigos “entendidos e amantes” das poesias brasileiras. O autor observou que, diferentemente de outras nações europeias, o trabalho de se fazer uma coletânea de poesias no Brasil era de extrema dificuldade, já que os originais eram raros e as cópias pouco fidedignas.

Sobre a estrutura do *Parnaso*, podemos salientar que a obra começou a ser publicada no ano de 1829, totalizando oito cadernos distribuídos em dois volumes ou tomos. Neles, há um conjunto de poetas já conhecidos na época e que se tornaram “canônicos” como José Basílio da Gama e Gregório de Mattos, e autores menos conhecidos como Antônio José de Araújo e Joaquim Inácio de Seixas.

---

<sup>229</sup> SENNA, Janaína. A ponto precário: o parnaso fundacional de Januário da Cunha Barbosa. op. cit.

<sup>230</sup> Idem, p. 316.

<sup>231</sup> MIRANDA, José Américo. Parnaso Brasileiro de Januário da Cunha Barbosa: Prefácios e Índices, Organização, edição, Notas e Apresentação. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1999. p. 8.

Quanto à apresentação dos poetas, o cônego declara que pretende tornar conhecido o “gênio” literário dos brasileiros, para servir de exemplo, já que, em sua visão daquele momento histórico, o ramo das “Bellas Letras” estava abandonado há algumas décadas, por conta dos acontecimentos políticos recentes que afetavam a nação.<sup>232</sup>

É importante ressaltar ainda que, com a publicação do *Parnaso*, muitos autores ganharão vista do público pela primeira vez, como os poetas Basílio da Gama e de Manuel Ignácio da Silva Alvarenga.<sup>233</sup> No caso do primeiro, o caderno três publica dois sonetos e uma décima, inéditos naquele momento. Já no caso de Silva Alvarenga, seis das vinte composições reunidas na coletânea também eram inéditas.<sup>234</sup>

É interessante destacar ainda a presença de nomes femininos na seleção. As poetisas Beatriz Francisca de Assis Brandão e Delfina Benigna da Cunha são incluídas no *Parnaso* em um momento em que as mulheres são vistas como “coadjuvantes”, às quais eram negadas “a autonomia e a subjetividade necessária à criação”.<sup>235</sup>

Como já mencionado anteriormente, muitos críticos apontaram problemas na organização da coletânea. De certa forma, o próprio cônego explica a falta de critério para a escolha dos nomes incluídos no *Parnaso*. Nos textos introdutórios da obra, o primeiro secretário do IHGB salienta que

A nação brasileira, que nestes derradeiros tempos se tem feito conhecer, e devidamente apreciar no meio do mundo civilizado por seus nobres sentimentos patrióticos, com os quais soube vindicar a sua independência e liberdade, *depois de mais de trezentos anos de opressiva tutela; carecia ainda de fazer patente ao mundo ilustrado quanto ela tem sido bafejada*, e favorecida das musas, particularmente daquelas que, empregando a linguagem das paixões e da imaginação animada, oferecem à admiração das eras exatos modelos do mais delicado engenho, e apurado gosto.<sup>236</sup>

Os anos em que a nação esteve ligada a Portugal seriam, na visão de Cunha Barbosa, o motivo do atraso no campo ilustrado brasileiro. Por isso a necessidade de se fazer projetos

---

<sup>232</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. op. cit., p. 90.

<sup>233</sup> MIRANDA, José Américo. *Parnaso Brasileiro de Januário da Cunha Barbosa*. op. cit., p. 16.

<sup>234</sup> Idem, p. 18.

<sup>235</sup> TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORI, M. (org.) *História das mulheres no Brasil*. 8a. ed. SP: Contexto, 2006, p. 403.

<sup>236</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Introdução. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Tomo I, Caderno nº2, 1830. [grifos meus]

que contemplassem essa área, principalmente com o intuito de elevar o nome do país entre as civilizações cultas do mundo.

É importante frisar que, para Cunha Barbosa, assim como para os demais letrados no Oitocentos, as questões políticas não estavam à parte do mundo das letras. Na introdução do *Parnaso*, o cônego lamenta que, desde a Independência, poucos eram os brasileiros que se dedicavam à poesia. A necessidade de se elaborar essa coletânea não estava somente vinculada com a promoção das letras nacionais, mas também se relacionava ao cumprimento de um dever cívico e uma forma de demonstração do amor à pátria.<sup>237</sup>

Em três prefácios breves, Cunha Barbosa expõe suas intenções e ideias acerca da coleção. São eles os seguintes: “Ao público”, que precedeu o conteúdo do caderno primeiro da obra, publicado em 1829; a “Introdução”, incluída no caderno segundo, em 1830 e o “Aviso”, que veio no caderno quinto, abrindo o segundo volume do *Parnaso*.

No prefácio do primeiro tomo, o cônego projetava os caminhos e as suas pretensões com a realização da coletânea. No final de sua argumentação, o cônego demonstra as perspectivas que encontra em seu empreendimento:

A esperança em que estou de ser coadjuvado nesta empresa de gloria nacional, por todas as pessoas, que possuem poesias e notícias dos nossos bons poetas, até hoje sepultados em arquivos particulares, obriga-me a pedir, que as confiem do editor do *Parnaso brasileiro*, remetendo-as à sua morada (...)<sup>238</sup>

Já no ano de 1831, no caderno nº 5, que veio a ser o primeiro do segundo e último volume da coleção, Cunha Barbosa revelava que seu empreendimento obtivera relativo êxito, por isso continuaria a desenvolver o trabalho. Em suas palavras,

o bom acolhimento, que tem merecido o 1º volume do *Parnaso Brasileiro*, anima o seu editor Januário da Cunha Barbosa a prosseguir nesta empresa de glória nacional, publicando o 2º volume, também dividido em 4 n.º de 8 folhas de impressão; cada um dos quais será anunciado logo que esteja pronto na tipografia.<sup>239</sup>

---

<sup>237</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. op. cit., p. 90.

<sup>238</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Ao Publico. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno 1, 1829.

<sup>239</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Ao Publico. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno 5, 1831.

Nesses textos introdutórios, o cônego tratou das biografias, concedendo grande espaço para esse gênero de escrita. Em sua concepção,

Forâ bom ajuntar á esta collecção huma noticia Biographica de tantos Poetas, que honrão o nome Brasileiro com produções distinctas; mas esta tarefa offerece maiores difficuldades, sem com tudo desanimar a quem espera ainda offerecer ao conhecimento do mundo as memorias dos Illutres Brasileiros, que fazem honra á Litteratura Nacional.<sup>240</sup>

Em 1843, quando publicou o primeiro volume do seu *Parnaso Brasileiro*, João Manoel Pereira da Silva mencionava que o “antigo Parnaso”, de Cunha Barbosa, já era, naquele momento, uma raridade bibliográfica, mas destacava o inacabamento da obra: “os oito cadernos, que se publicaram, mereciam grande reforma”.<sup>241</sup>

O francês Ferdinand Wolf, em seu livro “O Brasil literário”, de 1863, também cita a importância do *Parnaso* de Cunha Barbosa para a história da literatura nacional. Para Wolf,

(...) só no decorrer dos últimos trinta anos é que apareceram no Brasil obras objetivando reunir os materiais da história literária futura ou tentar uma sùmula de seu desenvolvimento. Assim em 1831 [sic], Januário da Cunha Barbosa, além do mais poeta, publicou um “Parnaso brasileiro”, de que não conhecemos nada, além do título.<sup>242</sup>

Os estudos mais recentes em torno da antologia de Cunha Barbosa reforçam a avaliação que, desde Ferdinand Wolf, apontava para o caráter inaugural do *Parnaso*, no esforço de demonstrar a existência de uma literatura nacional, elemento necessário para inscrever o Brasil entre as nações civilizadas. Valdeci Araújo, por exemplo, procura demonstrar as continuidades e descontinuidades entre o projeto literário-histórico de Cunha Barbosa e

---

<sup>240</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Ao Publico. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno 1, 1829. Como salientado anteriormente, na comparação das biografias presentes no *Parnaso* com aquelas de autoria do cônego, na Revista do IHGB, podemos perceber a presença de três nomes comuns às duas publicações, são eles: Gregório de Matos, Manuel Ignácio da Silva Alvarenga e Domingos Caldas Barboza. Mais adiante, faremos uma análise de cada uma dessas biografias.

<sup>241</sup> SILVA apud MIRANDA, José Américo. *Parnaso Brasileiro de Januário da Cunha Barbosa*. op. cit., Idem, p. 9.

<sup>242</sup> DENIS apud SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. op. cit., p. 102. Em seu artigo “As Transformações nos Conceitos de Literatura e História no Brasil: Rupturas e Descontinuidades (1830-1840)”, Valdeci Lopes de Araújo entrelaça o estudo da obra de Cunha Barbosa e a de Gonçalves de Magalhães, buscando demonstrar como o conceito de literatura sofreu modificações naquele período. Segundo ele, o fato se deu principalmente pela emergência de um novo “campo de experiência”, apesar do curto espaço temporal que divide essas duas obras. ARAUJO, Valdeci Lopes de. As transformações nos conceitos de literatura e história no Brasil: Rupturas e descontinuidades (1830-1840). *sÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [20]; João Pessoa, jan./ jun. 2009. p. 49.

o do romantismo posterior, cujo marco é o “Ensaio sobre a história da literatura no Brasil”, de Gonçalves de Magalhães, publicado na Revista Nitheroy, em 1836. Vinculada a um período de profundas inquietações políticas e sociais do pós-independência, a iniciativa do cônego focava-se na preservação de obras poéticas, reunidas sem ordenação cronológica nem um critério claramente definido, a não ser pelo fato de seus autores terem nascido no Brasil. Limitava-se, por isso, a ser uma “coleção de exemplos”, sem a preocupação, que se tornará central para os românticos, de construir uma narrativa acerca do desenvolvimento histórico da literatura nacional.<sup>243</sup> Não por acaso, o cônego atribuía aos trezentos anos de colonização as causas do esquecimento e descuido do patrimônio literário brasileiro o que, nesse novo momento, o fazia alinhar-se mais à classe dos “construtores” da nação e menos com a dos “herdeiros” do Império.<sup>244</sup>

No campo da teoria literária, José Américo Miranda salienta que a principal diferença entre o *Parnaso* do cônego e os projetos literários semelhantes no século XIX, estaria assinalada no próprio título da obra, *Parnaso Brasileiro*, ou *collecção* das melhores poezias...”, no qual a palavra “coleção” indicaria a falta de uma seleção por parte do autor.<sup>245</sup> Fato corroborado por Janaína Senna ao afirmar que, “(...) o antologista estaria privilegiando, nesse enunciado, o ato de *coligir*. Se este trabalha pelo acréscimo, e, portanto, distingue-se do selecionar, que trabalha basicamente por subtrações (...)”.<sup>246</sup>

Sobre este ponto, podemos fazer uma aproximação com as proposições expostas no *Discurso*, de Januário na inauguração do IHGB. O ato de “coligir e metodizar” documentos para a construção da história nacional, foi o objetivo central para a criação do Instituto e também esteve presente em toda a obra do cônego, tornando-o um dos principais fomentadores da criação de um acervo documental que estivesse disponível para o estudo do passado nacional.

Ao se deter na análise do *Parnaso*, Senna observa que o próprio Cunha Barbosa justificava o valor da sua obra por conta da ausência de projetos similares elaborados por brasileiros. Ao mencionar os paratextos, incluídos por Cunha Barbosa no corpo da obra, a

---

<sup>243</sup> Idem, p. 53.

<sup>244</sup> Idem, p. 53. Para maiores detalhes sobre as definições de *construtores* e *herdeiros*, ver: MATTOS, Ilmar Rohloff. *Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política*. São Paulo: Almanack brasiliense, 2005. Disponível em: <<http://www.almanack.usp.br>>.

<sup>245</sup> MIRANDA, José Américo. *Parnaso Brasileiro de Januário da Cunha Barbosa: Prefácios e Índices, Organização, edição, Notas e Apresentação*. op. cit., p. 7.

<sup>246</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. *Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário*. op. cit., p. 93. Grifos meus.

autora entende que a escolha do gênero antológico não foi aleatória, já que os principais objetivos declarados pelo autor eram os de resgatar e preservar nomes e poesias de brasileiros.<sup>247</sup>

#### 2.4 A Biografia em dois momentos: análise das biografias dentro do *Parnaso*

Na primeira metade do Oitocentos, como já mencionado anteriormente, a literatura desempenhou importante papel na construção da história nacional. De maneira análoga, a biografia e a literatura representavam importantes formas de acessar o passado da nação.

Entre os elementos que merecem ser analisados no *Parnaso* estão as notas biográficas dos poetas incluídos na coleção. Observa-se que esses textos são breves, ocupando entre duas a três páginas e nem todos os autores que aparecem no *Parnaso* ganharam uma biografia.<sup>248</sup> Inicialmente, é visível que grande parte desses apontamentos possui em seu título a seguinte inscrição: “Breve noticia sobre...”, com exceção do relato sobre a vida do poeta baiano, intitulado de “Quadro resumido da vida de Gregorio de Mattos Guerra”.

Com o desenrolar da pesquisa, foi possível identificar nomes que figuram no *Parnaso* e que também aparecem na seção de biografias da Revista do IHGB. No século XIX, parece comum que textos biográficos, assinados por autores diferentes, pudessem apresentar relatos idênticos, como, por exemplo, a biografia do próprio Cunha Barbosa, elaborada por Sigaud em 1848 cujo conteúdo aparece reproduzido em grande parte na obra de Sisson, alguns anos mais tarde.

Ainda sobre a “reprodução de relatos biográficos”, Janaína Senna apontou para as semelhanças entre textos de Cunha Barbosa e de Joaquim Norberto de Sousa Silva. Em seu *Mosaico Poético*, Norberto utilizou uma passagem praticamente *ipsis litteris* da biografia de Delfina Benigna da Cunha, publicada no *Parnaso*. Segue abaixo a comparação feita por Senna,

Huma Senhora, cega desde a idade de dous annos, versejando na de 12, com bastantes conhecimentos sobre a Historia, e outros ramos Philologicos, he sem duvida hum assombro (Barbosa, J. da C.: 1829, caderno 4º, p. 26).

---

<sup>247</sup> Idem, p. 49.

<sup>248</sup> SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. op. cit., p. 94.

A autora, cega desde a idade de dous annos e versejando desde a de doze com bastante conhecimento da historia e outros ramos philologicos, é sem duvida um assombro! (Silva, J.N. de S. & Adêt, E.: 1844a, p. 154, nota 58).<sup>249</sup>

Da mesma forma, podemos comparar as biografias de Gregório de Mattos, Manuel Ignácio da Silva Alvarenga e Domingos Caldas, incluídas no *Parnaso* e também na seção de brasileiros ilustres do IHGB. Inicialmente, por ordem cronológica de aparição nas duas publicações, destacamos o nome de Gregório de Mattos. Abaixo, segue a comparação que evidencia a transcrição literal entre o primeiro e o segundo texto:

Nasceo Gregorio de Mattos na cidade da Bahia, em 7 de abril de 1623. Forão seus pais, *Pedro Gonçalves de Mattos*, natural da Villa dos Arcos de Valdevez, em Portugal, e Maria da Guerra, Senhora de muito respeito e *Bahiana*, Baptisou-se na Cathedral com o nome de João, que depois à instancias do Prelado *D. Pedro da Silva e S. Paio* lhe foi mudado no chrisma pelo de *Gregorio*.<sup>250</sup>

Nasceu Gregorio de Mattos na cidade da Bahia em 7 de Abril de 1623. Foram seus paes Pedro Gonçalves de Mattos, natural da villa dos Arcos de Valdevez, em Portugal, e Maria da Guerra, senhora de muito respeito, e Bahiana: baptisou-se na cathedral com o nome de João, que depois á instancias do prelado D. Pedro da Silva e Sampaio lhe foi mudado no chrisma pelo de Gregorio.<sup>251</sup>

Outro exemplo encontra-se no trecho inicial da biografia de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, no qual percebemos que há uma maior variação na escrita entre os dois momentos, mantendo-se, porém, a mesma essência.

Nasceo este nosso Poeta na Villa de S. João d'El-Rei da Provincia de Minas Geraes, e desde os seus primeiros annos deu provas de que seria um genio, que honraria a Literatura Brasileira.<sup>252</sup>

Nasceu este litterato Brasileiro na villa de S. João d'El-Rei, da Provincia de Minas Geraes. Foi seu pai o musico Ignacio da Silva, que amante das bellas artes fez aproveitar nas aulas dessa villa os claros indicios dos talentos de seu

<sup>249</sup> APUD. SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. op. cit., pp. 133-134.

<sup>250</sup> BARBOSA, Januario da Cunha. Quadro resumido da vida de Grégorio de Matos Guerra. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Tomo II, Caderno nº5, 1831. p. 47.

<sup>251</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Gregório de Mattos*. RIHGB. Tomo III, 1841, p. 333.

<sup>252</sup> BARBOSA, Januario da Cunha. Breve notícia sobre a vida de Doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Tomo II, Caderno nº6, 1831. p. 28.

filho, applicando-o a todos os estudos com que depois honrasse a patria e a literatura brasileira.<sup>253</sup>

Nesses trechos, podemos sublinhar um aspecto importante sobre os motivos que levavam à escolha dos nomes cujas obras deveriam ser preservadas. Manoel de Ignacio Alvarenga, não por acaso, havia sido mestre do próprio cônego, informação que constava no “Elogio”, de Francisco de Paula, realizado em 1848.<sup>254</sup> Cunha Barbosa o descreve como um “gênio” da literatura brasileira, que deu provas de seu “talento” desde a infância, o que justificava a sua inclusão no *Parnaso*.

Na biografia do padre e poeta Domingos Caldas Barbosa, publicada na antologia e na Revista, a ênfase também está nos “talentos” atribuídos ao biografado.

Meu tio (assim nos informou hum parente ainda vivo deste nosso Poeta) nem era Preto nem branco, nem d’Africa nem d’América; mas era hum homem de muitos talentos e de virtudes sociaes, Expliquemos estes ditos...<sup>255</sup>

Meu tio (assim nos informou um parente ainda vivo d'este nosso poeta) não era preto nem branco, nem d’Africa nem da America: mas era um homem de muitos talentos, e de virtudes sociaes: expliquemos estes ditos.<sup>256</sup>

Percebe-se que Cunha Barbosa deixa claro se tratar de um parente próximo e, neste caso, o desafio maior talvez estivesse em narrar a vida de um poeta mestiço, de modo a demonstrar o seu valor e as suas “virtudes”.

## 2.5 Biografia como escrita da história

Sendo innegavel que as lettras, além de concorrerem para o adorno da sociedade, influem poderosamente na firmeza de seus alicerces, ou seja pelo esclarecimento de seus membros, ou pelo adoçamento dos costumes publicos, é evidente que em uma monarchia constitucional, onde o merito e os talentos devem abrir as portas aos empregos, e em que a maior somma de luzes de formar o maior grao de felicidade publica, são as lettras de uma absoluta e

<sup>253</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga*. RIHGB. Tomo III, 1841, p. 338.

<sup>254</sup> MENEZES, Francisco de Paula. Elogio Historico do conego Januario da Cunha Barboza. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, pp. 243.

<sup>255</sup> BARBOSA, Januario da Cunha. Breve notícia sobre a vida de Domingos Caldas Barbosa. *In: Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Tomo II, Caderno nº8, 1831. p. 17.

<sup>256</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: Domingos Caldas Barboza*. RIHGB. Tomo IV, 1842, p.210.

indispensavel necessidade, principalmente aquellas que, versando sobre a historia e geographia do paiz, devem ministrar grandes auxilios á publica administração e ao esclarecimento de todos os Brasileiros.<sup>257</sup>

Com essas palavras iniciais, o IHGB, desde sua criação, coloca-se como um dos pilares da sociedade que começava a se formar, sendo as letras, sobretudo a história e a geografia, capazes de não só “adoçar” os costumes públicos, mas também de contribuir para o fortalecimento da monarquia constitucional. A origem da agremiação remonta à sessão do dia 18 de agosto de 1838, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, quando o primeiro secretário, Raymundo José da Cunha Mattos, e o secretário adjunto, Januário da Cunha Barbosa, propõem a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o argumento de que a história e a geografia serviriam como alicerces para a nação e para o esclarecimento dos brasileiros.<sup>258</sup>

Ao analisar as formas com que a sociedade lidou com a Independência, Ilmar Mattos observa que a emancipação política contribuiu para apagar “as ainda fluidas fronteiras entre as esferas pública e privada, ao inundar como uma grande onda representativa da questão do Estado todos os âmbitos da vida comum”.<sup>259</sup> Nessa conjuntura, aqueles indivíduos que se apresentavam como “construtores” por se envolverem no projeto de consolidação da nova unidade política, também eram “herdeiros”, de um nome (o “Império do Brasil”) e um território e essa *herança* definiria também os marcos dessa construção, cuja trajetória longa e tortuosa estendeu-se para além do momento da emancipação.<sup>260</sup>

Como parte desse processo e dentro do propósito de construir um saber específico sobre o passado da nação, o IHGB organizou-se, nos primeiros anos, “segundo princípios não estritamente regidos pelo mérito intelectual acadêmico, mas bem mais próximos de uma sociedade de corte, fundada na hierarquia de funções e papéis sociais”.<sup>261</sup>

Assim, mais uma característica que aproxima o IHGB do estado monárquico é a inserção de D. Pedro II, como patrono e mecenas da agremiação. Segundo Lúcia Guimarães, a proposta de colocar o Instituto sob a proteção do Imperador que, vale ressaltar, ainda não havia

<sup>257</sup> Breve Noticia sobre a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo I, *RIHGB*, 1839, pp. 5-6.

<sup>258</sup> *Idem*, p.5.

<sup>259</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política”. *Almanack Braziliense*, n. 01, maio/2005, p. 10.

<sup>260</sup> *Idem*, p. 24.

<sup>261</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão*, op. cit., p.163.

atingido a maioria, partiu de Januário da Cunha Barbosa, assim como o pedido de auxílio financeiro para a nova agremiação, dirigido à Regência. Porém, em seu estudo sobre a Sociedade Auxiliadora, Werneck da Silva não atribui a iniciativa ao cônego e, para ele

o Imperador, ainda menor e portanto antes do discutido “quero já”, do golpe de Estado da sua maioria antecipada em 1842, dera ao Instituto Histórico um “pode contar”, quando o seu primeiro presidente José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo, lhe pediu “a real proteção”, em 1838.<sup>262</sup>

Em 1840, o IHGB conquistou um espaço para as suas atividades nas dependências do Paço Imperial, o que permitiu ao Imperador frequentar assiduamente as sessões.<sup>263</sup>

Os apontamentos acima sobre os anos iniciais do IHGB, são de suma importância para situarmos as biografias produzidas por Cunha Barbosa. Vale ressaltar mais uma vez que essas biografias acompanharam o projeto historiográfico do Instituto, ao longo do século XIX.<sup>264</sup> No famoso “Discurso”, proferido em 1839, o cônego frisa a necessidade da formação de um “*panteon* de papel”:

E será pouco arrancar do esquecimento, em que jazem sepultados, os nomes e feitos de tantos ilustres Brasileiros, que honraram a patria por suas letras e por seus diversos serviços? O desejo de dar vida a beneméritos, que o nosso descuido tem deixado mortos para a gloria da pátria e para a estima do mundo, já se tem apoderado de alguns dos illustres sócios deste nosso Instituto.<sup>265</sup>

Porque,

Na vida dos grandes homens aprende-se a conhecer as applicações da honra, a apreciar a gloria e a affrontar os perigos, que muitas vezes são causas de maior gloria.<sup>266</sup>

O principal objetivo de narrar as vidas dos grandes homens era retirar do esquecimento os nomes daqueles que honraram a pátria, além de oferecer um arquétipo de cidadão a ser

<sup>262</sup> SILVA, José Luiz Werneck. Isto é o que me parece: A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1827-1904) na Formação Social Brasileira. A Conjuntura de 1871 até 1877. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1979. Volumes I, p.91.

<sup>263</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial, op. cit., pp. 484-485.

<sup>264</sup> De acordo com o levantamento de Maria da Glória de Oliveira, entre os anos de 1839 e 1899, a Revista do IHGB publicou 165 textos biográficos, 71 deles incluídos nos tomos do primeiro decênio de circulação. OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*, op. cit., pp. 207-217.

<sup>265</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso, op. cit., p. 14.

<sup>266</sup> Idem. p. 14.

imitado pelo resto da população.<sup>267</sup> Nesse contexto, a escrita de biografias e a escrita da história eram práticas plenamente compatíveis e complementares na visão de grande parte dos sócios do IHGB.<sup>268</sup>

De acordo com Temístocles Cezar, no Brasil do século XIX, os contatos entre biografia e história foram marcados por duas preocupações, “a constante busca de marcas de cientificidade e a tarefa de se escrever a história da nação”.<sup>269</sup> Além disso, os dois gêneros adequavam-se aos preceitos da fórmula da *historia magistra vitae* (história mestra da vida), que funcionou como “princípio organizador” que justificava e orientava as investigações do IHGB.<sup>270</sup> A função pedagógica atribuída à escrita biográfica, afinava-se diretamente a este princípio e, desse modo, a narrativa da vida de personalidades importantes se apresentava ao Instituto como uma possibilidade de tirar da história exemplos para o presente.<sup>271</sup>

No título da seção de biografias da Revista, também chama atenção o *topos* das *armas e letras*, cujo uso marcou a produção letrada portuguesa no período da expansão ultramarina. A fórmula sugere uma articulação recíproca entre ação e palavra, entre a espada e a pena, mediante a qual um feito militar somente adquiriria grandeza pelo canto do poeta.<sup>272</sup> Segundo Maria da Glória de Oliveira, o uso da fórmula no contexto brasileiro, pode ser compreendido a partir de dois aspectos:

o mais evidente deles, é que ela reforça a dimensão de natureza política que, ineludivelmente, articulava-se ao empreendimento historiográfico do Instituto e à legitimação de um projeto *civilizador* inaugurado pela colonização portuguesa. (...) Por outro lado, a tópica, em toda a sua conotação metafórica, sinaliza critérios fundamentais de distinção dos indivíduos e seus feitos nos quadros mais amplos da história da nação.<sup>273</sup>

<sup>267</sup> As biografias não figuraram somente nas páginas da Revista do IHGB. No século XIX brasileiro, outras obras do gênero também foram publicadas. Entre elas, está o famoso livro de Auguste Sisson, *Galeria dos Brasileiros Illustres: Os Contemporaneos*, e a obra de João Manuel Pereira da Silva, *O Plutarco brasileiro*, ambos estudados por CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história & cultura*, v.2, n.3, jan.-jun. 2003, pp.73-94.

<sup>268</sup> CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história. *Historiografia e nação no Brasil do século XIX. Diálogos*, Maringá/Paraná, v. 8, 2004, pp. 11-29 e OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. Tese de Doutorado.

<sup>269</sup> CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. op. cit., p.74.

<sup>270</sup> CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história historiografia e nação no Brasil do século XIX. *Diálogos*, DHI/UEM, v.8, n.1, 2004, p.14.

<sup>271</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil: 1838-1857*. op. cit., p.126.

<sup>272</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. op. cit., p. 113.

<sup>273</sup> Idem, pp. 115-116.

Dessa forma, além de ter como principal finalidade fixar a memória dos nomes e das vidas dos brasileiros ilustres que, de alguma forma, contribuíram para a construção da nação, “a aposta biográfica dos sócios do Instituto seria justificada pela vocação moralizante daquela modalidade de escrita e por uma ambição de verdade análoga à da historiografia”, assumindo um caráter historiográfico.<sup>274</sup>

No Brasil da primeira metade do Oitocentos, os valores heroicos estiveram atrelados à figura de D. Pedro I, principalmente pela vinculação de seu nome à Independência. Já seu filho, o Imperador D. Pedro II, foi visto como “grande homem”, aquele que zelou pela ilustração e pelas letras da nação. E por último, na galeria nacional, apareceram os biografados, aqueles escolhidos como servidores exemplares do Império.<sup>275</sup>

Vale destacar a importância do catolicismo nesse momento, como uma das bases de estruturação da sociedade oitocentista brasileira que funcionava também como o elo essencial que ligava o passado, o presente e o futuro.<sup>276</sup> No caso das biografias de autoria de Cunha Barbosa, como ainda será demonstrado neste trabalho, destacam-se as figuras públicas vinculadas à Igreja Católica, em detrimento de outros nomes do passado nacional.

Esses biografados aparecem enquadrados na categoria de “brasileiros ilustres” por suas realizações e por certos traços morais que os destacava nos quadros da nação. No próximo capítulo, as biografias elaboradas por Cunha Barbosa serão analisadas a partir das categorias de “providencialismo histórico”, “grande homem” e “gênio”, noções recorrentes utilizadas para descrever as trajetórias e os méritos dos indivíduos do passado colonial dignos de memória no século XIX.

---

<sup>274</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. op. cit., 187.

<sup>275</sup> Idem. p. 59.

<sup>276</sup> Idem. p. 51.

### CAPÍTULO 3: VIDAS EXEMPLARES E CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA NACIONAL

#### 3.1 O *panteon* de Cunha Barbosa

Na primeira metade do século XIX, a biografia assumiu um papel ímpar como uma das formas de elaboração do passado histórico brasileiro. Na seção intitulada “Biografias de Brasileiros Distintos por Letras, Armas e Virtudes”, criada pelo cônego Barbosa, figuram diversos nomes exaltados como servidores da nação e construtores da história nacional. Esses esboços biográficos trazem consigo não somente relatos factuais da vida de indivíduos célebres, mas expressam também os valores políticos e ideais coletivos que se afirmavam naquele momento. A partir do estudo dessas biografias, também é importante considerar as peculiaridades inerentes à trajetória de seu autor, Cunha Barbosa, que viveu o momento prévio e posterior à independência, combinando atuações como religioso, político e literato.

Em 1837, dentro do periódico *O Auxiliador*, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional o cônego publicou o “Elogio Fúnebre ao Conde de Gestas”, proferido no ano anterior.<sup>277</sup> É possível perceber nesse elogio, a utilização das noções de “providencialismo”, de “grande homem” e de “gênio”, que também marcam a construção do *panteon* de Cunha Barbosa dentro do IHGB.

Para o cônego, anunciar a morte do Conde de Gestas (1788-1836), era tarefa que a Providencia havia lhe reservado como forma de “pagar este lúgubre tributo da nossa gratidão á memoria de hum sócio (...)”.<sup>278</sup> Barbosa exaltava as “incansaveis fadigas que este Ilustre Estrangeiro consagrava sempre em benefício da humanidade (...)”, demonstrando ser este um homem dedicado à realização de atos não em benefício próprio, e sim de um coletivo, da nação.<sup>279</sup> O fato de ser francês não era empecilho para que Aymard fosse exaltado em terras brasileiras, já que, para o cônego, “(...) estrangeiro em nossa pátria, consagrava-lhe hum amor de tão subido quilate, que correria parelhas com o do mais patriota Brasileiro (...)”. Por fim,

---

<sup>277</sup> BARBOSA, Januário da Cunha Barbosa. Elogio Funebre do Conde de Gestas, recitado na sessão geral anniversaria da installação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional no dia 6 de agosto de 1836, pelo membro do conselho administrativo da mesma sociedade o S.r Januário da Cunha Barbosa. *O Auxiliador*, 1837, v.9, pp. 286-290.

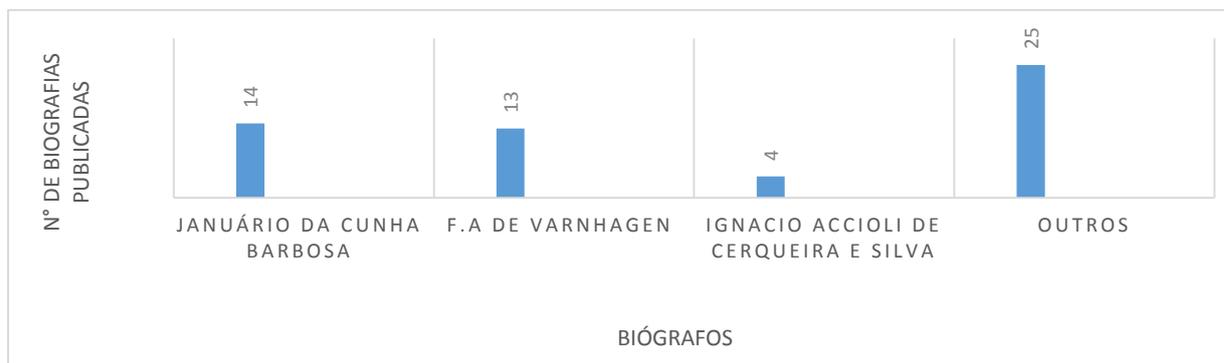
<sup>278</sup> Segundo Cunha Barbosa, Jacques-Marie Aymard nasceu em 1788 na França, era sobrinho da Condessa de Roquefeuille, e veio com sua tia para o Brasil em 1807, junto com a família real; foi Membro do Conselho da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, trabalhou para o Estado francês sendo seu Encarregado de Negócios e Cônsul Geral na corte brasileira. Idem.

<sup>279</sup> Idem, p. 286.

define o Conde como portador de um *gênio*, que precisou encontrar local físico para esse florescimento, sendo escolhido um lugar “(...) nas montanhas da Tijuca hum sitio apropriado ao seu *genio*, e ás suas observações e experiências”.<sup>280</sup> Trata-se de um texto que, sob muitos aspectos, diferencia-se das biografias estampadas nos anos seguintes na Revista do IHGB, sobretudo porque foi composto como peça oratória de laudação fúnebre e recitada, portanto, em uma circunstância específica.

Dentro do IHGB, Cunha Barbosa não foi o único autor a se dedicar à escrita biográfica, nem tampouco foi aquele a contribuir com o maior número de textos em toda a seção de brasileiros ilustres.<sup>281</sup> Entre os sócios da agremiação, Francisco Adolfo de Varnhagen, autor da primeira *História Geral do Brasil*, desponta com o volume de biografias um pouco superior ao do cônego, caso seja considerado o primeiro decênio da Revista do Instituto. A tabela a seguir demonstra o período em que Januário esteve à frente da agremiação:<sup>282</sup>

**Levantamento de Biografias na seção *Biografias de Brasileiros Distintos por Letras, Armas e Virtudes* do 1º decênio de circulação da *RIHGB* (1839-1846)**



<sup>280</sup> Idem, p. 287.

<sup>281</sup> Mas vale reafirmar que o cônego, apesar de não ter maior preponderância na confecção de biografias, foi o grande incentivador do gênero dentro do Instituto. Assim como podemos observar na conhecida passagem do *Discurso* de Cunha Barbosa na inauguração do IHGB: “Uma biographia dos mais preclaros Brasileiros é tarefa, de certo, mui superior ás forças de um só homem, attentas as nossas circumstancias; mas a gloria que deve resultar de uma tal empreza accende o zelo dos que a teem encetado em communhão de trabalho, e reflectirá tambem sobre o nosso Instituto, porque são do seu gremio os emprehendedores da desejada biographia brasileira; e se a sua modestia me priva de lhes dar os devidos louvores por uma obra de honra nacional, a justiça não soffre que eu deixe de publicar os seus nomes em credito dos membros fundadores deste Instituto” BARBOSA, Januário da Cunha. *Discurso. RIHGB*, Tomo I, 1839. p. 14.

<sup>282</sup> Ao pesquisar a produção biográfica de Varnhagen, Evandro Santos, salienta que este foi um dos maiores colaboradores da seção de biografias da Revista do IHGB, e apontado por José Honório Rodrigues, como o precursor da escrita biográfica no Brasil oitocentista. SANTOS, Evandro. *A História geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen: apontamentos sobre o gênero biográfico na escrita da história Oitocentista. História da Historiografia*. Ouro Preto, nº9, agosto, 2012. pp. 88-105. Os dados que deram corpo a este gráfico estão no Anexo II.

O levantamento acima corresponde às biografias publicadas no periódico, entre 1839 e 1846. Como foram contabilizadas somente as biografias publicadas até 1846, ano da morte de Cunha Barbosa, o cônego ficou, por uma margem mínima, na primeira colocação em número de biografias escritas.

Vale salientar que no decorrer da análise, constatou-se que as biografias de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811) e José Monteiro de Noronha (1723-1794), ambas publicadas no segundo tomo da Revista, do ano de 1840, foram elaboradas por Cunha Barbosa com base nos elogios históricos enviados por Antonio Ladislau Baena. Segue abaixo o trecho final da biografia de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, no qual consta a origem dessas duas biografias:

Esta Biographia e a de Monteiro de Noronha, que a precede, são concertadas sobre dous Elogios Historicos, que da cidade de Belém do Pará enviára ao Instituto o seu digno Socio Correspondente o Sr. Antonio Ladisláo Monteiro Baêna, Majór de Artilharia, com outras producções de sua penna, que se irão publicando nesta Revista em occasião opportuna. Possa o exemplo do Sr. Baêna pungir o zelo patriotico dos Litteratos das nossas Provincias, afim de enriquecerem o Archivo desta interessante Associação com noticias historicas e geographicas, que se devem colligir para desempenho dos gloriosos fins, a que se endereça o Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *J. da Cunha Barbosa*<sup>283</sup>

Nas quatorze biografias de Januário da Cunha Barbosa publicadas no período de sete anos em que esteve à frente do Instituto, podemos perceber uma estrutura similar de elaboração. Os parágrafos introdutórios apresentam os dados sobre o local, o ano de nascimento, o parentesco e os momentos iniciais da trajetória do biografado, de modo que, na narrativa fique evidente a ênfase no caráter predestinado do desenrolar daquela vida desde seu início.

Como exemplo podemos destacar a biografia de José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1743-1821), um dos representantes do clero colonial brasileiro incluídos na galeria de Cunha Barbosa.<sup>284</sup> A notícia biográfica do Bispo de Olinda tem início com seu nascimento

---

<sup>283</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. RIHGB*. Tomo II, 1840. p. 266.

<sup>284</sup> José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho formou-se na faculdade de Direito Canônico de Coimbra, entrou para Igreja, onde ocupou vários cargos até se tornar Bispo de Pernambuco.

e nela o primeiro secretário preocupa-se mais em relatar aspectos da vida religiosa de seu biografado.<sup>285</sup>

A biografia de Clemente Azeredo Coutinho e Mello (1731-1774) é distinta das demais, pois começa com a exaltação de sua linhagem familiar que remete a uma legitimidade herdada, pois nas palavras do cônego: "Famílias ha em que o empenho de adquirir honra e gloria no serviço da patria constitue uma como herança, que vai passando de paes a filhos".<sup>286</sup>

Ainda no parágrafo introdutório, Barbosa cita que este era irmão de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (1722-1799), figura importante na reforma da Universidade de Coimbra, que também ganhou um elogio biográfico na seção.<sup>287</sup> Antes mesmo de apresentar aspectos sobre a vida de Clemente Coutinho, salienta que este seguiu o caminho das letras, tendo estudado na Universidade de Coimbra, sendo esse um de seus *talentos*.<sup>288</sup> Aspecto importante de ser ressaltado é que, ao longo desse esboço, o cônego retoma sempre um ponto, o peso da família, principalmente naquilo que concerne à sua influência nas decisões tomadas pelo sujeito, pois esta instituição é anterior a seu nascimento. Dessa forma, dá grande destaque à construção de uma linhagem familiar de "ilustres" servidores do Império.

A biografia de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho é uma das mais extensas, entre as assinadas por Cunha Barbosa. Nesse texto, o cônego confere maior importância à linhagem familiar dos Azeredo Coutinho do que aos talentos individuais manifestados na mais tenra infância. O primeiro secretário salienta que João Pereira e seu irmão se empenharam em refazer os estatutos para a "reforma geral de todas as Sciencias", processo diretamente ligado à Reforma da Universidade de Coimbra<sup>289</sup>.

---

<sup>285</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. *RIHGB*. Tomo I, 1839, pp. 272-274.

<sup>286</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello. *RIHGB*. Tomo IV, 1842, p. 88. Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello também teve formação jurídica em Coimbra. Posteriormente entrou para a carreira militar, foi nomeado governador da capitania do Maranhão, tendo falecido antes de exercer o cargo. Vale acrescentar que também se dedicou às "letras", escreveu "Noticias sobre a topografia dos paizes percorridos desde o Piahy até a Bahia.

<sup>287</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. *RIHGB*, Tomo II, 1840, pp.118-127. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, irmão de Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello, formou-se em Cânones em Coimbra. Trabalhou em diversos quadros do Estado e também foi professor daquela Universidade.

<sup>288</sup> É importante perceber a grande quantidade de vezes que a palavra "talento" aparece para descrever as habilidades dos homens ilustres. Como se todos eles fossem abençoados com características que deveriam ser melhor desenvolvidas. No Dicionário da Língua Portuguesa Moraes, a palavra tem por significado "habilidade, boa disposição para as ciências, artes." SILVA, Antonio Moraes. *Dicionario da Lingua Portuguesa composto pelo Padre Dr. Raphael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*. Lisboa: 1789. Tomo Segundo, p. 441.

<sup>289</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas. *RIHGB*, Tomo II, 1840, p. 128. A Reforma da Universidade de Coimbra,

Caso especial é o da biografia de Henrique Julio de Wallenstein (1790-1843), que inicia com o relato de seu funeral:

Um anno apenas se tem passado depois que os amigos do Sr. Conselheiro Wallenstein lhe deram o ultimo adeus, fazendo descer o seu cadaver ao repouso dos mortos; e ainda a veneração que nos merecem os seus merecimentos por suas virtudes e letras, nos chama a lançar sobre sua sepultura algumas flores, em desafio da nossa saudade, e em desempenho da gratidão, que lhe deve o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do qual fora distincto Membro desde a sua fundação.<sup>290</sup>

Diferentemente das outras biografias, Cunha Barbosa aborda a vida de um personagem que não nasceu no Brasil, Wallenstein era prussiano e como desenvolveu carreira diplomática, acabou vindo para o Brasil depois de estadia na América do Norte.<sup>291</sup> No segundo parágrafo, o cônego explica o porquê de sua presença no *panteon*, pelos préstimos realizados ao Instituto desde a sua criação.

Ao sistematizarmos a estrutura e alguns elementos presentes nas biografias de Cunha Barbosa, e que apresentamos anteriormente, podemos traçar um perfil dos personagens desse *panteon*. Inicialmente, como grande parte das biografias começam com dados factuais sobre a vida dos biografados, podemos destacar que cerca de cinquenta por cento deles são nascidos nas províncias da região sudeste<sup>292</sup>, notadamente no Rio de Janeiro, como aponta o gráfico abaixo,

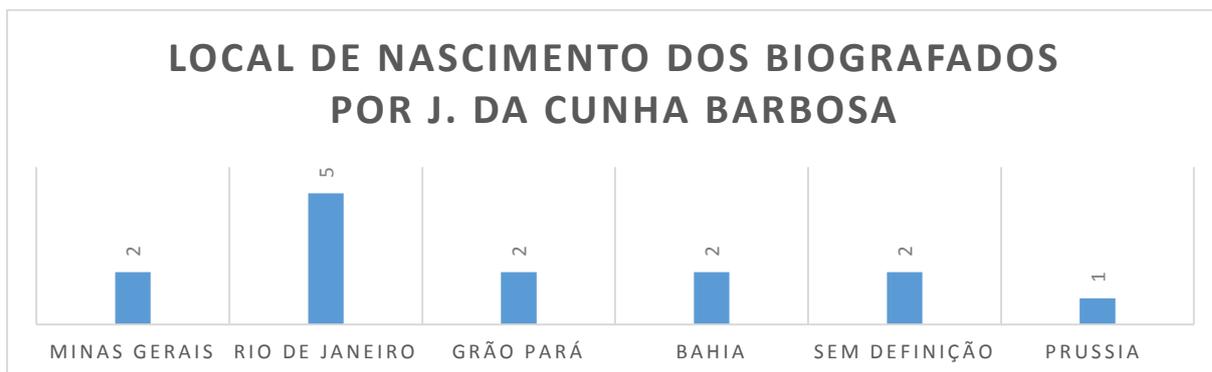
---

se encontra em um plano mais amplo que são as Reformas Pombalinas, que começaram em 1758, com a destituição do poder temporal da Companhia de Jesus, onde seus membros foram expulsos dos domínios portugueses. A nova proposta de modernização, que levaria a uma renovação ilustrada, era a extinção do ensino desenvolvido pelos jesuítas, e foram instituídas aulas régias de latim, grego e retórica, dando maior ênfase ao estudo da língua nacional. NUNES, Cristiane Tavares Fonseca de Moraes. A Universidade de Coimbra Reformada. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. ISSN 2236-1855. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/>. Acessado em: 26 de abril de 2015.

<sup>290</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Henrique Julio de Wallenstein. *RIHGB*. Tomo VI, 1844, p. 111. Wallenstein, nasceu na Silesia Prussiana, estudou em colégio da Congregação de Jesus. Trabalhou em diversas instâncias do Estado, como por exemplo como adido e como cônsul nos Estados Unidos e no Brasil. Participou também de academias, como a Academia de História da Espanha e do próprio IHGB. Vale acrescentar que assim como von Martius, que saiu vitorioso, Wallenstein também se inscreveu no concurso lançado em 1844 pelo IHGB, sobre “como deveria ser escrita a história do Brasil”. Sua proposta era a de que fosse tomada como referência as “Decadas” de João de Barros. A menção ao concurso não aparece nas páginas da biografia desenvolvida por Cunha Barbosa.

<sup>291</sup> Em uma das únicas passagens em que a vida pessoal do biografado aparece é para fazer menção ao motivo de sua permanência no Brasil, “(...) casou-se com uma senhora brasileira, a quem sempre tratou com toda a delicadeza e affecto, de cuja união existem dous filhos.” Idem, p. 115.

<sup>292</sup> Somatório das províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Falar de províncias e nação nesse momento ainda é muito difícil, trabalho mais árduo seria definir esses indivíduos como “brasileiros”, já que, em um período muito próximo, o da Independência, “(...) reconhecer-se “brasileiro”, não significava necessariamente abrir mão do

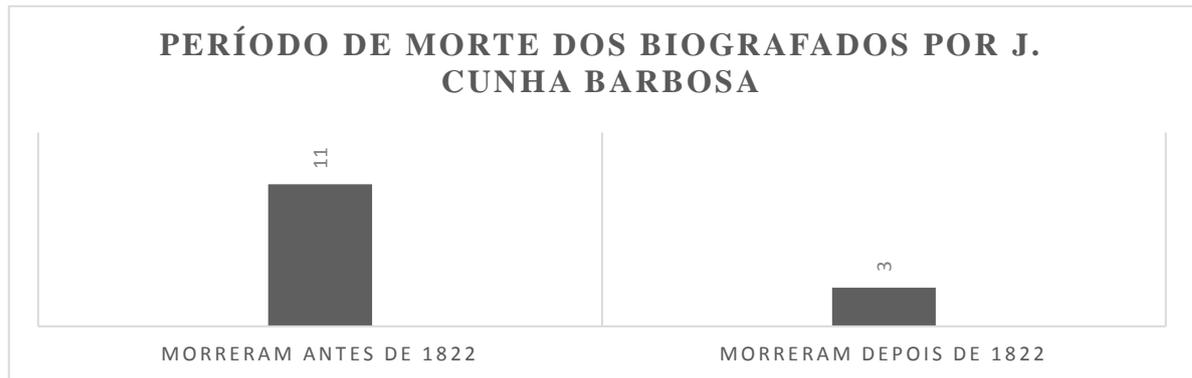


Ainda de acordo com os dados referentes aos anos de nascimento e de morte, podemos observar que quase oitenta por cento dos biografados (11) viveu no período colonial, tendo a sua trajetória de vida concentrada no período anterior a 1822. Uma das hipóteses que se pode levantar referente a esses dados é de que as características a serem perpetuadas, ainda estavam ligadas a uma elite formada socialmente no período colonial. Outra perspectiva de análise é perceber nesses dados a aproximação dos biografados com o perfil e a trajetória dos sócios do IHGB nos primeiros decênios de sua existência.<sup>293</sup> Ao analisar os quatorze personagens biografados pelo cônego, é possível perceber e corroborar a tese segundo a qual a galeria de brasileiros ilustres do IHGB pode ser compreendida como “fruto da sociedade política do reinado de dom Pedro II”. Portanto, é possível afirmar que esses biografados, nascidos nos tempos coloniais, e em grande parte nas províncias da região sudeste, funcionam como um “espelho” do quadro de sócios do Instituto no século XIX.<sup>294</sup> Vale ainda afirmar que esse “espelho” serve não apenas para que os notáveis do Instituto se mirem no exemplo dos ilustres membros das elites coloniais, mas também para fortalecer uma espécie de linha temporal de continuidade entre esse passado colonial e a construção do império e da nação após a independência. No gráfico abaixo, visualizaremos melhor essa demarcação.

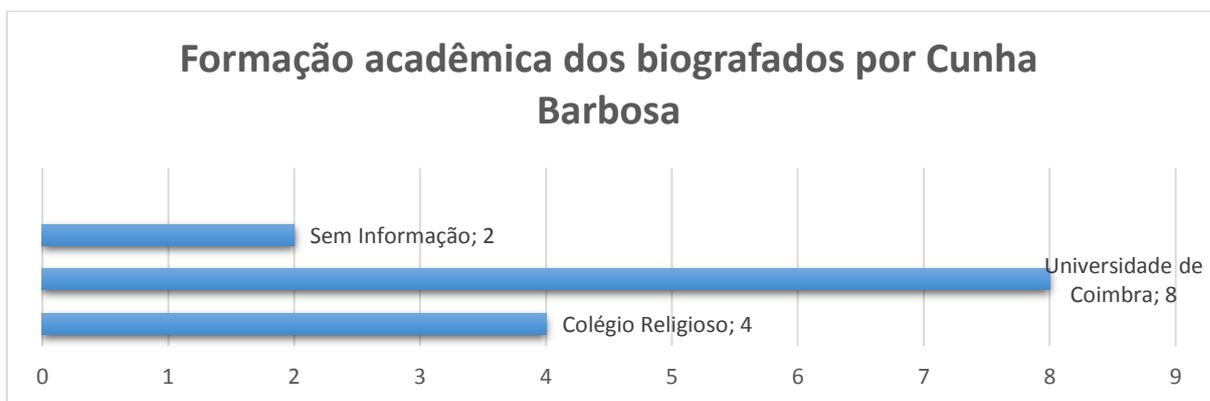
sentimento de pertencimento político à “grande família lusitana. PAMPLONA, Marco A. Nação. In: *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. João Feres Júnior (Org.). Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2009. p. 170.

<sup>293</sup> Tal aspecto foi destacado por ENDERS, Armelle. O Plutarco Brasileiro. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado. op. cit., p.59.

<sup>294</sup> Idem.



No perfil de biografados, também podemos encontrar uma grande valorização da formação acadêmica desses sujeitos. Esse fato nos proporciona uma reflexão: se a trajetória de Cunha Barbosa nos permite situá-lo entre os letrados da chamada *elite brasiliense*, porque grande parte de suas biografias são dedicadas a indivíduos pertencentes à *elite coimbrã*, ou seja, ao grupo de brasileiros formados sob a tradição das Luzes portuguesas?<sup>295</sup> Sobre esta questão, é necessário considerar o papel da Universidade de Coimbra reformada, na formação das elites brasileiras.<sup>296</sup> No quadro abaixo, observamos que mais da metade dos biografados pelo cônego frequentaram e concluíram seus estudos em Coimbra.



Também é importante considerar a mudança de posicionamento político do cônego nos anos de 1830, no contexto do movimento que culminou com a abdicação de D. Pedro, em

<sup>295</sup> Sobre a distinção entre elites brasiliense e coimbrã, ver NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e Constitucionais – a cultura política da Independência (1820- 1822)*. Rio de Janeiro: Revan, FAPERJ, 2003, p. 50.

<sup>296</sup> Idem, p. 33. Ver também, CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

7 de abril de 1831, quando tomou o partido da “revolução vitoriosa”, sendo acolhido pelo grupo de Evaristo da Veiga.<sup>297</sup> A mudança se torna significativa se lembrarmos que, desde seu retorno do exílio, Januário optou por uma postura prudente como um fiel defensor dos atos do governo.<sup>298</sup>

Nas biografias de José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo (1753-1830)<sup>299</sup> e de Antonio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814), percebemos um exemplo dessa preocupação. Na vida do padre Sousa Caldas, relata já nos primeiros instantes de seu texto que Caldas dedicou-se desde muito cedo aos estudos, tendo seguido o mesmo caminho de muitos brasileiros, indo para Portugal terminar sua formação em Coimbra.

Concluidos assim os seus primeiros estudos, e alcançada uma dispensa de tres annos, para poder frequentar a Universidade de Coimbra, matriculou-se na Faculdade de Leis: e então o seu *genio*, encontrando uma atmospherá mais favoravel a sua ambição de saber, tomou um nobre vôo, e Antonio Pereira de Sousa Caldas foi geralmente estimado pelos seus rapidos progressos, e pelo seu tacto fino em Litteratura.<sup>300</sup>

Já na biografia do Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo (1753-1830), nome que figura na lista de religiosos, o cônego prefere, nos momentos iniciais, dar maior ênfase à vida religiosa, salientando a formação em Cânones, na Universidade de Coimbra, e posteriormente sua atuação nos quadros da Igreja, quando nomeado presbítero.<sup>301</sup>

Outro elemento que desponta na análise da escolaridade dos biografados é a sua educação em seminários e colégios religiosos. Entre os 57% que concluíram seus estudos superiores em Coimbra, constam nomes que tiveram a formação elementar em colégios religiosos. Além disso, também se destacam aqueles cuja única formação proveio de instituições de ensino jesuíticas, correspondentes a 29% dos biografados pelo cônego. Isso

<sup>297</sup> BITTENCOURT, Feijó. *Os Fundadores*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. pp. 187-188.

<sup>298</sup> “Defendendo atos do governo, ei-lo “escritor oficial” e “funcionário público”, conquanto jornalista. (...) Acusaram-no os companheiros de ontem de que que com isso ele se contradizia.” Idem, p. 187.

<sup>299</sup> Monsenhor José de Souza Azeredo Pizarro e Araújo, foi presbítero secular, formou-se bacharel em Cânones por Coimbra, obteve as honrarias de Comendador e Cavaleiro da Ordem de Cristo; Cavaleiro da Ordem da Torre e da Espada. Também foi Conselheiro honorário do Supremo Tribunal de Justiça e deputado na primeira legislatura do império, cuja assembleia presidiu.

<sup>300</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas*. *RIHGB*, Tomo II, 1840, p. 128. Sousa Caldas formou-se bacharel em Direito por Coimbra, nesse mesmo tempo foi perseguido e preso pelo Tribunal do Santo Ofício. Depois desse período conturbado, dedicou-se à magistratura, porém rapidamente entrou para os quadros da Igreja, dedicando-se ao púlpito, como orador sacro, e às letras.

<sup>301</sup> Monsenhor José de Souza Azeredo Pizarro e Araújo também foi conselheiro honorário do Supremo Tribunal de Justiça e deputado na primeira legislatura do Império, cuja assembleia presidiu.

denota mais uma vez o perfil singular da galeria de brasileiros ilustres, composta pela presença significativa dos religiosos – que não deixavam de ser funcionários públicos de carreira – como alicerces da sociedade, do Império e da monarquia no Segundo Reinado.

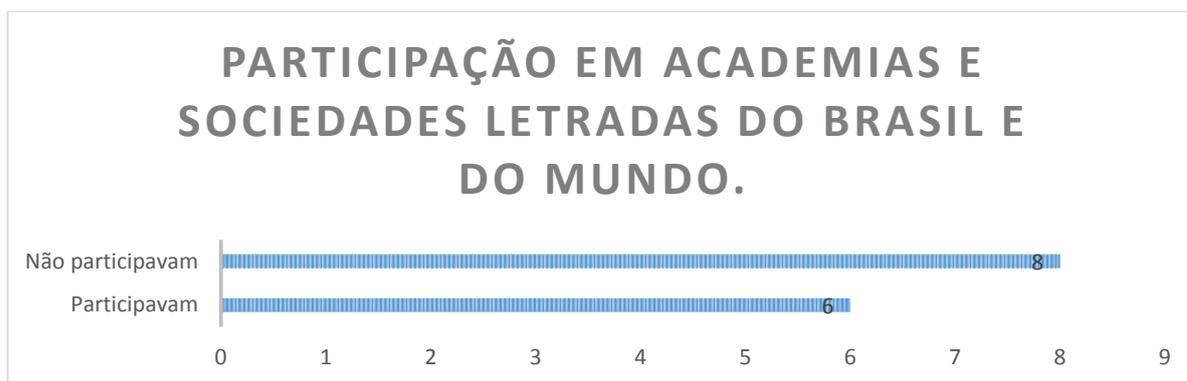
Essa característica de formação, tanto em colégios católicos, quanto em Coimbra, pode ser bem explicitada na biografia de José Joaquim Carneiro de Campos (1768-1836), o Marquês de Caravellas, na qual Januário relata parte de sua formação, quando seus primeiros estudos foram iniciados na Congregação de S. Bento, e depois, assim como para grande parte dos brasileiros, tiveram continuidade em Coimbra com o curso de Teologia. Esse fato demonstra uma forte ligação dos estudos no século XIX com os colégios católicos, sendo Carneiro de Campos um exemplo da trajetória educacional dos letrados no Brasil oitocentista.<sup>302</sup>

Mais um ponto de convergência entre a trajetória do biógrafo e a de seus biografados, o que igualmente expressa os valores da sociedade imperial, pode ser identificado no espaço destinado nessas narrativas à enumeração de títulos e honrarias de que estes dispunham, dentre elas está a Comenda da Ordem de Cristo, de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada, de Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, dentre outras. Embora tais condecorações fossem menos frequentes na época do Brasil Colônia, posto que eram concedidas pela metrópole, não deixaram de ser consideradas como prova da distinção dos biografados. É importante frisar que, no Segundo Reinado, criou-se uma sociedade de corte, baseada justamente na concessão de mercês, títulos e honrarias, como essas condecorações das diferentes “ordens”.<sup>303</sup> Os gráficos abaixo traduzem melhor essa análise,

---

<sup>302</sup> Carneiro de Campos formou-se em Direito Civil por Coimbra, foi senador do Império por sua província (Bahia), possuía as honrarias: Ordem do Cruzeiro, Comenda de Cristo, Comenda da Ordem Austríaca da Coroa de Ferro e era Cavaleiro de Villa Viçosa, tornando mais conhecido por seu título de Marquês de Caravelas.

<sup>303</sup> Lúcia Guimarães afirma que “foi, sobretudo, no Segundo Reinado que se forjou uma *sociedade de corte*, baseada na realeza do mérito. Dentre os motivos que recomendavam o recebimento de honrarias, destacavam-se, além dos ditos *serviços prestados*, as *provas de patriotismo*, os *atos de fidelidade e adesão à Sua Majestade Imperial*, etc.” GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Nobreza. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.



Outras duas características importantes a serem ressaltadas nas biografias de Cunha Barbosa são a utilização de notas de rodapé e a inserção de anexos ao final dos textos.

A primeira, é a ocorrência de notas de rodapé. Trata-se de um elemento característico da escrita historiográfica moderna que, no século XIX, será mobilizada por autores de biografias, assim como Varnhagen, pois se baseia na referência, comprovação e autoridade das fontes documentais.<sup>304</sup> Nas biografias de Cunha Barbosa as notas, raras vezes, são utilizadas, porém o cônego em diversas situações demonstra a necessidade em atribuir origem das suas afirmações. A não utilização das notas de rodapé com referências documentais nas biografias pode se relacionar a dois aspectos: em um primeiro momento, o objetivo imediato desses textos era fazer o registro e a memória dos nomes e das trajetórias de vidas ilustres como parte da história da nação. Em segundo, a ausência de notas também pode ser atribuída ao fato de que grande parte dessas biografias consistia em compilações de dados contidos em outros textos.

<sup>304</sup> Segundo Michel de Certeau, as citações são fontes de credibilidade, “assim, a linguagem citada tem por função comprovar o discurso: como referencial, introduz nele um efeito de real; e por seu esgotamento remete, discretamente, a um lugar de autoridade” CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. – Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 100.

Na biografia de Arariboya, Cunha Barbosa cita os escritos de Antonio Duarte Nunes e Brito Freire, como fontes onde seria possível encontrar indícios sobre a vida do índio, sem fazer citação em nota. Porém, quando ele cita trechos desses escritos se preocupa em colocar entre aspas e citar o nome do autor, mesmo que seja no próprio corpo do texto.<sup>305</sup>

Poucas são as notas nas quais Januário utiliza em todo o seu *corpus* biográfico, uma delas se dedicada a descrever a árvore genealógica de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (1722-1799), demonstrando mais uma vez a importância de ser membro de uma família proeminente. Outro momento que demonstra uma preocupação do cônego em dar referência ao documento citado ocorre quando Barbosa relata que o biografado foi escolhido para fazer parte do quadro de dez membros do Conselho de Estado, instaurado por D. Pedro quando este dissolveu a Assembleia Constituinte. Nessa convocação, João Pereira Ramos é descrito como "(...) homem probo, amante da dignidade imperial, e da liberdade dos povos", esse trecho é citado por Barbosa, sem que ele referencie o local onde se encontra o artigo.<sup>306</sup>

Outras notas que merecem destaque são as utilizadas na biografia de Arariboya.<sup>307</sup> Nesse texto, nas notas 3 e 4, Cunha Barbosa realiza uma discussão em torno do local de nascimento do índio, denotando a importância da nacionalidade para esse momento histórico, no mesmo segmento também descreve as terras doadas a ele.<sup>308</sup>

O segundo recurso utilizado pelo cônego Barbosa é a inserção de anexos, contendo lista ou descrição de obras dos biografados, como forma de registrar os talentos e a ilustração desses personagens. Vale salientar que nem todos as biografias escritas pelo cônego ganharam anexos. Na biografia de José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1743-1821), por exemplo, Cunha Barbosa elenca uma lista de 16 obras do bispo, sem referenciar o local onde se encontram esses textos.<sup>309</sup> Assim também é na biografia de outro Azeredo Coutinho, João Pereira Ramos (1722-1799), onde após relatar a morte de seu biografado inclui em anexo a

---

<sup>305</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Ararigboya. RIHGB*. Tomo IV, 1842, pp.207-209.

<sup>306</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: José Joaquim Carneiro de Campos. RIHGB*. Tomo III, 1841, p. 481.

<sup>307</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Ararigboya*. Op. cit.

<sup>308</sup> Idem.

<sup>309</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. RIHGB*. Tomo I, 1839, pp.272-274.

transcrição de um decreto, no qual a Rainha lhe entrega o cargo de Juiz Conservador Geral e Executor do tabaco, porém não é especificado de onde ou de qual arquivo foi retirado.<sup>310</sup>

Outro caso em que o primeiro secretário anexa compilações de escritos de seu biografado é na notícia biográfica do Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814), no qual transcreve uma ode escrita pelo próprio biografado. E, mais uma vez, não possui a preocupação em informar o local de alocação do documento. Depois da ode, também transcreve um parecer sobre essa peça, no qual ressalta o uso dos pensamentos de Jean Jacques Rousseau por parte do autor.<sup>311</sup>

Na biografia de seu tio, Cunha Barbosa encerra seu enredo com a morte do poeta. E anexa um poema intitulado "Retrato de Amira", de autoria de Caldas Barboza, como forma de legitimar sua presença no *panteon* dos ilustres pelas letras e virtudes, demonstrando com o trabalho o valor do poeta.<sup>312</sup>

Diferentemente das biografias citadas acima, na de Clemente Azeredo Coutinho, encerra o relato com a morte de Coutinho em 13 de fevereiro de 1774, considerando que, apesar de pouco tempo de vida, este trabalhou em prol da nação, através das armas e letras. Nas palavras do primeiro secretário,

"(...) se a morte não viesse tão depressa encurta-le a vida, deixando perdidas grandes despesas, que fizera para o seu transporte e sem compensação alguma as de suas jornadas por asperos sertões, gastando assim muito de seu patrimonio, porém mostrando em todos os seus feitos animo desinteressado, maneiras affaveis, prudencia consummada, e zelo infatigavel na fiel execução de todos os seus deveres."<sup>313</sup>

Outro caso distinto é o de Bento de Figueiredo (1769-1811), no qual o cônego refere-se brevemente à sua morte em 1811 e acrescenta um pedido de desculpas por não haver como anexar escritos desse literato, apontando para o problema da falta de arquivos no Brasil. Januário salientava ainda que,

---

<sup>310</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. op. cit.

<sup>311</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas. op. cit.

<sup>312</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Domingos Caldas Barboza. op. cit.

<sup>313</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello. *RIHGB*. Tomo IV, 1842, p. 91.

Das Poesias manuscriptas, Dramas, Cantatas, Idilios, Sonetos, etc.; só escaparão á voracidade do descuido uma Ode Pindarica ao Governador do Rio Negro Manoel da Gama Lobo de Almeida; e um Soneto á Mamaluca Maria Barbara, mulher de um soldado do regimento de Macapá, (...) <sup>314</sup>

Por fim, ressalto o desfecho que Cunha Barbosa dá à notícia biográfica de Henrique Wallenstein (1790-1843). Em quatro parágrafos, exalta as virtudes e a forma com que o diplomata prussiano se relacionava com o próximo, seu papel como homem público e suas relações com academias literárias, exaltando as características que o fizeram entrar no *panteon*. Por fim, anexa documento, em francês, uma carta que chegou após sua morte trágica - ele se matou, segundo o cônego por não querer sair do Brasil, já que havia constituído família, e por isso acreditava não estar servindo seu país, pedindo dessa forma demissão - onde o governo da Prússia não aceitou seu pedido, devido aos trabalhos que este já havia prestado a nação. <sup>315</sup>

Após esse levantamento sobre as principais características da vida dos biografados pelo cônego, ficou claro que a escolha desses nomes não ocorreu de forma aleatória: da mesma forma que alguns nomes são lembrados, outros invariavelmente são esquecidos. Personagens como Tomaz Antônio Gonzaga e Cláudio Manoel da Costa, amplamente conhecidos por atuação na Inconfidência Mineira, não foram exaltados por Cunha Barbosa, e somente irão entrar no *panteon* do IHGB em 1849 e, posteriormente, repetidos a exaustão.

### 3.1.1 Letras e Armas

Dentro do IHGB, a utilização da tópica das “armas e letras” na sessão de biografias estudadas, segundo Oliveira, deve ser analisada a partir de dois pontos. O primeiro é o de que sua utilização denota a dimensão política que “articulava-se ao empreendimento historiográfico do Instituto e à legitimação de um projeto civilizador, inaugurado pela colonização portuguesa”. E, em segundo, a fórmula possui uma conotação metafórica, servindo para sinalizar critérios de

---

<sup>314</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. *RIHGB*. Tomo II, 1840, p.264-265. Segundo Sacramento Blake, este estudou em Convento, e apesar de haver condições intelectuais de ir para Coimbra, não pode por falta de capital financeiro. Trabalhou em diversos cargos dentro do Estado, porém Blake ainda salienta que este foi um literato e poeta. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 1, pp. 397-398.

<sup>315</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Henrique Julio de Wallenstein. op. cit.

distinção para os indivíduos e seus feitos. Assim, “no panteão erigido nas páginas da *RIHGB*, predominam duas categorias de *brasileiros distintos*: os funcionários de carreira do Estado e os religiosos”.<sup>316</sup>

No tocante aos *talentos* para as letras, podemos perceber que José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho deveu a eles sua entrada no *panteon* de biografados, pois nas palavras do cônego, dentre as ações do bispo, “(...) applicou todos os seus cuidados á illustração do clero (...)”.<sup>317</sup>

A trajetória de José de Souza Azeredo Pizarro e Araújo (1753-1830) é semelhante à de Azeredo Coutinho em diversos pontos; ambos nasceram no Rio de Janeiro, e também se formaram em Coimbra, além de também serem retratados por Cunha Barbosa como distintos pelas letras e virtudes. Dentre as atribuições que Pizarro e Araújo assumiu durante a vida, o cônego ressalta que este quis estudar a história de seu bispado, e por não haver documentação suficiente nos arquivos, serviu-se também de relatos orais para escrever os nove volumes das *Memórias históricas do Rio de Janeiro e das provincias conexas à jurisdição do vice-rei do Estado do Brasil*, publicados entre 1820 e 1822.<sup>318</sup> Segundo o cônego, elas foram

(...) escriptas todas de sua letra, e com a critica escrupulosa, que lhe era propria, na verificação dos factos, confrontação de datas, investigação da verdade. Se nós lhe não podemos dar o nome de historia geral do Brazil, ainda assim esta obra é um excellente thesouro, onde muito cabedal de conhecimentos interessantes encontrará o que se propôzer a escrever a nossa historia, mormente no que diz respeito á parte ecclesiastica.<sup>319</sup>

É possível com isso perceber a importância atribuída ao ato de coligir dados e registrá-los sob a forma de “memórias” que serviriam de subsídio para a escrita da história do Brasil. Assim, Januário declara que “Monsenhor Pizarro foi um Ecclesiastico respeitavel, um juiz integro, um escriptor severo, que tirou do esquecimento, e da desordem dos nossos archivos,

<sup>316</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro, FGV, 2011. p. 107.

<sup>317</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho*. op. cit., p. 272.

<sup>318</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Monsenhor José de Souza Azeredo Pizarro e Araújo*. op. cit.

<sup>319</sup> Idem, p. 276.

suas *Memorias Historicas*, em que vive o seu nome para a gloria dos Brasileiros”, enaltecendo assim suas qualidades enquanto homem das letras.<sup>320</sup>

José Joaquim Carneiro de Campos (1768-1836) foi mais um eleito para o *panteon* que obteve grande expressão no campo das letras, depois de formado em Coimbra, permaneceu em Portugal como preceptor dos filhos de Rodrigo de Sousa Coutinho, o Conde de Linhares, pois segundo Barbosa, era muito difícil para um homem nascido na colônia do Brasil, viver somente das *letras*, na metrópole por isso “(...) não duvidou empregar-se em Lisboa no ensino e educação dos filhos de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (...)”.<sup>321</sup>

Ao abordar a vida de Henrique Wallenstein (1790-1843), Januário afirma que este foi um homem completo, seguiu carreira diplomática, também como já vimos anteriormente, foi exaltado por atitudes heroicas, dedicando-se dessa forma tanto às letras, quanto às armas. Segundo o cônego, este prestou grandes serviços ao mundo das letras, participando de diversas Academias e Sociedades Científicas, realizando a tradução de livros, como por exemplo a tradução das obras do Conde de Maistre, do alemão para o inglês.<sup>322</sup> Ao mencionar brevemente o seu nascimento e infância na Prússia em 1790, o cônego afirma que Wallenstein “parecia não ter outro divertimento, que não fosse o da meditação dos livros, dilatando a esfera de seus conhecimentos, ensaiando os vãos do seu *genio* em algumas pequenas composições(...)”.<sup>323</sup> Já ao abordar sua carreira heroica nas armas, Cunha Barbosa salienta que este,

Achou-se em combates, soffrendo privações e fadigas; até que, passados tempos, e começando a Russia a entrar em relações diplomaticas com a Junta Central e as Cortes, que se installaram em Cadix, para ahi se dirigiu, e foi recebido com character reconhecido.<sup>324</sup>

Os valores que dariam aos indivíduos a verdadeira medida da sua distinção estariam tanto em suas virtudes militares e morais quanto no cultivo das letras e na estima ao conhecimento. Dentro desse contexto, evidencio a fala de Cunha Barbosa ao descrever os *talentos* de Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Melo (1731-1774), manifestos durante sua

---

<sup>320</sup> Idem.

<sup>321</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: José Joaquim Carneiro de Campos. op. cit., p. 478.

<sup>322</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Henrique Julio de Wallenstein. op. cit., p. 113.

<sup>323</sup> Idem

<sup>324</sup> Idem, p. 112.

vida, salientando que este “(...) procurou a gloria das armas apoiada na gloria das letras (...)”, o que reforçava o ideal de conciliação desse dois talentos e virtudes.<sup>325</sup>

Entre os biografados de Cunha Barbosa que merecia ser exaltado somente por sua virtude guerreira está o índio Ararigboya (?-1589)<sup>326</sup>. Vale destacar que, nessa biografia, Cunha Barbosa realiza uma espécie de olhar geral sobre as lutas que ocorreram contra os invasores franceses, nas quais o líder indígena teve intensa participação. Nesse conflito, relata que o índio era “amigo” dos portugueses. Dentre as virtudes destacadas pelo cônego, além da guerreira, aquela que apareceu na infância, ainda inclui a “fidelidade”, principalmente por permanecer aliado e lutar ao lado dos lusitanos.<sup>327</sup>

### 3.1.2 As exceções

Como já mencionado nos capítulos anteriores, as biografias foram parte integrante da elaboração da escrita da história brasileira, além de serem consideradas por seu papel pedagógico na construção do cidadão nacional. No *panteon* de papel de Cunha Barbosa, membros proeminentes da sociedade imperial foram exaltados, porém em minha chave de análise, inicialmente, dois personagens se desvencilham do lugar comum dos outros biografados, esses são os já citados Ararigboya e Henrique Wallenstein. Mas quais seriam os pontos que distinguiriam essas duas vidas das demais 12 biografadas pelo cônego?

A biografia de Arariboya é distinta desde a forma escolhida por Cunha Barbosa para relatar a vida de seu biografado. Visivelmente, ele não começa fornecendo dados sobre nascimento, retirando a linearidade da narrativa utilizada nas demais vidas. Tampouco se detém a fatos referentes ao tempo em que o índio passou em sua província natal, o Espírito Santo. Fato interessante é a utilização de seu nome nativo no título da biografia, já que o próprio texto relata que este foi batizado e recebeu o nome de Martim Affonso de Souza.

---

<sup>325</sup> Vale salientar que Clemente Pereira logrou maior destaque na carreira militar do que no meio das letras. Porém, a frase é importante para demonstrar a forma com que Cunha Barbosa percebia a completude do homem a partir dessas duas atuações, as letras e as armas. BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc*: Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello. op. cit. p. 88.

<sup>326</sup> Araribóia era chefe guerreiro dos *temiminó*. Seu nome é remetido ao apoio que deu aos portugueses contra os franceses e principalmente à criação da cidade de Niterói. Foi condecorado com a honraria de Cavaleiro da Ordem de Cristo e tornou-se capitão-mor de sua aldeia. Morreu afogado em 1589. FARIA, Sheila de Castro. Araribóia. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000. p. 54.

<sup>327</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc*: Ararigboya. op. cit.

Essa biografia também se torna interessante, pois diferente de grande parte das demais, a narrativa da vida desse nativo não possui sequência cronológica. Pelo contrário, sua descrição é "costurada" pelo ato de coragem e bravura guerreira. Em nota, Cunha Barbosadestaca que Ararigboya significa "Cabra feroz", reafirmando mais uma vez suas virtudes guerreiras<sup>328</sup>, qualidades que parecem ter justificado sua presença nesse *panteon*.

Nos estudos sobre biografias da revista do IHGB, será possível perceber, como salientou Maria da Glória de Oliveira, que essa seção só mudará sua fórmula em 1850, quando passará a se chamar de "Biografias de brasileiros distintos ou de indivíduos ilustres que serviram no Brasil", abrindo como possibilidade a inclusão de indivíduos não nascidos no Brasil fazerem parte desse *panteon*.<sup>329</sup> Fato que já havia acontecido anteriormente com a inserção de Wallenstein na lista de biografados de Cunha Barbosa. Porém, é importante perceber que não havia critérios e regras bem delimitadas para a eleição ou exclusão dos personagens ilustres.

Os dois próximos casos são incluídos a título de curiosidade, pois se apresentam como biografias inusitadas para o contexto da sociedade escravista imperial. Os biografados Domingos Caldas Barbosa (1738-1800) e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (1749-1814) eram negros. Esse fato gera uma fissura entre o momento político do Brasil, no qual ainda era empregada a mão de obra escrava, e a presença de homens negros em um *panteon* que pretendia fixar a memória das vidas de indivíduos ilustres como modelos exemplares. Dessa forma, podemos perceber que não existia uma linha bem definida sobre as distinções que a sociedade deveria seguir.<sup>330</sup>

Na biografia de Domingos Caldas (1738-1800), Januário menciona que ele sofreu preconceito, sem, no entanto, especificar as formas como esse fato ocorreu. Porém, salienta que, na Europa, obteve diversas "fortunas", que não necessariamente foram de ordem econômica, mas significaram o reconhecimento como poeta e músico.<sup>331</sup>

---

<sup>328</sup> Idem.

<sup>329</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. op. cit., pp. 100-101.

<sup>330</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Domingos Caldas Barboza*. op. cit.

<sup>331</sup> Idem, p. 343. Sacramento Blake utiliza os dados da biografia elaborada por Cunha Barbosa, no verbete sobre o poeta de seu dicionário. Caldas Barbosa era filho de português com africana, sua data de nascimento não é exata, o ano que consta como seu nascimento é na verdade o momento em que foi batizado. Estudou em colégio jesuíta, alistou-se no exército e lutou na colônia do Sacramento, obtendo baixa, se tornou presbítero secular. Também foi membro da Arcadia de Roma, e presidente da Academia de Bellas Artes de Lisboa. Segundo Blake, era "poeta e notabilíssimo repentista". Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 2, pp. 198-203.

Diferentemente das outras biografias, Januário faz uma descrição não só da trajetória desse poeta, Manoel Ignácio, mas se preocupa também em fazer uma análise psicológica sobre esse sujeito. Segundo ele, "(...) era de côr e semblante carregado, de falla pausada, estatura alta, repleta e forte."<sup>332</sup> E, "apezar do prejuizo que dominava a côrte portugueza sobre o accidente da côr parda, Manoel Ignacio era convidado ás mais brilhantes sociedades(...)"<sup>333</sup>

Neste trecho, percebe-se claramente que Cunha Barbosa busca elementos que possam enaltecer a presença de Caldas e Ignácio. Sendo assim, apesar do “acidente” da cor, como afirma o cônego, que seria um constrangimento, os biografados possuíam talentos.

Outro ponto que merece destaque entre as exceções é a ausência de mulheres no panteão do IHGB. Armelle Enders explica que em todo século XIX o número de figuras femininas, foi bem menor do que o de masculinas; e que, além disso, quando apareciam, sua presença se justifica a partir de características e ações atribuídas ao masculino. Esse fato pode ser exemplificado na figura de Maria Úrsula de Abreu Lancastre, por exemplo, que se vestiu de homem para guerrear junto com os portugueses na Índia.<sup>334</sup>

Outro motivo para aparição de uma mulher na galeria, é ela ser casada com um brasileiro ilustre, fato que ocorreu com Catarina Alvares, esposa de Caramuru. Sendo assim, podemos perceber que, as situações mencionadas anteriormente comprovam que, na verdade, a mulher não era exaltada, mas sim suas características masculinas.<sup>335</sup> Cunha Barbosa não projeta nenhum nome feminino dentro de sua galeria do IHGB, porém podemos destacar que no *Parnaso* mulheres serão exaltadas como poetas, como é o caso de Delfina Benigna da Cunha.<sup>336</sup>

---

<sup>332</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga*. op. cit., p. 343.

<sup>333</sup> Idem, p. 340. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, quando voltou ao Brasil, começou a advogar e a ensinar retórica gratuitamente. Estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde se tornou professor régio de Retórica e Poética, foram seus alunos: Rodovalho, Monte Alverne, S. Carlos e Cunha Barbosa. Junto com Basílio da Gama criou uma sociedade literária no Brasil, que foi encerrada e seus sócios perseguidos, pelo Conde de Rezende. Por esse motivo Silva Alvarenga ficou preso por dois anos na ilha das Cobras. Segundo Blake, este “foi um dos primeiros poetas do Brasil (...)” Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 6, pp. 100-102.

<sup>334</sup> ENDERS, Armelle. *O Plutarco Brasileiro. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado*. op. cit., p. 52.

<sup>335</sup> Idem. p. 53.

<sup>336</sup> BARBOSA, Januario da Cunha. Advertência. [Apresentação dos versos da poetisa cega D. Delfina Benigna da Cunha, por Januário da Cunha Barbosa]. In: *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Tomo I, Caderno nº4, p.25. 1829.

### 3.2 Muito além do que os olhos podem ver: uma análise das categorias de *providencialismo*, *gênio* e *grande homem*.

Ao longo do século XIX, o Estado imperial controlava diretamente os assuntos religiosos e eclesiásticos. A tutela imperial nos assuntos da Igreja foi marcada pela presença de uma elite clerical regalista, formada juntamente com a liderança política da nova nação. Januário fez parte dessa elite clerical que participou ativamente da Independência, das lutas do Primeiro Reinado e do período regencial.<sup>337</sup> De que modo a trajetória eclesiástica e a inserção do cônego nesse contexto da primeira metade do Oitocentos relaciona-se à escolha dos seus ilustres biografados?

Ao estudar o vocabulário religioso nos escritos do período joanino, momento próximo à publicação das biografias de Cunha Barbosa, Giorgio de Lacerda aponta que, para além de citações diretas da Bíblia, existe uma linguagem marcadamente providencialista nos textos políticos de José da Silva Lisboa, seu material de análise. Assim também podemos observar na escrita de Januário, os usos do termo “Providência” e a afirmação de que seus biografados possuíam “talentos”, em um sentido que, de imediato, poderia remeter à parábola bíblica.<sup>338</sup>

Podemos perceber que, no esboço biográfico de José Joaquim Carneiro de Campos (1768-1836), o cônego designa a Providência como elemento explicativo para as escolhas e “motor” das trajetórias de vida de seu biografado. Como podemos observar no trecho a seguir,

Porém a vida claustal não era a sua verdadeira missão sobre a terra, não quiz a *Providencia* que suas virtudes passassem ignoradas e quasi inuteis na solidão de uma cella.<sup>339</sup>

Não é somente nessa biografia que a interferência da Providência é utilizada como chave explicativa. Assim também ocorre na notícia biográfica de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (1749-1814), na qual Januário afirma que “parece que a *providencia* quizera

<sup>337</sup> As relações entre Estado e Igreja, começam ainda no período colonial, quando, através do padroado, o rei possuía plenos direitos de nomear pessoas para cargos eclesiásticos. Porém, no Império, essas relações permaneceram e o corpo clerical ganhou mais destaque na vida política do país. ABREU, Marta. Igreja. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. p. 348.

<sup>338</sup> A observação da utilização de *talentos* está ligada somente à análise dos escritos de Cunha Barbosa. ROSA, Giorgio de Lacerda. *A Suprema Causa Motora: O Providencialismo a Escrita da História no Brasil (1808-1825)*. Mariana, 2011, p. 25. Dissertação de Mestrado.

<sup>339</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: José Joaquim Carneiro de Campos*. op. cit., p. 478. [Grifo Meu]

contrastar o brilhante vice-reinado de Vasconcellos com o taciturno do Conde de Rezende(...)".<sup>340</sup> Cabe mencionar que, na primeira biografia, a providência manifesta-se de forma concreta sobre a vida do indivíduo, enquanto na segunda, ela é utilizada como agente nas relações políticas.

Com a forte racionalização que ocorreu no Iluminismo, o providencialismo também mudou sua forma, incorporando os novos elementos das Luzes. Nesse momento, “o mundo deixou de ser simplesmente uma criação divina e passou a poder ser inteligível pelo homem (...)”.<sup>341</sup> Concomitante a esse período, o historiador e bispo francês Jacques-Bénigne Bossuet teria sido um dos primeiros a pensar, de forma mais sistemática, o processo histórico a partir da Providência Divina, atribuindo a Deus o papel de agente na condução dos acontecimentos históricos. Para Lacerda,

A concepção de progresso que formaria o conceito moderno de história também abarcou elementos religiosos, e, por isso, podemos imaginar que a linguagem do providencialismo seguiu também um caminho de modernização, não sendo excluída das formas de construção das narrativas sobre passado, mas sim resignificada em seu uso e em sua constituição.<sup>342</sup>

Vale ressaltar que a utilização de palavras oriundas do vocabulário religioso, e notadamente católico, também são recorrentes nas biografias de Cunha Barbosa. Minha hipótese é de que o número expressivo de padres e homens de letras educados em instituições religiosas, dentro da seção de biografados reforça a ideia de que o catolicismo era um dos elementos estruturantes da sociedade colonial e, por meio dessas biografias com sentido exemplar e pedagógico, também continuava a ser - e foi - do Império.<sup>343</sup>

A utilização da linguagem do catolicismo pode ser notada também nas biografias de Cunha Barbosa, como na de José Monteiro de Noronha (1723-1794), na qual relata seus momentos finais, afirmando que "Ele faleceu com todas as disposições de verdadeiro

---

<sup>340</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga. *RIHGB*. Tomo III, 1841, p. 341.

<sup>341</sup> ROSA, Giorgio de Lacerda. *A Suprema Causa Motora: O Providencialismo a Escrita da História no Brasil (1808-1825)*. Mariana, 2011, p. 31.

<sup>342</sup> Idem, p. 39.

<sup>343</sup> ROSA, Giorgio de Lacerda. *A Suprema Causa Motora: O Providencialismo a Escrita da História no Brasil (1808-1825)*. op. cit.

*catholico*, e de *religioso* observante dos devêres sacerdotaes (...)"<sup>344</sup> Assim é também na biografia de Antonio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814). Para o cônego, "Queira, os Céos coroar os seus desvellos em tão nobre empenho, para *gloria* de um Brasileiro, que tanto nos honrava por seu saber", dando ênfase à utilização das palavras "céus" e "glória".<sup>345</sup>

Essa utilização de expressões características da sermonística católica também pode ser observada quando o cônego relata a morte da esposa de José Monteiro de Noronha, como um divisor de águas em sua vida, mas antes a descreve, exaltando-a "(...) tanto pela excellencia de seus costumes, como pela *prudencia* com que soube derramar no coração de sua filha fecundas sementes de *virtudes* (...)"<sup>346</sup>.

Vale ratificar, mais uma vez, ao longo desse capítulo a utilização da designação de *talento*. Ainda na biografia de José Monteiro de Noronha (1723-1794), esta pode ser vista sob a chave de leitura, como uma variação de termo bíblico, ligado à Parábola dos Talentos. Essa parábola, localizada em Mateus 25, 14-30<sup>347</sup>, pode ser interpretada de diversas formas. Existem as interpretações literais, já que Talento era um tipo de moeda corrente na antiguidade, porém há também uma forma de leitura que privilegia uma interpretação da multiplicação dos talentos como alegoria, incluindo também os dons e habilidades investidos nos seres humanos por Deus.

<sup>344</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: José Monteiro de Noronha*. op. cit. p. 262. José Monteiro Noronha teve formação em colégio Jesuíta, foi governador do bispado do Pará.

<sup>345</sup> Grifos meus. BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas*. op. cit., p. 135.

<sup>346</sup> A Prudência está diretamente ligada a um dos sete dons do Espírito Santo, o "Temor a Deus". BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: José Monteiro de Noronha*. op. cit., p. 260. [Grifo meu]

<sup>347</sup> "14- Pois será como um homem que, viajando para o estrangeiro, chamou seus servos e entregou-lhes seus bens. 15- A um deu cinco talentos, a outro dois, a outro um. A cada um de acordo com a sua própria capacidade. E partiu. Imediatamente. 16- O que recebera cinco talentos saiu a trabalhar com eles e ganhou outros cinco. 17- Da mesma maneira, o que recebera dois ganhou outros dois. 18- Mas aquele que recebera um só, tomou-o e foi abrir uma cova no chão. E enterrou o dinheiro do seu senhor. 19- Depois de muito tempo, o senhor daqueles servos voltou e pôs-se a ajustar contas com eles. 20- Chegando aquele que recebera cinco talentos, entregou-lhe outros cinco, dizendo: Senhor, tu me confiaste cinco talentos. Aqui estão outros cinco que ganhei. 21- Disse-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Vem alegrar-te com o teu senhor! 22- Chegando também o dos dois talentos, disse: "Senhor, tu me confiaste dois talentos. Aqui estão outros dois talentos, que ganhei. 23- Disse-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei, Vem alegrar-te com o teu Senhor! 24- Por fim, chegando o que recebera um talento, disse: 'Senhor, eu sabia que és homem severo, que colhes onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste. 25-Assim, amedrontado, fui enterrar o teu talento no chão. Aqui tens o que é teu. 26-A isso respondeu-lhe o senhor: 'Servo mau e preguiçoso, sabias que colho onde não semei e que ajunto onde não espalhei? 27-Pois então devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar, receberia com juros o que é meu. 28- Tirai-lhe o talento que tem e dai-o aquele que tem dez, 29- porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. 30- Quanto ao servo inútil, lançai-o fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes!'" Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985. Mt 25, 14-30.

Seria esse o caso de José Monteiro de Noronha que, ao propagar os talentos que Deus havia lhe dado, fez com que o bispo, D. Fr. Miguel de Bulhões, ficasse sabendo de seus "(...) talentos e virtudes(...)", e por isso ele, segundo o versículo 23, recebeu retribuições por ter desenvolvido aquilo que lhe foi dado, recebendo o cargo de Vigário Geral do Rio Negro.<sup>348</sup>

### 3.3 Grandes homens e o destino nacional

Uma das características mais marcantes das biografias de Cunha Barbosa é a narrativa linear dos acontecimentos sucessivos das vidas ilustres como se as histórias desses indivíduos já possuíssem um sentido prévio desde o seu começo. Aspecto esse que podemos perceber na identificação das qualidades que os biografados de Cunha Barbosa apresentam “desde a tenra idade”, já que para o autor as virtudes do adulto se apresentavam ainda latentes em sua infância. Ao traçar a vida de Antonio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814), Cunha Barbosa o descreve como virtuoso, sábio e honrado porque "abrilhantou a carreira da sua vida com actos de virtude e de sabedoria, que recommendam o seu nome ao respeito da posteridade, e que o fazem entrar na lista dos mais distinctos Brasileiros."<sup>349</sup>

Diversas foram as formas com que o cônego exaltou em seus biografados as qualidades e virtudes de um *grande homem*. É importante lembrar que, no Oitocentos, essa noção designava “a excelência do homem letrado, benfeitor da humanidade e sobretudo dotado de virtudes exemplares como servidor do Estado”.<sup>350</sup> No caso de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (1722-1799), Cunha Barbosa exalta o fato de que seu biografado nunca requereu nenhuma remuneração em seus cargos.<sup>351</sup> Além disso, era filho de uma família proeminente, grande proprietária de bens, e seus filhos seguiram o mesmo caminho de “honra”.<sup>352</sup> E, "apezar das grandes dificuldades desse tempo, o honrado Brasileiro mostrou uma firmeza de character,

---

<sup>348</sup> Idem, p. 260.

<sup>349</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas*, op. cit., p. 132.

<sup>350</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro, FGV, 2011, p. 21.

<sup>351</sup> Dentre os cargos que exerceu, cito o de Almotacel pelo Corpo Acadêmico; Vice Conservador e Ouvidor dos Coutos e Conselheiro. A lista completa de cargos, de honorarias e de formação acadêmica encontra-se no Anexo.

<sup>352</sup> Manoel Pereira Ramos (Desembargador), José Ramalho de Oliveira d'Azeredo Coutinho (Capitão de Cavalaria), Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (Conselheiro da Fazenda) e D. Theodora Hygina Arnaut do Rivo (Casou com o tutor do Imperador D. Pedro II).

que o enche de gloria."<sup>353</sup> Cunha Barbosa salienta ainda que, em vida, essas virtudes foram reconhecidas, pois "(...) El-rei fazer-lhe mercê deste logar em consideração do merecimento, letras, e conhecido zelo do serviço de Deus, e seu, que nelle concorriam."<sup>354</sup>

Na biografia de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811), o cônego salienta que, apesar de desenvolver bem seu trabalho na “Villa dos Indios”, Aranha foi obrigado a mudar de cargo, pois sua posição seria abolida, sendo levado a Escrivão da Abertura da Alfandega do Pará. E mesmo apesar desses problemas continuou, segundo o cônego, fiel ao governador,

“(...) mas por fim foi victima de insidiosas maquinações e negras calumnias, movidas por occasiao da discordia, que rebentara entre o governador, o Bispo D. Manoel d’Almeida de Carvalho, e o Juiz de Fôra Luiz Joaquim Frota de Almeida, de quem era fiel e extremoso amigo.”<sup>355</sup>

Devido a esse fato perdeu o cargo, passando mais uma vez por dificuldades, até que o Conde dos Arcos lhe concedeu cargo vitalício no governo, superando assim as adversidades.<sup>356</sup>

Na biografia de Henrique Wallenstein (1790-1843), Cunha Barbosa destaca as atitudes heroicas do diplomata em meio a uma epidemia de febre amarela, quando seu amigo, o Deputado de Mejia, "(...) expirou em seus braços, ferido d'esse terrivel flagello, sem que o receio de ser tocado de tão contagiosos mal affrouxasse no coração do Sr. Wallenstein os heroicos sentimentos com que desempenhava os deveres da mais firma amizade."<sup>357</sup>

Além das virtudes morais e heroicas exemplares, a trajetória de servidor do Estado também define uma importante faceta do *grande homem* no Oitocentos. Na biografia de José Joaquim Carneiro de Campos (1768-1836), marquês de Caravelas, Cunha Barbosa exalta a sua postura política no contexto conturbado das regências:

A morte da Imperatriz, a guerra do Sul, a violencia do recrutamento, a desordem das fianças, e a dissipação dos empréstimos, faziam engrossar de dia em dia a opposição nas Camaras, e presagiavam um funesto e proximo

---

<sup>353</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, op. cit., p. 124.

<sup>354</sup> Idem.

<sup>355</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, op. cit. p. 264.

<sup>356</sup> Idem

<sup>357</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Henrique Julio de Wallenstein, op. cit., p. 112.

desfeicho. O nome do Marquez de Caravelas passou ileso por meio da grande tormenta(...)<sup>358</sup>

Tanto é que, em 1831, após a abdicação de D. Pedro I, seria escolhido para fazer parte da Regência Trina que ficou provisoriamente até as eleições para a Regência Permanente. Januário da Cunha Barbosa, termina a biografia salientando que

O Marquez de Caravelas presou sempre o principio da aristocracia do merito. Combateu com ardor o que lhe parecia contrariar o bem da nação; sustentou com firmeza os principios constitucionaes, e os interesses do Imperio. Acabou pobre, mas rico de merecimentos(...).<sup>359</sup>

Outro exemplo de trajetória ilustre de servidor do Estado encontra-se na biografia de Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. Nela, o cônego salienta que este se destacou nos quadros como desembargador e procurador da Coroa, pois seu nome “era penhor de confiança para com os patriotas, concorrendo para fortalecer-se a nova administração em meio de uma revolução flagrante: isto muito mais se confirma pelo facto de ter sido eleito espontaneamente por esta Provincia [Rio de Janeiro] (...)”<sup>360</sup> Cunha Barbosa conclui o retrato de Pereira Ramos, sintetizando os motivos da sua grandeza exemplar:

João Pereira Ramos chegou a uma idade avançada carregado de serviços e de honras, sem ter nunca requerido remuneração alguma, antes tendo gasto muito patrimonio legado por seus maiores, que enriquecendo de honrosas recordações dos relevantes serviços, por elles prestados em todas as provincias do Brasil, desde o seu descobrimento, experimentava decadência em suas rendas. Mas por fim João Pereira Ramos se resolveu a requerer remuneração de seus serviços, a beneficio de seus filhos, já que por elle encaminhados na mesma carreira de gloria, que tão nobremente decorrera, juntando á sua supplica os grandes serviços de seus Irmãos o Bispo Conde, e Clemente Pereira d’Azeredo Coutinho e Mello, (...)”<sup>361</sup>

---

<sup>358</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: José Joaquim Carneiro de Campos. op. cit., p. 482.

<sup>359</sup> Idem, pp. 483-484.

<sup>360</sup> Idem

<sup>361</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, op. cit., pp. 125-126.

### 3.4 O gênio nacional

Em sermão realizado na Igreja de Santa Rita, em 1830, quando se comemoravam os oito anos da Independência, Januário da Cunha Barbosa cruza as qualidades de *gênio* com o *providencialismo* e as ações dos *grandes homens*:

A Independencia, e a liberdade constitucional, não se podem mais arrancar dos corações Brasileiros: o nosso bem entendido Patriotismo zella, como deve, estes dous elementos da nossa vida politica; e o *Genio* que o *Ceo* nos concedera tanto á tempo para nos – engrandecer com esses presentes da mais acrisolada *Sabedoria*, véla incansavel sobre a conservação e aumento do majestoso edificio que elle mesmo principiára, e que em tão poucos annos vai ja desenvolvendo a beleza do plano, que eternisa o seu nome, e a sua *gloria*.<sup>362</sup>

Na fala do primeiro secretário, é a Providência que outorga a luz que ilumina o *gênio*, e que lhe concede o dom para trabalhar em prol do bem coletivo. Dessa forma, podemos perceber que, apesar de diferenciarmos como categorias distintas, para promover uma melhor análise da escrita do cônego, não nos pode escapar que, nos discursos dos letrados do Oitocentos, *providência*, *gênio* e *grande homem*, são noções que se articulam entre si.

Na biografia do padre Antonio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814), podemos perceber a utilização da noção de gênio quando Januário relata que, em Coimbra, o biografado encontrou condições para se dedicar ao estudo das ciências naturais e positivas, demonstrando assim facilidade no mundo das letras. Porém, como se ainda estivesse latente, seu *gênio* sofreu diversos percalços, incluindo a prisão pelo Santo ofício. Quando liberto, Januário diz que "(...) restituído aos braços dos seus amigos e parentes, que bem conheciam a pureza de seu coração, e a rectidão de suas idéas (...)"<sup>363</sup>

Para a compreensão da categoria de gênio é necessário remontarmos à sua formulação no sistema filosófico de Kant, no final do século XVIII, segundo o qual gênio seria “o talento (dom natural) que dá a regra à arte”, ou “[...] gênio é a inata disposição de ânimo [ingenium]

<sup>362</sup> Além de chamar atenção para “Ceo” e “Gênio”, achei pertinente destacar outras duas palavras que fazem referência ao mundo do catolicismo, “Gloria” e “Sabedoria”. Essa segunda em particular, remete aos sete dons do Espírito Santo, na qual segundo a Igreja, faz com que o sujeito saiba diferenciar o certo do errado. BARBOSA, Januário da Cunha Barbosa. Discurso recitado na Igreja paroquial de Santa Rita, Celebrando – se o 8º anniversario da Independencia do Brasil por Januario da Cunha Barboza elleitor da mesma freguesia. Rio de Janeiro, Typographia de Lessa e Pereira, 1830. 11p. [Grifo Meu]

<sup>363</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas. op. cit., p. 129.

pela qual a natureza dá regra à arte”. Com base nessa definição, conclui-se que “o gênio se opõe totalmente ao espírito de imitação”, porque nunca adota as regras ou as formas prontas da tradição, pois sua característica principal é a originalidade.<sup>364</sup> No entanto, o segundo aspecto destacado por Kant é que “[...] o produto de um gênio é um exemplo [...] para um outro gênio, que através dele é despertado para o sentimento de sua própria originalidade”.<sup>365</sup> Neste sentido, o uso da categoria como critério de distinção das vidas ilustres mostra-se plenamente adequado à exaltação da biografia, tanto quanto da história, como “mestra da vida” e fornecedora de exemplos para o presente, tal como expressou Cunha Barbosa em seus discursos.

Para além dessa acepção filosófica, a palavra “gênio”, na língua portuguesa, mantinha uma conotação mais usual, tal como se encontra no Dicionário de Moraes e Silva, na edição de 1789:

Gênio, s.m. O talento, ou disposição, aptidão, propensão para alguma arte, &c. *Vieira*, o genio me guiou para este *caminho*. A indole, o natural: v.g. *tem bom, ou máo genio*. *Genios* entre os *Gentios*; espiritos, ou quasi deidades, a quem elles attribuiãoa criação das coisas, e suppunhão que a cada pessoa assistião dois, um que os inclinava ao mal, outro ao bem: a isto parece alludir *Ferreira, Castro*, f. 128. *ou quando minha estrella, e cruel genio te poder arrancar desta alma minha*.<sup>366</sup>

A partir dessa definição, podemos perceber que o sentido corrente da palavra designava “talento, disposição ou aptidão”. Então, embora remeta a uma categoria filosófica central no contexto do romantismo, devemos levar em consideração que talvez os usos que Januário faz dessa palavra nas biografias guarde o significado de “talento”, já mencionado anteriormente.

Na biografia de Gregorio de Mattos (1623-1696), o cômico atrela o *gênio* à disposição para um tipo específico de criação poética, a saber, a poesia satírica: "A sua [de Mattos] musa desinquieta continuou a converter em inimigos á aquelles que achára promptos em acolhel-o na desgraça: e a tal o seu *genio* satyrico, que não duvidava perder o bom agasalho que se lhe franqueava(...)".<sup>367</sup> Um dos percalços que o poeta passou na vida foi o exílio em Angola, fato

<sup>364</sup> Sussekind, Pedro. Considerações sobre a teoria filosófica do gênio. *Viso – Cadernos de Estética aplicada*, n.7, jul-dez 2009. Disponível em: [http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso\\_7\\_PedroSussekind.pdf](http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_7_PedroSussekind.pdf)

<sup>365</sup> apud SUZUKI, Márcio. *O gênio romântico – Crítica e História da Filosofia em Friedrich Schlegel*. FAPESP/Illuminuras, São Paulo, 1998. p. 44, nota 96.

<sup>366</sup> SILVA, A. de M. Dicionario da lingua portugueza. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p.84.

<sup>367</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: Gregório de Mattos*. *RIHGB*. Tomo III, 1841, pp. 333-338.

esse que, segundo Cunha Barbosa, deixou o *gênio* de Mattos ainda mais inquieto. Ao retornar ao Brasil, chega à capitania de Pernambuco, onde o governador Caetano de Mello de Castro, concedeu auxílio para o poeta, porém "(...) com palavras um pouco severas, lhe intimou que naquella capitania cuidasse muito em cortar os bicos da penna, se o queria ter por amigo".<sup>368</sup>

Em nova passagem, Cunha Barbosa, salienta mais uma vez as formas com que o *gênio* de Mattos se demonstrava, pois mesmo doente "(...) e aparecendo-lhe o padre Francisco da Fonseca Rego, vigário do Corpo Santo, para o dispôr á morte, elle com o seu *genio* jovial e satyrico desprezou os seus avisos(...)".<sup>369</sup> Porém, em seus momentos finais, foi encontrado em um papel "(...) e escripto com letras ja mui tremidas um soneto em que seu *genio* se manifestava arrependido das extravagancias de toda a sua vida."<sup>370</sup>

Já na biografia de Manuel Ignácio da Silva Alvarenga, Januário exalta sua força enquanto *gênio*, afirmando que, apesar dos problemas que encontrou durante a vida, eles facilmente foram suportados pelo indivíduo, pelo fato dele ser um *genio*. O período em que Silva Alvarenga passou preso teria sido seu maior percalço, por conta do abuso de poder do antigo sistema político colonial. Para o cônego "o despotismo colonial folgou de achar na estúpida denuncia de um malvado rabula, que o odio fradesco iniciara na mais vil intriga, um pretexto para aferrolhar nos subterraneos da Ilha das Cobras, por mais de dois annos (...)"<sup>371</sup>

O importante de se frisar nessa biografia é que Cunha Barbosa anuncia a morte do poeta em 1814, ainda na metade de sua narrativa para, a partir desse momento, explicar como as ações do biografado, enquanto professor, ajudaram a despertar "(...) no Brasil *genios* admiraveis, que marcam a era da renovação da boa litteratura, e a continuação dos novos estudos a que a mocidade se entregara com gloria." O próprio Januário teria sido um dos membros dessa nova geração.<sup>372</sup> É importante elucidar que o cônego também foi aluno de Manoel Ignácio e o elogio dos talentos do mestre também não deixa de ser a exaltação do *gênio* de sua própria geração.<sup>373</sup>

---

<sup>368</sup> Idem, p. 336.

<sup>369</sup> Idem, p. 337.

<sup>370</sup> Idem

<sup>371</sup> Apesar de escrever em um contexto posterior ao movimento da Independência, em algumas biografias, Januário denuncia o caráter despótico do antigo regime político, assim como podemos perceber no trecho citado. BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga. op. cit., p. 340.

<sup>372</sup> Idem, p. 341.

<sup>373</sup> Cunha Barbosa faz um apanhado geral do que seria essa nova geração literária, exaltando o novo, uma construção que em seu entendimento poderia ser vista como um sinal de patriotismo e de uma nova forma de ver

Desse modo, Cunha Barbosa exalta a principal contribuição do poeta inconfidente na passagem a seguir:

A idéa do nosso poeta não foi ainda assim perdida; porque novos *genios* vão aparecendo na terra de Santa Cruz, levando ávante a difficultosa empresa de proporcionar a nossa poesia á grandeza dos objectos que de todas as partes nos cercam.<sup>374</sup>

Ao longo do capítulo, chamei a atenção para as diversas vezes em que o cônego descreve seus biografados como possuidores de *talentos*. Inicialmente, os usos frequentes da palavra *talento*, haviam me remetido somente à passagem bíblica da Parábola dos Talentos, descrita por Mateus no capítulo 25, assim como visto anteriormente. Mas aprofundando os estudos, também foi possível perceber um novo sentido, ligado diretamente à característica de *gênio*, pois como destaca Suzuki,

O talento e a ousadia da invenção não tem valor apenas pelo teor daquilo que ajudam a descobrir, pois muitas vezes o próprio inventor é incapaz de perceber onde reside a própria originalidade daquilo que pela primeira vez formula. Com essa parte, podemos perceber que o talento é uma das manifestações do *gênio*.<sup>375</sup>

Na biografia que dedica a seu tio, Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), o cônego afirma que o *talento* que justificava a memória do biografado era a sua dedicação ao mundo das letras. Como poeta, sobressaía-se nas sátiras, fato que segundo Cunha Barbosa o fez ter inúmeros inimigos.<sup>376</sup>

Para Januário, o *talento* poderia se manifestar ainda na infância. Isso é visível quando lança mão do percurso de vida de Basílio da Gama (1740-1795), ressaltando que, desde criança, o poeta apresentava habilidades naturais para o mundo das letras, "foi tal o desenvolvimento de seus naturaes *talentos*(...)".<sup>377</sup>

---

o Brasil. Vale ressaltar que a todo momento, nessa segunda parte da biografia, ele cita seu próprio *Parnaso* como obra que reunia as poesias dessa nova geração. Idem, p. 342.

<sup>374</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga. op. cit. p. 343.

<sup>375</sup> SUZUKI, Márcio. *O gênio romântico – Crítica e História da Filosofia em Friedrich Schlegel*. op. cit., p. 47.

<sup>376</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Domingos Caldas Barboza, op. cit.

<sup>377</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: José Basílio da Gama. *RIHGB*, Tomo I, 1839, pp.117-119. José Basílio da Gama iniciou seus estudos com os jesuítas, e também junto com eles foi expulso do Brasil em 1758, com o banimento dessa ordem por decreto do Marques de Pombal, o qual anos mais tarde lhe empregou no Estado português. Foi amigo de Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e do padre Caldas Barbosa. Junto com o primeiro, fundou uma Arcádia no Brasil, porém essa foi dissolvida

Também sobre a manifestação na infância, podemos perceber na biografia de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811), que este ficou órfão muito cedo e por isso ficou sob os cuidados de um tutor que, segundo Cunha Barbosa, não soube reconhecer seus talentos, já que aos doze anos sentiu aptidão para o ramo das belas letras. Não frequentou Coimbra por falta de dinheiro, sendo este o maior percalço de sua vida e de seu *gênio*, a falta de provimentos.<sup>378</sup>

Esta característica se repete mais uma vez no esboço biográfico de José Monteiro de Noronha (1723-1794), quando Januário menciona que "(...) descobrindo-lhe talentos em seus tenros annos, empregou na sua educação todos os meios capazes de desenvolver bons sentimentos; e o effeito correspondeu plenamente ás suas louvaveis fadigas."<sup>379</sup>

Mais uma vez, abordando os trabalhos de seu professor, o cônego faz uma ligação direta entre *gênio* e *talento*, relatando que Silva Alvarenga possuía grande apreço por seus discípulos, afirma que

A estimação que elle consagrava ao seus discipulos, quando nelles lobrigava *talentos* e *genio*, eram o assomo do merito em que depois appareceriam, e talvez uma recommendação respeitavel para quem sabia apreciar as raras qualidades de tão distincto philologo.<sup>380</sup>

Ainda na biografia do poeta mineiro que, além da revista do IHGB, também figura no *Parnaso*, Cunha Barbosa relata que o pai de Manoel Ignácio percebeu a aptidão do filho e o incentivou nos estudos, para que este honrasse a pátria e a literatura brasileira. E para isso havia sido necessário sair do Brasil e ir para Coimbra para buscar conhecimentos "necessarios ao desenvolvimento do *genio* (...), local onde começou a ser respeitado por seus *talentos*."<sup>381</sup>

E esses *talentos* não ficam restritos aos indivíduos que os possuem, ao contrário, eles são percebidos nas manifestações (artísticas, poéticas, na legislação do Estado, etc), que estes promovem. Caso que ocorre com José Basílio da Gama ao entrar para a Arcadia de Roma, sob o pseudônimo de "Termino Sipillo", Cunha Barbosa declara que seus *talentos* ficaram

---

e seus membros perseguidos pelo Conde de Rezende. Na poesia seu trabalho mais conhecido até os dias atuais, é o épico "O Uruguai".

<sup>378</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*. op. cit.

<sup>379</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: José Monteiro de Noronha*. op. cit., p. 259.

<sup>380</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga*. op. cit., p. 343.

<sup>381</sup> Idem.

conhecidos em Roma.<sup>382</sup> Ao retornar para Portugal, procurou auxílio do "protector das letras", o Marquês de Pombal, nesse momento, segundo o cônego, quase foi degradado, pois ainda havia uma repulsa contra os jesuítas. O seu obstáculo mais uma vez foi transposto graças às *Musas*, "(...) e a sua perspicacia descobriu nelle, além dos *talentos poeticos*, outros não menos preciosos, que soube aproveitar com *gloria* do seu ministro."<sup>383</sup>

Outra observação sobre o uso da expressão *talento* nas biografias de Cunha Barbosa, é de que ele também se manifestaria fora do círculo poético. Esse é o caso de Antonio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814) que, apesar de ter a oportunidade de assumir cargos dentro do Estado, como o de Juiz de Fora na província do Rio de Janeiro, não os aceitou e preferiu seguir o "estado Ecclesiastico".

"(...) o Doutor Caldas teve a gloria de adquirir tambem na Italia muitos amigos sabios, que respeitaram seus extraordinarios *talentos*, e a sua grande probidade. Em Roma recebeu elle Ordens Sacras, e revestido no Sacerdocio, já com todas as qualidade para desempenhar dignamente as delicadas obrigações de tão sancto estado (...)" "(...) adquiriu por suas luzes e virtudes."<sup>384</sup>

Parece acertado relacionar, pelo menos nas biografias elaboradas pelo cônego Barbosa, que as manifestações de *talento* e de *gênio*, além de estarem diretamente ligadas às virtudes e qualidades inatas e individuais, remete à atuação desses sujeitos no esforço coletivo de engrandecimento da nação, sendo este o critério decisivo para sua entrada nesse *panteon* de papel.

---

<sup>382</sup>BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: José Basílio da Gama. op. cit., p. 117.

<sup>383</sup> Chamo a atenção para a também utilização da palavra "glória", por ser proveniente do vocabulário religioso. Idem, p. 118.[Grifos Meus]

<sup>384</sup> BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas. op. cit., p. 130.

### Considerações finais

Esse trabalho se propôs a dialogar com estudos sobre as relações entre biografia e história, contribuindo para uma análise focada na escrita biográfica de Cunha Barbosa. Vale retificar que outro ponto importante no trabalho foi identificar as categorias de *grande homem*, de *providencialismo histórico* e *gênio*, que aparecem nesses relatos biográficos, além de demonstrar o caráter pedagógico e a função moralizante dessas biografias, e a necessidade do cônio em fazer com que a biografia seja uma forma privilegiada de acesso ao passado.

No primeiro capítulo, como pouco se conhece da vida do cônio Barbosa, já que hoje ele é uma figura desconhecida, foi importante tentar perceber como que o processo memorialístico em torno do cônio foi realizado dentro do Instituto, já que em periódicos fora do Instituto poucas vezes seu nome foi citado.

A aproximação feita à figura de Januário da Cunha Barbosa deu-se através dos discursos e elogios biográficos que, logo após sua morte, começaram a moldar a memória de “brasileiro ilustre” em torno de seu nome, fortemente atrelada ao movimento de emancipação política e ao surgimento do IHGB como lugar encarregado de elaborar o passado colonial no contexto imperial. Em um primeiro momento, a imagem que se fixa é a do religioso patriota, devotado à causa da monarquia nacional, com atuação diversificada no mundo político e letrado.

Na passagem do século XIX para o XX, com a crise da ordem monárquica, o advento e a implantação da República, a forma e a intensidade com que Cunha Barbosa foi lembrado se modificaram e, paulatinamente, sua imagem foi sendo desvinculada da monarquia para ser retomada à luz dos valores republicanos. Foi possível observar que as mudanças na construção de sua memória, muitas vezes, acentuaram alguns aspectos da sua trajetória e silenciaram outros, o que se relacionava não apenas à passagem e distância no tempo, mas sobretudo às transformações profundas nos ideais políticos e sociais da nação.

No segundo capítulo, observamos que a relação entre Cunha Barbosa e a escrita de biografias se estabeleceu em um momento anterior à formulação do projeto historiográfico do IHGB, com a antologia poética *Parnaso Brasileiro*, primeira obra do gênero publicada no Brasil. Nas décadas iniciais do Oitocentos, as antologias e florilégios poéticos funcionaram como indicadores do “grau de civilização” das nações emancipadas. Não será por acaso que a coletânea de Cunha Barbosa aparece no período político imediatamente posterior à

Independência, contexto decisivo para a criação de um sentimento de pertencimento identitário a ser compartilhado pelos brasileiros. A inclusão de breves notas biográficas sobre os poetas nativos que figuravam na antologia representava, na visão do cônego, uma tarefa necessária para tornar conhecido o “gênio” literário dos brasileiros para que servissem como exemplo e modelo para o futuro da literatura nacional.

A partir desta perspectiva, é possível perceber que a construção dessas antologias no Oitocentos, também servem como representação do início da construção da história da literatura nacional e por consequência a percepção da própria história do Brasil. Vale ressaltar que no subitem intitulado “A biografia em dois momentos”, foi possível perceber que alguns personagens que aparecem nessa antologia também figuram em momento posterior na Revista do IHGB, sendo elas, a de Gregório de Mattos, a de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga e a de Domingos Caldas Barbosa.

Na condição de fundador e primeiro secretário perpétuo do IHGB, entre as diretrizes iniciais propostas por Cunha Barbosa estava o trabalho de registro dos nomes e feitos daqueles que haviam honrado a pátria por letras, armas e virtudes, para que não ficassem no esquecimento. Percebe-se assim que a biografia dos brasileiros ilustres era compreendida como uma forma de escrita da história, não somente por compartilhar de sua função instrutiva e pedagógica, mas por oferecer uma outra via de acesso ao passado nacional.

Por fim, o último capítulo foi dedicado à análise das biografias publicadas dentro da seção “*Biografias de Brasileiros Distintos por Letras, Armas e Virtudes*”, levando em consideração alguns aspectos destacados na introdução da dissertação. Primeiro foi realizado um levantamento do perfil desses biografados considerando-se o local de nascimento, o ano de nascimento e de morte, a formação acadêmica, as honrarias recebidas, a participação em academias e sociedades letradas no Brasil e no mundo. Por meio desse levantamento foi possível saber que grande parte dos biografados viveram no período colonial, em províncias localizadas no que hoje conhecemos como região sudeste e que finalizaram seus estudos em Coimbra, assim como grande parte da elite daquele período histórico. Dentre esses quatorze biografados, somente dois fogem totalmente a essas regras: o primeiro é Arariboia, qual é um Índio, e o segundo é Henrique Júlio de Wallenstein, que não nasceu no Brasil e tão pouco viveu grande parte de sua vida no Brasil.

É importante ressaltar que esses esboços biográficos trazem consigo não somente relatos factuais da vida de indivíduos célebres, mas expressam também os valores políticos e ideais coletivos que se afirmavam naquele momento.

O fato de Cunha Barbosa ter sido membro secular da Igreja Católica é importante para compreender que, inicialmente, o providencialismo tenha sido um campo desenvolvido pelo cônego. Entretanto, os estudos realizados permitem afirmar que o providencialismo era utilizado para “costurar” a vida desses personagens: é como se os desígnios de Deus explicassem as escolhas dos personagens. Vale salientar que não se confunde com citações bíblicas, mas é elemento explicativo dentro da narrativa empregada pelo cônego, e por outros escritores que não necessariamente faziam parte do universo religioso. Já com relação a categoria de “grandes homens”, podemos perceber que eles são destacados a partir da exaltação de suas qualidades e virtudes em três facetas distintas: (i) as virtudes morais, (ii) as heroicas exemplares e a (iii) trajetória de servidor do Estado.

Através da análise dessas narrativas e do perfil dos biografados, podemos perceber que, mesmo sendo integrantes das elites letradas do período colonial, eles são eleitos por representarem valores e qualidades exemplares no contexto imperial oitocentista. Em sua maioria nascidos nas províncias do Sudeste, dedicados aos serviços do Estado e à carreira eclesiástica, esses homens do passado transformavam-se em modelos para a nova sociedade no presente, que se encontrava em vias de construção. A exaltação desses indivíduos como “brasileiros ilustres” apoiava-se, enfim, nas noções de *gênio*, de *grande homem* e de *providencialismo histórico* e suas trajetórias de vida singulares possuíam um sentido moral e exemplar porque se relacionavam a um esforço coletivo, confundindo-se com a própria construção da história nacional.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

*A Mutuca Picante*. Rio de Janeiro, 1834-1835. Officina de Thomaz B. Hunt & C.

ALBUQUERQUE, Antônio Luiz Porto e. A Marinha, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Almirante Firmino Chaves (1938-1988). *RIHGB*, nº 149, Rio de Janeiro, out./dez., 1988, p. 546.

Araújo, José Tito Nabuco de. Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de S. Carlos. *RIHGB*. Tomo XXXVI, 1873. Pp. 517-542.

ARAÚJO, José Tito Nabuco de. Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de Santa Theresa Sampaio. *RIHGB*. Tomo XXXVII, 1874. pp. 191-208

Ata da 145ª sessão em 8 de março de 1846. *RIHGB*, Tomo VIII, 1846, pp. 144-152.

Ata da sessão 148ª do dia 30 de abril de 1846. *RIHGB*, 1846, Tomo VIII, p. 289.

Ata da sessão 149ª do dia 14 de maio de 1846. *RIHGB*, 1846, Tomo VIII, p. 293.

Ata da sessão 152ª do dia 6 de agosto de 1846. *RIHGB*, 1846, Tomo VIII, p. 417

Ata da sessão 169ª do dia 17 de junho de 1847. *RIHGB*, 1847, Tomo IX, 1847, p. 289.

Ata da sessão 181ª do dia 28 de outubro de 1847. *RIHGB*, Tomo IX, 1847, pp. 564-565

Ata da 12ª Sessão de 24 de outubro de 1867. Tomo 30, parte 2, v.35, *RIHGB*, pp. 465-466.

Ata da sessão comemorativa do centenário da morte de Januário da Cunha Barbosa e Antonio Francisco Dutra e Melo. 20 de maio de 1946, sessão de número 1.747. v.193, pp. 168-169.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Nicteroy: Metamorphose do Rio de Janeiro*. Londres, Impresso por Greenlaw, 1822.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro*, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas. Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1829-1832.

BARBOSA, Januário da Cunha. Ao Publico. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Caderno nº1, 1829.

BARBOSA, Januario da Cunha. Introdução. In: *Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Tomo I, Caderno nº2, 1830.

BARBOSA, Januário da Cunha. Ao Publico. *In: Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas.* Caderno 5, 1831.

BARBOSA, Januario da Cunha. Quadro resumido da vida de Grégorio de Matos Guerra. *In: Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas.* Caderno nº5, p.47-53. 1830

BARBOSA, Januario da Cunha. Breve notícia sobre a vida de Doutor Manuel Inácio da Silva Alvarenga. *In: Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas.* Caderno nº6, p.28-32. 1830

BARBOSA, Januario da Cunha. Breve notícia sobre a vida de Domingos Caldas Barbosa. *In: Parnaso Brasileiro, ou Collecção das Melhores Poezias dos Poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas.* Caderno nº8, p.17-19. 1832.

BARBOSA, Januário da Cunha Barbosa. Discurso recitado na Igreja paroquial de Santa Rita, Celebrando – se o 8º anniversario da Independencia do Brasil por Januario da Cunha Barboza elleitor da mesma freguesia. Rio de Janeiro, Typographia de Lessa e Pereira, 1830. 11p.

BARBOSA, Januário da Cunha Barbosa. Elogio Funebre do S.r Conde de Gestas, recitado na sessão geral anniversaria da installação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional no dia 6 de agosto de 1836, pelo membro do conselho administrativo da mesma sociedade o S.r Januário da Cunha Barbosa. *In: O Auxiliador, 1837, v.9, pp. 286-290.*

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso. *RIHGB*, Tomo I, 1839.

BARBOSA, Januario da Cunha. Programma – Se a introdução dos escravos Africanos no Brazil embarça a civilisação dos nossos indigenas, &c. *RIHGB*, 1839, Tomo I, p. 123.

BARBOSA, Januario da Cunha. Programma. – Qual seria hoje o melhor systema de colonizar os Indios entranhados em nossos sertões &. *RIHGB*, 1840, Tomo II, p.3.

BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: José Basílio da Gama. *RIHGB*, Tomo I, 1839, pp.117-119.

BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. *RIHGB*. Tomo I, 1839, pp.272-274.

BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: Monsenhor José de Souza Azeredo Pizarro e Araújo. *RIHGB*. Tomo I, 1839, pp.275-276.

BARBOSA, Januário da Cunha. Biographia dos Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. *RIHGB*, Tomo II, 1840, pp.118-127.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas. *RIHGB*, Tomo II, 1840, pp.128-139.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: José Monteiro de Noronha. *RIHGB*, Tomo II, 1840, pp.259-263.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. *RIHGB*. Tomo II, 1840, pp.263-266.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Gregório de Mattos. *RIHGB*. Tomo III, 1841, pp.333-338.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Manuel Ignácio da Silva Alvarenga. *RIHGB*. Tomo III, 1841, pp.338-346.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: José Joaquim Carneiro de Campos. *RIHGB*. Tomo III, 1841, pp.478-484.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello. *RIHGB*. Tomo IV, 1842, pp.88-91.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Ararigboya. *RIHGB*. Tomo IV, 1842, pp.207-209.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Domingos Caldas Barboza. *RIHGB*. Tomo IV, 1842, pp.210-212.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc*: Henrique Julio de Wallenstein. *RIHGB*. Tomo VI, 1844, pp.111-118.

BARBOZA, Antonio da Cunha. *Conego Januario da Cunha Barboza: Esboço biobibliographico*. *RIHGB*, 1902, Tomo LXV, parte II, p. 197.

BITTENCOURT, Feijó. *Os Fundadores*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 1, pp. 287-289.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 1, pp. 397-398.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 2, pp. 124-125.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 2, pp. 198-203.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 3, pp. 187-190.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 4, pp. 22-23.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899. Volume 4. pp. 330-334.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 4, pp. 471-472.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 4, pp. 475-480.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 5, pp. 100-101.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 5, pp. 211-212.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, volume 6, pp. 100-102.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. Dicionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Imp. Nacional, 1883-1899, 6 vol. p. 294.

Breve noticia sobre a criação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. *RIHGB*, Tomo I, 1839, pp. 5-8.

Coleção Instituto Histórico. Carta Régia da Rainha de Portugal, nomeando o cônego Januário da Cunha Barbosa comendador Honorário da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Paço de Cintra, 23 de Julho de 1842. Lata 137, pasta 27.

Coleção Instituto Histórico, Lata 188, Doc. 23.

Coleção do IHGB, Lata 344, Pasta 22.

Coleção do Instituto Histórico, Lata 13, Pasta 36.

Coleção do Instituto Histórico, Lata 674, Pasta 86.

*Dicionário Biobliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros* (1839/1860). Vol. 6. Rio de Janeiro: IHGB, 1998, p.28.

Do *Ostensor Brasileiro*. Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio. Tomo VII, 1845. Pp. 248-250

Extracto dos Estatutos do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, 1839, *Revista do IHGB*, p. 18.

IPANEMA, Cybelle. Januário da Cunha Barbosa: Para não esquecer. *RIHGB*, Rio de Janeiro, 158 (394), jan./mar., 1997, p. 195.

LACOMBE, Américo Jacobina. Discurso do Presidente. *Revista do IHGB*, nº 149, Rio de Janeiro, out./dez. 1988. p. 580

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Anno biographico brazileiro*. Typographia e litographia do imperial instituto artístico, Rio de Janeiro, vol. 3, 1876. p. 562.

MENEZES, Francisco de Paula. Elogio Historico do conego Januario da Cunha Barboza. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 241.

Noticiario. *RIHGB*, v.191, p. 374, 1946.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Biographia dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de Monte Alverne. *RIHGB*. Tomo XXXIII, 1870

PINTO, Roquete. Os jornalistas da independência. *RIHGB*, T.82, v.136, 1917, pp. 780-789.

PORTO ALEGRE, Manoel d'Araújo; BARBOSA, Januario da Cunha. Relatorio sobre a Inscipção da Gavia, mandada examinar pelo Instituto. *RIHGB*, 1838, p. 77.

PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. Elogio Historico Geral dos Membros Falecidos. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 150.

PORTO ALEGRE, Manoel de Araújo. Discurso do Orador. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 229.

REBELLO, Manuel Pereira. Obras poéticas de Gregório de Mattos – precedidas da vida do poeta. 1882, p. V.

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Volume 182, p. 137.

ROMERO, Sylvio. Oradores Sagrados - Poesia Religiosa e Patriotica. In: *Historia da Literatura Brasileira*. Tomo Primeiro (1500-1830), 1888, Rua do Ouvidor, 71, B.L. Garnier – Livreiro Editor, pp.335-339.

SCHUBERT, Guilherme. Cônego Januário da Cunha Barbosa. *RIHGB*, Rio de Janeiro, 158 (394), jan./mar. 1997, p. 193.

SILVA, A. de M. Diccionario da lingua portugueza. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Modulações Poeticas precedidas de um bosquejo da historia da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1841.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa; ADÊT, Émile. *Mosaico poetico, poesias brasileiras antigas e modernas, raras e ineditas, acompanhadas de notas, noticias biographicas e criticas, e de uma introdução sobre a litteratura nacional*. Rio de Janeiro: Tipografia de Berthe e Haring, 1844.

SILVA, J. M. Pereira da. Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc: Frei Francisco de São Carlos. *RIHGB*. Tomo X, 1848. Pp. 524-542

SILVA, J.M.P. da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843-1848. 2v.

SIGAUD, José Francisco Xavier. Elogio Historico do Secretario Perpetuo Conego Januario da Cunha Barboza. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, pp. 185-190

SISSON, Sébastien Auguste. *Galeria dos brasileiros illustres* (os contemporaneos), retratos dos homens mais illutres do Brasil, na politica, sciencias e letras, desde a guerra da independencia até os nossos dias, copiados por S. A. Sisson, acompanhados das suas respectivas biographias. Publicado sob a protecção de S. M. o Imperador. RJ, Lithographia de A. S. Sisson, 1859-1861, Vol I.

Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985. Mt 25, 14-30.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1946. 3v. Os dois primeiros tomos da obra foram impressos em Lisboa, em 1850, e o terceiro, em Madri, no ano de 1853.

VIANNA, Candido José de Araújo. Discurso do Presidente. *RIHGB*, Tomo XI, 1848, p. 88.

### Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5ªed, São Paulo, Martins Fontes, 2007.

ABREU, Marta. Igreja. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. p. 348.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaio de teoria da história. Bauru, SP/ Edusc, 2007.

ALONSO, Angela. Crítica e Contestação: o movimento reformista da geração de 1870. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 15, nº44, Outubro de 2000.

ARAÚJO, Valdeci Lopes de. A Experiência do Tempo na Formação do Império do Brasil: Autoconsciência Moderna e Historização. *Revista de História*, nº159, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Experiência do Tempo – Conceitos e Narrativas na Formação Nacional Brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2008, pp. 107-188.

\_\_\_\_\_. As transformações nos conceitos de literatura e história no Brasil: Rupturas e descontinuidades (1830-1840). *sÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [20]; João Pessoa, jan./ jun. 2009.

BARATA, Alexandre Mansur. Constitucionalismo e sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro (1822-1823): a Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz e o projeto de Constituição para o Império do Brasil. In: *Nação e Cidadania no Império: novos horizontes*. (Org.) José Murilo de Carvalho. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

BARRETO, Patricia R. Correa. Sociedade Auxiliadora da I. Nacional: uma oficina de ideias. *Anais do XIII Encontro Regional ANPUH-Rio*, 2008. Disponível: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212685654\\_ARQUIVO\\_ARTIGO\\_REVISADO.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212685654_ARQUIVO_ARTIGO_REVISADO.pdf).

BENATTI, Antonio Paulo. História, Ciência, Escritura e Política. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloízio de Oliveira (orgs.). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000 (Coleção Idéias), pp. 66-71.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos 1750-1880*. 12ª ed. Comemorativa dos 50 anos de lançamento. São Paulo/Rio de Janeiro, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem. Teatro das sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 13-47.

\_\_\_\_\_. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História. – Tradução de Maria de Lourdes Menezes*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CEZAR, Temístocles. *L'écriture de l'histoire au Brésil au XIXe siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité*. Le cas Varnhagen. Paris: EHESS, 2002. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história & cultura*, v.2, n.3, jan.-jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Lição sobre a escrita da história. *Historiografia e nação no Brasil do século XIX. Diálogos*, Maringá/Paraná, v. 8, 2004, pp. 11-29.

COUTINHO, Afrânio (dir.) *A Literatura no Brasil*. 7. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Global, 2004.

DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, v. 278, janeiro-março, 1968, pp. 105-170.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo, Edusp, 2009.

\_\_\_\_\_. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir. *Lições de história*. O caminho da ciência ao longo do século XIX. Rio de Janeiro: FGV/ PUC-RS, 2010.

DURAN, Maria Renata da Cruz. *Ecos do Púlpito: Oratória Sagrada no tempo de D. João VI*. São Paulo, Ed. Unesp, 2010.

ENDERS, Armelle. O Plutarco Brasileiro. A produção dos vultos nacionais no segundo reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000, pp. 41-61.

ENGEL, Magali Gouvea. Bernardo Pereira de Vasconcelos. In: VAINFAS, R. (dir.). *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FARIA, Sheila de Castro. Araribóia. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000. p. 54.

FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2002, pp. 183-191.

GONÇALVES, Márcia. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial – 1831-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009. Vol. II.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *RIHGB*, Rio de Janeiro, a. 156, n. 388, jul./set., 1995.

\_\_\_\_\_. Januário da Cunha Barbosa. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002, p. 394.

\_\_\_\_\_. Nobreza. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos: caminhos da historiografia*. Rio de Janeiro, n.1, 1988

\_\_\_\_\_. *Historiografia e Nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, Edições Anpuh. 284p.

JANCSÓ, István e PIMENTA, João Paulo Garrido. “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)”. In: MOTA, Carlos Guilherme

(Org.). *Viagem incompleta. Formação história. A experiência brasileira*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

LUSTOSA, Isabel. Imprensa, Censura e Propaganda no Contexto da Independência do Brasil. *Estudios: Revista de Investigaciones Literaria y Culturales*. Julho-Dezembro, 2010, pp. 370-393. Disponível em: <http://www.revistaestudios.com.ve>. Acesso em fevereiro de 2013.

MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*. Editora Francisco Alves, 2002.

MARTINS, Yaísa de Arruda. *Biografia, Memória e História nos Escritos de Januário da Cunha Barbosa*. Seropédica: UFRRJ/ICHS, 2013. Monografia de graduação.

MATTOS, Ilmar Rohloff. *Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política*. São Paulo: Almanack brasiliense, 2005. Disponível em: <http://www.almanack.usp.br>.

MIRANDA, José Américo. *Parnaso Brasileiro de Januário da Cunha Barbosa: Prefácios e Índices, Organização, edição, Notas e Apresentação*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1999.

MOREIRA, Maria Eunice; Zilberman, Regina. *Januário da Cunha Barbosa: Parnaso brasileiro*. In: *O Berço Cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, pp.75-89.

MURASSE, Celina Midiore. *O Jornal O Auxiliador da Indústria Nacional e a Campanha pela Fundação de Instituições Educativas: 1833 a 1850*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/39.pdf>., acessado em 12 de Abril de 2014.

NETO, Juscelino Pereira. *O Cônego Januário da Cunha Barbosa: Uma Trajetória Política na Corte Imperial (1821-1846)*. Anais Volume 1: V Seminário de Pesquisa Programa de Pós-Graduação em História Social Universidade Estadual de Londrina 18 a 20 de Outubro de 2011

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e Constitucionais a cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan, FAPERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. Emancipação política. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002, p. 227.

\_\_\_\_\_. José Bonifácio. In: VAINFAS, R. (dir.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002, pp. 424-425.

NUNES, Cristiane Tavares Fonseca de Moraes. A Universidade de Coimbra Reformada. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. ISSN 2236-1855. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/>. Acessado em: 26 de abril de 2015.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *História*. São Paulo, v.26, n.1, 2007.

\_\_\_\_\_. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009, pp. 207-217. Tese de Doutorado.

\_\_\_\_\_. Brasileiros Ilustres no Tribunal da Posteridade. In: *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 26, nº43: jan/jun, 2010, pp. 283-298.

\_\_\_\_\_. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro, FGV, 2011.

PAMPLONA, Marco A. Nação. In: *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. João Feres Júnior (org). Editora UFMG, Belo Horizonte, 2009.

QUEIROZ, Bianca Martins de. Januário da Cunha Barbosa (1780-1846): A Trajetória de um dos Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, julho de 2011.

ROMERO, Sylvio. *Historia da Literatura Brasileira*. Tomo Primeiro (1500-1830), 1888.

ROSA, Giorgio de Lacerda. *A Suprema Causa Motora: O Providencialismo a Escrita da História no Brasil (1808-1825)*. Mariana, 2011, p. 15. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Evandro. A História geral do Brasil, de Francisco Adolfo de Varnhagen: apontamentos sobre o gênero biográfico na escrita da história Oitocentista. In: *Historia da Historiografia*. Ouro Preto, nº9, agosto, 2012. pp. 88-105.

SCHWARCZ Lilia Moritz. Os Institutos Históricos e Geográficos: Guardiões da história oficial. In: *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENNA, Janaína Guimarães de. Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. Tese de doutorado.

\_\_\_\_\_. A ponto precário: o parnaso fundacional de Januário da Cunha Barbosa. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. 9

SILVA, José Luiz Werneck. Isto é o que me parece: A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1827-1904) na Formação Social Brasileira. A Conjuntura de 1871 até 1877. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1979. Vol I e Vol II.

SILVA, Virginia Rodrigues da. O Revérbero Constitucional Fluminense, Constitucionalismo e Debate Político na Imprensa à Época da Independência. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH, São Paulo, julho de 2011, pp. 1-16.

SILVA, Ana Rosa Coclet da. Padres Políticos e suas redes de solidariedade: uma análise da atuação sacerdotal no sertão de Minas Gerais (1822 e 1831). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, 2012.

SOUSA, Francisco Gouveia de. Proclamação e revolta: recepções da República pelos sócios do IHGB e a vida da cidade (1880-1900). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2012, PUC-Rio.

SLEMIAN, Andréa. A Agitação política no Rio de Janeiro após a Revolução do Porto. In: *Vida Política em Tempo de Crise: Rio de Janeiro (1808-1824)*. Aderaldo & Rothschild Editores, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. A vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808-1824). São Paulo: Hucitec, 2006. pp. 179-181.

Sussekind, Pedro. Considerações sobre a teoria filosófica do gênio. *Viso – Cadernos de Estética aplicada*, n.7, jul-dez 2009. Disponível em: [http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso\\_7\\_PedroSussekind.pdf](http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_7_PedroSussekind.pdf)

SUZUKI, Márcio. O gênio romântico – Crítica e História da Filosofia em Friedrich Schlegel. FAPESP/Iluminuras, São Paulo, 1998.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORI, M. (org.) *História das mulheres no Brasil*. 8a. ed. SP: Contexto, 2006.

Verissimo, José. História da Literatura Brasileira – De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Lisboa: Typ. << Editora L.da >>, 1916.

**ANEXO** - Perfil dos biografados de Januário da Cunha Barbosa na seção da Revista do IHGB.

<b>Biografado</b>	<b>Ano/Local de nascimento e morte</b>	<b>Filiação e Parentesco</b>	<b>Formação</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Títulos</b>	<b>Participação em academias e sociedades</b>	<b>Tomo/Ano</b>
José Basílio da Gama	1740/  Comarca de Rio das Mortes,  Província de Minas Gerais.  1795/Lisboa		Colégio dos Jesuítas (RJ).	Poeta;  Oficial da Secretaria de Estado do Marquês de Pombal.		Arcádia de Roma  Fundou uma Arcádia parecida com a de Roma aqui.	I  1839

	(não consta na biografia).						
D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho	1743/Campos dos Goitacazes (RJ).  1821/Rio de Janeiro.		Universidade de Coimbra.	Licenciado em Cânones na Universidade de Coimbra; Arceidiago da Sé do Rio de Janeiro;  Inquisidor Geral do Santo Officio;  Bispo de Pernambuco; Bispo de Beja; Escritor; Governador Interino;		Academia Real de Ciências de Lisboa.	II  1840

				Eleito deputado das Cortes pelo Rio de Janeiro.			
José de Souza Azeredo Pizarro e Araújo	1753/Rio de Janeiro.  1830/Rio de Janeiro.		Bacharel em Cânones na Universidade de Coimbra.	Tenente coronel, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça;  Autor das <i>Memórias Históricas do Rio de Janeiro</i> . <i>Procurador geral da três ordens militares, arcepreste da capella do rio de janeiro, deputado da mesa de consciência e ordens, deputado</i>	Ordem de Cristo; cavaleiro da ordem da torre e espada		II  1840

				<i>na primeira legislatura;</i>			
João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho	1722/Rio de Janeiro.  1799/Lisboa.	Pai, Capitão Mor Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria, senhor de terras e engenhos. Mãe, D. Helena d'Andrade Souto Maior Coutinho.	Bacharel em Cânones na Universidade de Coimbra.	Almotacel pelo Corpo Acadêmico; Vice Conservador e Ouvidor dos Coutos e Conselheiro; Deputado; No Brasil foi empregado do Real serviço; Desembargador da Relação da Bahia; Desembargador da Relação do Porto; Deputado da Real Mesa Censoria; Desembargador da Casa da Suplicação; Procurador geral	Comenda de S. Salvador de Serrozes na Ordem de Cristo.		II  1840

				da Santa Igreja de Lisboa; Procurador da Coroa; Ministro e Secretario de Estado; Conselheiro da Providencia Literária da Universidade de Coimbra; Desembargador do Paço; Censor da reforma da Legislação do Reino; Juiz Conservador Geral; Deputado da Mesa Prioral do Crato; Ministro da Junta do Exame do Estado e Melhoramento			
--	--	--	--	---	--	--	--

				Temporal das Ordens Regulares;  Guarda mor da torre do Tombo			
Antonio Pereira de Souza Caldas	1762/Rio de Janeiro  1814/Rio de Janeiro	Pai, Luiz Pereira de Sousa, negociante;  Mãe, D. Anna Maria de Sousa.	Bacharel na Universidade de Coimbra	Literato			II  1840
José Monteiro de Noronha	1723/Belém do Grão-Pará	Pai, Domingos Monteiro Noronha	Colégio da Companhia de Jesus	Advogado;  Magistrado;  Vereador; Vigário Geral do Rio Negro;			II  1840

	1794/Belém do Grão-Pará			<p>Vigário Geral do Pará; Vigário Capitular;</p> <p>Arcipreste da Catedral do Pará; Vigário Geral;</p> <p>Autor do Roteiro de navegação no interior da Província do Grão-Pará.</p>			
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha	1769/Comarca do Rio Negro – Grão-Pará  1811	Pai, Raimundo de Figueiredo Tenreiro, Capitão Mor da Villa de Gurupá e Provedor da Fazenda Real no Pará; Mãe, D. Teresa Joaquim Aranha.	Convento de S. Antonio	<p>Alferes de milícias;</p> <p>Diretor de Oeiras, vila de índios;</p> <p>Capitão de Caçadores;</p> <p>Escrivão da Abertura da Alfândega do</p>			<p>II</p> <p>1840</p>

				Pará; Escrivão da Mesa grande do Pará;  Autor de poesias, cantatas, sonetos, etc.			
Gregório de Mattos  Foi exilado para Angola devido as suas Satiras.	1623/Salvador  1696	Pai, Pedro Gonçalves de Mattos (Português); Mãe, Maria da Guerra;  “Seus paes possuíam, além de outras fazendas, um grande e bello canavial na Patatiba, onde haviam quasi 130 escravos de	Bacharel em Leis na Universidade de Coimbra.	Juiz do Crime e dos Órfãos; Tesoureiro Mor da Catedral de D. Gaspar Barata de Mendonça; Vigário Geral; Entrou para as Ordens Menores (Mas saiu da vida religiosa); Advogado; Poeta Satírico.			III  1841

		serviço repartidos por dois engenhos”.					
Manuel Ignácio da Silva Alvarenga	...../São João Del Rei – Minas Gerais  ?	Pai, Ignácio da Silva (músico)	Universidade de Coimbra/ Bacharel em Direito.	Literato; Advogado; Professor régio de retórica e poética;		Academia Literária do Rio de Janeiro; Arcádia (no Brasil).	III  1841
José Joaquim Carneiro de Campos	1768/Salvador  1836	Pai, José Carneiro de Campos, negociante; Mãe, D. Custodia Maria do Sacramento.	Congregação de S. Bento (Salvador); Graduado em Teologia na Universidade de Coimbra.	Literato; Professor dos filhos do Conde de Linhares; Secretaria de Estado da Fazenda (Portugal);	Marquês de Caravelas;  Comendador da Ordem de Cristo;  Comendador da Ordem da Coroa de Ferro da Áustria; Cavaleiro	Sócio Honorário da Sociedade de Medicina; Sócio Honorário da Academia de indústria agrícola manufatureira e comercial de Paris.	III  1841

				<p>Oficial da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino no RJ;</p> <p>Secretário da Universidade de Coimbra;</p> <p>Conselheiro Honorario de Capa e Espada do Conselho da Fazenda; Membro da comissão encarregada de examinar o estado do Tesouro Público; Membro do Conselho de Estado para confecção da Constituição Imperial; Senador</p>	<p>da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa;</p> <p>Dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro.</p>		
--	--	--	--	---	---	--	--

				pela província da Bahia; Ministério do Império; um dos Regentes do Império.			
Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello	1731/Rio de Janeiro  1774/Lisboa	Família de “ilustres servidores do Estado”; “irmão do sabio Bispo Conde Reitor e Reformador da Universidade de Coimbra, e do sabio Magistrado João Pereira R. d'Azeredo Coutinho”.	“procurou a gloria das armas apoiada na gloria das letras”.  Universidade de Coimbra, Faculdade de Leis e Cânones.	Capitão dos Dragões; Real Serviço; Coronel Agregado ao regimento da cavalaria de Alcântara; Governador da Capitania do Maranhão			IV  1842

Ararigboya (depois Martim Afonso)				“Indio valente, que tantos serviços fez contra os Francezes e Tamoyos n'esta bahia de Niteroy. [...] elle prestou grandes serviços aos Portuguezes.”	Cavaleiro da Ordem de Cristo; Capitão Mor de sua Aldeia.		IV 1842
Domingos Caldas Barbosa	“...morreu com mais de 60 anos...”	“O pai de D. C. B., depois de muitos annos de residencia em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia	“[...]conhecendo que não se adiantaria na carreira militar, apesar de seus bons creditos litterarios, porque o acidente de sua	“mormente quando improvisava ... tangendo uma viola, e cantando as glosas que fazia aos assumptos		Sócio da Arcádia Lisbonense.	IV 1842

		vinha uma preta grávida, que na viagem deu a luz o nosso Caldas”	côr lhe era então embaraço mais forte, do que o haver nascido fora de Portugal, deu baixa e passou-se para a Europa”	lyricos que selhe davam”.			
Henrique Julio de Wallenstein	1790/ Hogue, Silésia prussiana  1843/RJ	Pai, Nicolau de Wallenstein; Mãe, Izabel Kolker de Wallenstein	Colégio de Padres da Congregação de Jesus	Adido Militar da Rússia na Legação da Espanha;  Oficial na Secretaria de Estrangeiros em Petesburgo;  Legação nos EUA;		Sócio do IHGB; Membro da Academia de História e de outras Sociedades Literarias na Espanha.	VI  1844

				Cônsul Geral da Rússia no Brasil (a partir de 1832).			
--	--	--	--	--	--	--	--